3 1761 04133 9458

CARLOS R. ALVARÃES
Trab. simples e de luxo
Rua do Olival, 292—LISBOA
Tel. 67136

ALBINO FORJAZ DE SAMPAYO & BENTO MANTUA

O Livro das Cortesãs

Antologia
de
poetas
portugueses e brasileiros

2.ª EDIÇÃO
MUITO AUGMENTADA

ILUSTRAÇÕES DE

Alberto de Sousa, Antonio Soares, F. Valença, Hipolite Columb, José Malhôa, Martinho da Fonseca Menezes Ferreira, Roque Gameiro, Saavedra Machado, Santos Silva (Alonso) e Stuart de Carvalhaes

Livraria Editora
GUIMARÃES & C.ª
68, Rua do Mundo, 70
LISBOA

IMP. LUCAS

O livro das cortesãs

2.ª EDIÇÃO

(MUITO AUGMENTADA)

3.º E 4.º MILHAR

Composto e impresso na o p o
o o IMPRENSA DE MANUEL LUCAS TORRES
R. Diario de Noticias, 59 a 61

De **Albino Forjaz de Sampaio**

Palavras cinicas	(19.º milhar)	— 1905.	1 vol.
Crónicas imoraes	(7.º »)	— 1909.	1 »
Lisboa trágica	(8.º »)	— 1910.	1 »
Prosa vil	(6.º »)	— 1911.	1 »
Gente da rua	(5.º »)	— 1914.	1 »
Grilhetas	(6.º »)	— 1916.	1 »
Vidas sombrias	(3.º »)	— 1917.	1 »
A avalanche	(4.º »)	— 1918.	1 »
Cantáridas e violetas	(3.º »)	— 1918.	1 »
Os barbaros — I. Antonio Nobre	(2.º »)	— 1918.	1 »
Jornal de um rebelde	(4.º »)	— 1919.	1 »

De **Bento Mantua**

TEATRO

1.º vol. — *Novo altar*, 1 acto
Má sina, 3 actos — 1911. 1 vol.
2.º vol. — *O alcool*, 1 acto
Gente moça, 3 actos — 1913. 1 vol.
3.º vol. — *A morte*, 1 acto
Ordinario... marche, 3 actos — 1915. 1 vol.
O Fado, 1 acto — 1915. 1 vol.
Freira, 1 acto — 1916. 1 vol.

Albino Forjaz de Sampayo

e

Bento Mantua

O livro das cortesãs

Antologia de poetas portugueses e brasileiros

ILUSTRAÇÕES

DE

Alberto de Sousa, Antonio Soares, F. Valença, Hipolite Collomb, José Malhôa, Martinho da Fonseca, Menezes Ferreira, Roque Gameiro, Saavedra Machado, Santos Silva (Alonso) e Stuart de Carvalhaes.

GUIMARÃES & C.ª
EDITORES
68, Rua do Mundo, 70
LISBOA

PQ
9161
P7F6
1920

PREFACIO

A idea d'este livro nasceu de um livro egual francez. Chama-se elle *Les Poètes de la Courtisane* e não é, no mercado livresco da França, dos livros menos lidos e menos apreciados. Todos os poetas francezes, do lubrico Villon ao archi-perverso Jean Lorrain, ali passam, pagando o seu tributo, á semelhança dos poetas dos tempos aureos. Diderot, Béranger, Murger, Banville, o delicadissimo Musset, o Victor Hugo enorme, todos desfolham sobre a vida da cortesã as flores singulares da sua inspiração.

Oh! n'insultez jamais une femme qui tombe!
Qui sait sous quel fardeau la pauvre âme succombe?

Ficaram eternos estes versos. Eternos por toda a eternidade como a cortesã.

A cortesã! Como ella acompanha a historia da humanidade! Na India, rodeada de lotus em flor, subiu a montanha sagrada de Siva para adorar o Linga e cumprir as uniões e luxurias do livro sagrado de Vatsyayana.

Era uma pobre bayadeira encarregada de não deixar apagar o fogo eterno do Amor. Sob a egide de Venus e de Milita, a filha de Babylonia, nos templos e nos caminhos, abriu docemente os braços ao estrangeiro para que elle deitasse no seu regaço a moeda da Lei.

No velho Egypto de Isis e Osiris chama se a filha do rei Cheops. Com o preço de suas condescendencias eleva duas piramides, e Herodoto, o pae da historia refere a sua vida singular. Chamou-se Rhodopis, a Dorica, construiu a piramide de Mycérinus e o rei Amasis foi seu apaixonado. Chama-se Cleopatra e tem por escravo Antonio. Chama-se Agathoclea e Ptolomeu, o Philadelpho, erige-lhe estatuas. Entregou o seu corpo nas peregrinações emquanto o som das flautas e dos crotalos subia e das margens do rio a multidão acclamava, ebria de goso.

Foi em Jerusalem, «a grande prostituta» de Ezequiel, esperar os homens ás encruzilhadas para que elles se saciassem da sua carne morena e ardente. Filha de Israel, chama-se Salomé e obtem de Herodes-Antipas a cabeça do propheta. Chama-se Lia, Rachel, Sara, Thamar.

Chamou-se Dalila e atraiçoou Samsão; chamou-se

Samaritana e foi abençoada de Jesus; foi Maria Magdalena e enchugou com seus cabellos os pés do Nazareno. Salomão cantou-a em seus poemas com o nome de Sulamite.

Em Chypre orou a Venus Amphitrite; em Carthago ganhou os dotes dos seus esponsaes; foi na Syria mercadoria preciosa.

Na Grecia dos deuses immortaes escreve versos, discreteia com os philosophos, dorme com generaes. E' Sapho, natural de Mitylene, e Platão chama-lhe bella. E' Glicera e Menandro immortalisa-a. E' Lamia e Demetrius, o vencedor de Ptolomeu, junge-se ao seu carro triumphal. Os gregos divinisam-na sob o nome de Venus Lamia. Plutarco fala da sua belleza e do seu perfume.

Chama-se Aspasia. Cratinus chamou-lhe cortesã. Que importa se Pericles a ama e esposa? Causou a guerra de Samos mas Socrates deveu-lhe a posse do jovem Alcibiades. Chama-se Phryneia e deslumbra com seu corpo os juizes do Areopago. Apelles retratou-a, Praxiteles esculpiu-a. Ambos foram seus amantes. Podia ter reedificado os muros de Thebas e a sua estatua venerou-se no templo de Diana em Epheso.

Chama-se Laïs, foi amante de Apelles; recusa Demosthenes e Diogenes mas Xenocrates vinga os amorosos pobres que não possuiam as 10.000 drachmas que os seus carinhos custavam:

«Non cuivis homini contingit adire Corinthum»

disse Horacio.

Chamou-se Flora e teve o busto no templo de Castor e Pollux; chamou-se Leoncia, foi amante de Epicuro e antagonista de Theophrasto.

Chama-se Leena. Conspira. E' a heroicidade, como Phryneia é a forma e Aspasia o espirito. Para não denunciar corta a lingua com os dentes e cospe-a á face dos juizes. Teve o seu monumento. Uma leoa ferida, sem lingua.

Chama-se Targelia. Foi prostituta, foi depois rainha. Chama-se Thaïs e escravisa Ptolomeu ao seu amor. Chama-se Lasthenia e assiste ás lições de Platão.

Foi ainda ella, a cortesã, quem deu o melhor do seu ouro para construir o tumulo de Aliatte, pae de Creso, e quem nos tempos da fabula livrou a cidade de Abydos dos seus assediantes. Era ella quem nos muros do Ceramico, louca hetaira atheniense, mandava escrever por um escravo o seu preço e o seu nome.

Mas a Humanidade não pára. Depois da Grecia, Roma. Depois das Phrynés as Messalinas. O espirito evolara-se. A' perfeição hellenica seguiu-se a sensualidade romana e a cortesã chamou-se Messalina entregando o corpo a quem o queria, nos lupanares da Roma dos Cezares. Chamou-se Neera, Inachio, Cinera, Licoria, Lydia, e Horacio cantou a em seus poemas. Chamou-se Lesbia e Catullo morreu nos seus braços. O grande amigo do Cornelio Nepos e de Cicero amava-a ternamente. Chamou-se Hostilia e foi amada por Propercio: Delia e Glycera, e Tibullo adorou-a: Chloé e mereceu os epigramas de Marcial; Arethusa, a ardente de cabellos loiros, e Petronio ren-

de-lhe finezas; Carinna, e Ovidio morre beijando o annel que tinha os seus cabellos.

Durante a Edade Media ella é successivamente Branca, mulher de Clotario III, Fredegonda, a Sr.ª Mortfontaine, a duqueza de Cany, Odette de Champdivers, a concubina de Carlos VI, e Ignez Sorel, a que livrou a França dos inglezes. Acolhe-se na Corte dos Milagres, até que a Renascença chega abrindo-lhe as portas douradas da intriga e do luxo.

Chama-se então Luiza Clermont. Tem verve. Clément Marot canta-a nos seus versos, Brantôme, o das *Damas galantes*, faz-lhe o elogio. E' Anna de Pisseleu, duqueza d'Etampes e Francisco I dá lhe uma corte de galanteadores. Chama-se Diana de Poitiers e faz apaixonar por si Henrique II. Chama-se Margarida de Valois. Chama-se Macette, e Régnier mette-o nos seus poemas. Chama-se Ninon de Lenclos e é o espirito. Catharina de Suecia visita-a. Richelieu é seu amante. Chama-se Marion Delorme e é a graça. Chama-se Lenoble Dalesso, Toussine. E' depois a La Valliere, a Montespan, a Maintenon e partilha do leito de Luiz XIV. Chama-se a Pompadour e a Grandy de Ville e dorme com Luiz XV. Algumas vezes nasce fadada para a realeza como Paulina Borghese, e pousa para que Canova, o esculptor, gose o seu corpo e modele a sua Venus. Outras, depois de ter dormido com reis, como a Grandy de Ville, acaba mizeravelmente fazendo a vagabundagem das ruas. Nasce na prisão como a Maintenon, chega a duqueza e preside aos destinos da França. Dá-se aos vagabundos e maru-

jos e chega a embaixatriz como Emma Liona. Tem por amante Nelson, o vencedor de Aboukir. Passeia no mar qual outra Cleopatra buscando o seu Antonio e, como aquella, enche de ignominia o nome do seu grande amante. Chama-se, durante os tempos sanguisedentos da Revolução, Théroigne de Mericourt, «a cortezã republicana», e morre ás mãos da populaça que ella passára a vida a excitar.

A cortesã! Quer tenha inspirado os crimes do Marquez de Sade ou tenha sido Imperia, ou Lucrecia Borgia, Leonor Telles ou a *Calcanhares*, aquella Maria Negra, a Maria do Grave e a Luzia Sanches do *Cancioneiro da Vaticana* ou as mencionadas nos versos eroticos de Bocage e na *Historia do fado* de *Tinop*, Madame de Paiva, a Severa ou a Cezaria, quanto lhe não deve a Humanidade e a Civilisação! A Cortesã? Mas é enorme a sua vida, espantosa a sua historia. Que seria o mundo sem a Cortesã!?...

* * *

Teve deuses o Amor e cortesãs varias chegaram a santas. Na India o grande Siva delega o culto do Amor na imagem do Linga, irmão do Priapo egypcio e do Phalus grego. Na Asia é Bahhal-Pehhor, Moloch, Atis e Adonis. E assim como Krishna é o deus do Amor para a India, assim Cupido, o filho de Venus, o é para o velho mundo pagão. O Amor todavia prefere as Deusas. Venus domina, Venus impéra. E' sempre Venus embora outros sejam os seus nomes.

Os assyrios chamam-lhe Mylitta, os persas Mithra, os arabes Alitta, os chaldeus Déléphat, os babylonios Salambô, os armenios Anaitide, os phenicios Astarte, a deusa de Sidone, os egypcios Isis. Na Grecia porem é apenas Venus. Ou Venus Ourania, a Venus do Amor espiritual, ou Venus Pandémos, a do materialisado amor. Foi sob o culto de Venus que floresceram as tres idades da prostituição: a hospitaleira, a sagrada e a legal. Foi sob o seu templo e aos pés dos seus altares que as multidões luxuriosas vieram saciar a sua carne em rudes amplexos, como sob o culto do Linga as populações em massa deixaram as cidades para que os fakires lhes fecundassem as femeas. Venus era a grande deusa que estava em toda a parte e sob todas as denominações. Era a Venus Peribasia, a que presidia ao Amor artificial; a Venus-Muchela, Castnia, Darceto, Mechanitis, Callipygia, a das bellas nadegas, como depois na Roma famosa ella havia de ser a Venus-victrix, genitrix, erycine, volupia, salatia até á Venus cloacina por ter sido encontrada sepulta no lodo da grande cloaca de Tarquinio. E Aphrodite, Salambô ou Venus, Venus ficou sempre presidindo aos destinos do Amor humano.

Depois, entre os christãos, a cortesã teve logar no ceu, no espaço reservado aos deuses menores. Santa foi Maria de Magdala, a Maria Magdalena que assistiu á morte e ao enterro de Christo. Se o leitor gosta de escogitar curiosas cousas busque o *Cavar em ruinas* do nosso Camillo que lá verá sobre a Santa um excerpto de sermão de Fr. Diogo Ximenes Arias de

Alcantara, algum descompassado parvo frade que devia ser tão forte em razões theologicas como na asneira. [1] Santa foi Afra, pecadora que foi queimada viva; foi Theodora, foi Pelagia, [2] cortesã em Antioquia, foi Maria Egypciaca, [3] foi Thaïs. A religião não desamparou nunca a cortesã e não é raro topar nos bordeis bentinhos, santos e o perfume do incenso. O sr. Firmino Pereira refere-se a isto no seu *O Porto d'outros tempos:*

«A devoção era tam profunda que até nas tavolagens e casas mal afamadas da Sé, onde se reuniam, planeando torpezas, rufiões e marafonas, perpetua-

[1] E' curioso este trecho do frade: «As mulheres vãs e perdidas, principalmente offendem de 3 modos, atrahindo a si os perdidos e vãos: com olhos, cabello e boca. Com os olhos guinando e fazendo senhas, e amando luxuriosamente; com os cabellos, enfeitando-os e curando-os para mau fim; com a boca, beijando e proferindo os seus costumados requebros.» Camillo achou graça ao *guinando* — «imaginosa, propriissima e excellente palavra».

[2] «moça gentia de rara formesura & publica pecadora» Bernardes, *Nova Floresta*, descreve-lhe trajos e arreios.— (1.º vol) e no vol. X pag. 180 da *Revista Luzitana* encontra o leitor o mesmo, de um codice de Vienna, onde tambem ha a «vida de Tarssis, molher que foy muyto peccatrix».

[3] — Santa Maria Egipciaca tem bibliografia larga. Lembram nos: — *La gitana de Menfis, Santa Maria Egipciaca Comedia famosa. Del Doctor Juan Perez de Montalvan.* s. l. n. d.— *A famosa tragicomedia da conversam, penitencia & Morte de Santa Maria Egipcia a pecadora. Composta por Luiz Ribeiro, natural de Coimbra.* Em Lisboa por Antonio Alvarez. 1619-4.º-2-24 fl.

mento ardia uma devota lamparina diante da virgem — como nas cavernas da Calabria, diante da *Madona.*» Nada admirava porem. Santo Agostinho acha necessaria a cortesã e a sua penna se n'ella se demora é para santamente dizer a sua indulgencia. S. Luiz reconhece a sua existencia legal. Que mais queria, que mais pode desejar a cortesã? . . [1]

* * *

A cortesã quando foi a bayadeira sagrada de Siva denominou-se *dévadassi* ou *natché* conforme a sua prostituição era ou não religiosa. As que apenas estavam ao serviço dos ricos, essas tiveram o nome de *vestiatris* e *cancénis.* No Egypto chamaram-lhe *almée*, na Judeia a *estrangeira.* A bachante grega foi a *etherea.* Abaixo d'esta estava a *auletridea* como a seguir estava a *dicteridea.* Em Roma as *bonæ meretrices* dividiam-se em *delicatæ* e *pretiosæ* e conheciam de perto os pretores e os decuriões. As cortesãs de plebe, pobres e vulgares *prostibulæ, lobas* humildes e vagabundas, essas eram *putæ, alicariæ, casoritæ, copæ, diabolæ, forariæ, blitidæ, noctuvigilæ, prosedæ, perigrinæ quadrantariæ, vagæ, scrota, scrantiæ,* [2] conforme o local escolhido para exercerem o seu mister.

---

[1] — «As meretrizes, em honra de Flora, que exerceu esta profissão, celebravam humas festas chamadas *Floralia* a 28 de Abril »

[2] — Dr. E. Dupouy — *La Prostitution dans l'Antiquité* — 1898, pg. 191.

Entre nós o lexico tem multidão de palavras para a designar. O filosofo dizia ao imperador Adriano que a mulher é «malum necessarium», e o nosso D. Duarte chamou lhe «vaso de demonio». Mas aquelle Donnas Boto, por Camillo citado no *Cancioneiro Alegre*, chama-lhe nada menos que «boneja, loureira, rameira,[1] michela, polha, marafona, cantoneira e rascôa». Camillo, o sarcasta, lembra «aquillo que Pantagruel chamava á mãe do marinheiro na cap. XXII de liv. IV, e Gil Vicente chamava ás mães de muitos seus personagens na presença das rainhas».[2] Se quizermos encontraremos ainda a palavra famosa nas obras do Chiado,[3] nos *Burros* do padre José Agostinho, no *Cancioneiro da Vaticana*, no *Livro de Linhagens* do Conde D. Pedro, na *Fastigimia* de Thomé Pinheiro da Veiga, nas poesias fesceninas de Bocage, no *Primo Bazilio* de Eça e no *Livro d'Aida* de Abel Botelho. O fabulario portuguez que se conserva em Vienna de Austria[4] lá traz as quatro letras famo-

[1] — Viterbo falando de *Frascario* diz que é homem dado a mulheres e vem do italiano Frasca, que he o mesmo que rama; porque como ave, que anda de ramo em ramo, anda o lascivo e libertino de meretriz em meretriz. Desta metafora veiu o chamarem os hespanhoes *Ramera* á mulher estragada e prostituida.

[2] — E Camões no *Auto do rei Seleuco* junta ao denominativo de filho: «Oh fidep . bargante».

[3] — Publicadas por Alberto Pimentel. Cunha Rivara suprimiu os dois versos no vol. IV pg. 406 do *Panorama*.

[4] — *Revista Luzitana*. Vol. VIII.

sas que Bernardes o oratoriano accrescentou de modo a formar *putana*, muito mais discreto e quiçá talvez mais theologico.

A maioria dos classicos soube dizer as cousas com discreção absoluta: Fernão Lopes chama-lhes «mancebas mundanarias» e Cristovam Rodrigues d'Oliveira inscreve-as sob a curiosa rubrica de «mulheres que fazem visinhos». Havia em 1551, na cidade de Lisboa, 24 d'essas creaturas.[1] Bernardes que chamava á paixão «fervenças do corpo» e que dizia das relações intimas «conhecia-lhe a cama»,[2] chama-lhes «mulheres de ruim vida ou ruim tracto, publicas peccadoras e moscas».[3] No Foral de Atouguia, D. Affonso Henriques chama-lhe «mulher torpe» e o *Elucidario* de Viterbo revela-nos o nome sob «mancebas solteiras mundanaveis, ganças e hervoeiras» d'onde

[1] — Em 1890 segundo os dados do Dr. Armando Gião eram 800 para 250 000 habitantes. Hoje deve o seu numero andar por 950. O progresso não é um comboio que corre, é uma arvore que fructifica.

[2] — Encontra-se n'uma quadra popular do C.° de Villa Real a mesma ideia expressa:

Defamaram-me comtigo
Eu não sei a tua cama:
Peço a Deus perdão
P'ra quem comtigo me *defama*.

Rev. Luzitana, vol. IX — pg. 255.

[3] — «foi assim chamada porque era famosa meretriz amiga de se pôr nos corpos para lhes tirar o sangue.»

vem ainda hoje se lhes conservar ao fructo o nome de «filho das hervas». [1] Damião de Góes appelida-as «molheres solteiras publicas» e Ribeiro Sanches «mulheres de má fazenda». [2]

Para Fialho d'Almeida são «mulheres de leito», e para Ricardo Jorge «mulheres livres».

Nada porem é isso, que o leitor alem da «meretriz, mulher publica e tolerada» ainda tem nos vocabularios o nome de cortesã, zorra, prostituta, bachante, cocote, horisontal, borboleta, gatuna de forasteiros, mulher ou moça da vida, mundana, mulher perdida, pinoia, pega, croia, vagabunda, pecadora, galderia, desgraçada, da meia porta, infeliz, pecora, galdrana, mulher de ganhar, de vida facil, matriculada e magana. [3]

Não ha entre nós uma escala gradativa ou hierarchica para a applicação d'estes nomes. Homens pra-

---

[1] — Hervoeira se disse do verbo *Herivergare*, que significava «*hospicio exclepere mansionaticum præbere, vel in alia qua morari domo.*» (Viterbo).

[2] — «Cantigas de amor tão descompostas que corei de pejo como se me achasse de repente, em bordeis ou com mulheres de má fazenda.»

Cit. Raul Brandão. *ReiJunot*, pg. 148.

[3] — E ainda se folhear *Os Ciganos em Portugal* de Adolpho Coelho o leitor encontrará *culatrona*, como meretriz vilissima; *patrajona*, a que segue regimento de terra em terra; *galdrapinha*, *pente* e *pitada*. Na giria do seculo XVIII, *marca;* e na algaravia dos malandros, que é como quem diz lidimo calão, *lúmia*, *meneza*, *zoina* e *tronga*. *Mulher de Marmore* lhe chama ainda o *Diccionario de vocabulos exquisitos que o uso tem feito admitir* por Aleixo Alonso. Lisboa.

ticos os francezes já a fizeram e a applicam. [1] *Demi-mondaines*, *cocottes*, *cocodettes*, *marcheuses*, *retapeuses* e *gotons*. As primeiras teem palacete proprio ou *appartement* na Rue Auber ou no Bois, um *chateau* na Touraine e amantes banqueiros; as ultimas dormem á luz da lua sobre os bancos, rondam as casernas, as *halles* e as fortificações e são as putrafactas flores de vaza.

Na lingua-verde, no argot francez, a *fille-publique* tem designações curiosas. Assim é *fleur du macadam* ou *fleur du trottoir*, *Marie-couche-toi-là*, *hirondelle*, *Madelaine* e *gigolette*, alem de todas as outras que o leitor conhece ou que o Sr. Aristide Bruant ou Jean la Rue lhe dirá se não sabe. Tambem no calão brazileiro a cortesã é *gerianta*, nome que já vem do calão argentino. Como o leitor vê, não lhe tem faltado nomes, á pobre cortesã, por esse mundo de Christo... [2]

* * *

Se a cortesã foi o genio, a graça, o espirito, a belleza, foi tambem a inspiradora na Arte de todas as Venus maravilhosas dos esculptores, de todas as Venus e Salomés que da paleta magica dos grandes genios da pintura sahiram. De Phidias e Praxiteles, de Apelles até nossos dias, quantos milhões de cousas

[1] — Levic-Torca (Victor Leca) — *Paris-Noceur*.

[2] — Veja no capitulo *A prostituição*, do livro de Mantegazza *O amor dos homens*, a lista dos nomes e synonimos que tem tido a cortezã.

bellas se não tem feito para ella apenas. E' ver o Museu do Louvre, o gabinete de Numismatica da Bibliotheca Nacional de Paris, as 48 *Figuræ Veneris* de Forberg ou as 16 figuras famosas de Aretino que Julio Romano compoz e Marco Antonio Raimondi gravou. E' ver toda essa arte de medalhas de Mylitta, amuletos phalicos, phalus votivos, pedras gravadas, onix e esmeraldas. E' ver o museu reservado de Napoles e ir á via do Lupanar da Pompeia soterrada. Lá estão ainda os frescos que parecem de hontem. Lá está o lupanar e a casa do boticario, contigua, com a sua inscripção latina, que elle, farto de se levantar, para attender gente que se enganava no ferrolho, mandou pôr:

> «Gente ociosa e tresnoitada, passa de largo. O que procuras está na outra porta. Esta procura-se depois pelo remedio.»

A cortesã! E agora mesmo poisam meus olhos n'uma miniatura de Wateau: *O embarque para Cythera*. A cortesã! Mas é um mundo, afinal...

* * *

Na litteratura? Gregos e romanos referiram-se lhe largamente. Herodoto já a canta nas suas paginas, Plutarcho não a esquece na *Vida dos varões illustres*. Se Luciano escreveu o *Dialogo das cortesãs* que se pode ler nas Bibliothecas classicas e Pierre Louys traduziu, e Petronio nos deu o *Satiricon*, todos, de Horacio e Ovidio, de Juvenal, Tibullo, Propercio, Catullo, Persio e Marcial até nossos dias se oc-

cuparam da cortesã. A *Biblia* nomeia-a infinitas vezes nas suas paginas, o que deu causa á *Biblia Erotica* de Mirabeau. O *Kama Sutra*, que vem dos tempos immemoriaes de Siva, é-lhe consagrado.

Muitas vezes mesmo os escriptores do nosso tempo se comprazem com volupia em evocar as hetairas e a devassidão dos velhos seculos. Aretino consagra-lhe uma comedia *La Cortigiana*. Pierre Louys escreve a *Aphrodite*, Anatole France a *Thaïs*, Flaubert a *Salammbô*, Blasco Ibañez a *Sónnica la cortesana*. Sienkiewicz com o *Quo vadis*, Emilio Castellar com o *Nero*, Jean Lombard com o *Heliogabalo*, Eckstein com *Os Claudios*, e o nosso Souza Monteiro com os *Amores de Julia*, todos de alguma maneira a fazem perpassar nas suas paginas, elevando-a ou flagellando-lhe o nome, mas todas lhe devem o melhor dos seus descriptivos e o mais enternecido dos seus periodos. Aretino deve-lhes a sua licenciosa celebridade. Brantôme e o Abbade de Faublas nunca seriam conhecidos se não tivessem escripto a *Vida das mulheres galantes* um, as suas *Memorias* o outro. Quem fez a celebridade de Prevost senão a sua *Manon Lescaut?* Qual é a obra mais conhecida de Alexandre Dumas senão o romance d'essa terna Maria Duplessis que elle encantadoramente chrismou em *Dama das Camelias?*

Pois não conhece toda a gente as paginas prodigiosas de a *Sapho* que maravilhosamente Daudet viveu? Pode alguem desconhecer essa soberba *Resurreição* de Tolstoi? Quem deixou de conhecer a

Naná, que Zola fez nua e crua? E *A Casa Tellier* e a *Bola de cebo* de Maupassant? O *Calvario* e as *Memorias de uma creada de quarto* de Octavio Mirbeau? E essa prodigiosa *Salomé* de Oscar Wilde? E a *Prostituée* de Victor Marguerite?

Balzac tem um livro sobre os seus esplendores e miserias; os Goncourts consagraram devotadas paginas a Madame Pompadour; Theophilo Gauthier traçou, admiravelmente evocativa, *Uma noite de Cleopatra;* Catulle Mendès deve-lhes a celebridade; Belot tem um livro que intitulou *A Cortesã;* Pierre Decourcelle celebrizou-se com a *Galderia;* Perez Escrich conquistou mais leitores com a *Magdalena.*

A cortesã! Mas foi ella a inspiradora dos versos de Bruant, esse Bruant que Steinlen illustrou e que tem tudo: o cynismo, a resignação e a revolta:

C'est d'la prison que j't'écris,
Mon pauv' Polyte,
Hier je n'sais pas ce qui m'a pris,
A la visite:
C'est des maladi's qui s'voient pas
Quand ça s'déclare,
N'empêch qu'aujour d'hui j'suis dans l'tas
A Saint-Lazare!
. . . . . .
J'finis ma lettre en t'embrassant
Adieu mon homme,
Malgré qu' tu soy' pas caressant
Ah! j't'ador' comme
J'adorais l'bon Dieu, comm' papa
Quand j'etais p'tite
Et qu' j'allais communier à
Sainte-Margueritte.

No theatro o exito da *Marion Delorme* do velho Hugo e da *Dama das Camelias*, da *Galderia*, da *Manon*, da *Zázá* são indiscutiveis. Na Hespanha a *Malvaloca* dos irmãos Quintero foi um acontecimento theatral. Uma cortesã redimida pelo amor. Apaixonada por um industrial de fundição ella chora amargamente não poder começar de novo, porque tambem elle o pensa

> Meresía esta serrana
> Que la fundieran de nuevo
> Como funden las campanas.

E Feliu y Codina não tinha dado na *Dolores* a cortesã amante?

> Se a Calatayud tu fôres
> Procura pela Dolores,
> Moça linda, e que é amiga
> De fazer os seus favores. [1]

Entre nós, Antonio Ferreira no sen *Cioso* e Camões no *Sitim* já algo dizem. Os cancioneiros publicam-lhe os nomes. Só de Miranda escreve a Vida da *Egypciaca Santa Maria* aquella que

> .. se nos primeiros annos
> mundanos a perseguiam
> depois que os annos corriam
> ella seguia os mundanos
> porque elles a não seguiam.

---

[1] — Coelho de Carvalho traduziu. Lisboa, 1895.

Diogo Vaz Carrilho traduz a *Historia das vidas de Santa Maria Egypciaca, S. Thais e Santa Theodora* (Lx.ª 1737) e tambem no manuscripto portuguez de Vienna d'Austria se encontra *A Rameira Tayda e o mancebo*, fabula que a S. Thais se refere.

A nossa litteratura moderna não a esquece. Camillo tem na sua obra a rameira Francisca Ruiva e a Liberata. Abel Botelho consagra-lhe o seu *Livro d'Alda*. Alfredo Gallis escreve um volume na *Tuberculose social* sobre *Mulheres perdidas*. *A Bandeira* de Lino Macedo é apenas a historia de uma pobre cortesã. *A Princesa de Boivão*, adoravel romance de Alberto Pimentel, mais não é do que a historia de uma creatura a quem o amante vingativo abre no corpo as quatro lettras ferreteantes. Rocha Martins dedica dois livros seus a cortesãs regias: A *Madre Paula* e a *Flor da Murta*, como Andrade Corvo já havia dedicado um á celebre *Calcanhares: Um anno na côrte*.

A actriz Berthe Baron no papel de «Gigolette» da revista «Dóminó»

No nosso theatro, a *Perola* de Marcellino de Mesquita, prohibida por immoral, é um

bello trabalho que nenhuma immoralidade tem. A *Severa* de Julio Dantas foi tambem transladada ao romance e á opereta. D. João da Camara com a *Rosa Engeitada*, a

Engeitada pela sorte,
engeitada pela mãe,

alcança um grande numero de representações. [1] No *Azebre* de Lopes de Mendonça, Adelia e Manola são dois typos de rameiras frustes.

Por ultimo está ainda recente o grande exito de *O Fado* de Bento Mantua, esse grande e estranho dramaturgo, vivificação do quadro celebre de Malhôa e evocação da *Canção das perdidas* de Augusto Gil.

Nas revistas do anno é agora sempre obrigatorio o fado cantado por uma rameira da viella: arrecadas nas orelhas, bandós lustruosos, blusa de marujo e saiote de baeta encarnada com a chinela pespontada, bailando na ponta do pé, gingando amavios, pigarreando plangencias nas cordas da doce lira, interprete fiel da sua vida triste. E' o *fado do ciume* do *Capote e lenço*, é o

An or p'ra ser perfeito,

é a *canção dos apaches* do *31*; é emfim uma matula tal de fados onde a cortesã aparece, que não chega-

[1] Dando logar tambem a uma ceia celebre dos auctores da *Rosa* e da *Severa* no Salão da Trindade.

ria este livro todo, afinal. A Cortesã! tem sustentado muito revisteiro, seja isto dito sem *double sens*.

Se fôrmos buscar á alma do povo, clara, ingenua e simples tambem de Norte a Sul, encontraremos a sua musa tratando a cortesã. Ha mesmo n'essas quadras ternas um fundo nativo de sentimentalidade e de fanatismo que as tornam pequenas joias invulgares d'essa extraordinaria, riquissima, litteratura. No poema *Albaninha* do cancioneiro transmontano, apparece expressa a mesma idéa da legislação antiga, da mulher peccadora a quem o matrimonio redime. E' o caso de dois irmãos fidalgos que dormiram com *Albaninha* e dizem:

Respondeu o mais novinho
— Irmãos vamos a casá-la?
Muito ouro e muita prata
Temos nós para lhe dar;
Co'a fama de um grande dote
Alguem a ha de acceitar. [1]

As quadras do Norte teem um tom de maior religiosidade que as do Centro e do Sul. Assim é que ouvimos.

Coitadinha de quem cria
Uma filha para o fado
P'r'a ver de canto em 'squina
Aos pontapés d'um malvado. [2]

---

[1] — De Vinhaes — *Rev Lusitana*, vol. IX, pag. 311.
[2] — Villa Real — *Rev. Lusitana*, vol. IX, pag. 257.

Se vires a mulher perdida,
Não a trates com desdem:
Porque Deus tambem castiga,
Não diz quando nem a quem. [1]

O' minha mãesinha
Não me chame sua filha:
Eu sou uma desgraçada,
Que nasci p'rá triste vida. [2]

Tenho ũa prima no Porto,
Outra no caes da Ribeira:
A do Porto era bem boa,
Se não fosse rabaceira. [3]

Oh! mulher! oh prostituta!
Rainha d'elle penar!
Só tu foste a causadora
D'eu á disgracia chigar. [4]

Eu fui a mais desgraçada
Das filhas de minha mãe;
Todas tem a quem se cheguem
Só eu não tenho ninguem. [5]

---

[1] — Ag. Campos e Alb. Oliveira —*Mil Trovas*, CCCLXXVI e T. Braga — *Cancioneiro popular portuguez*, pg. 215. Na *Rev. Lusitana*, vol. X pg. 203 ha esta quadra com a seguinte variante no 3.º verso:

Que Deus tambem castiga.

[2] — *Rev. Lusitana*, vol. X, pg. 200 — Villa Real.
[3] — *Rev. Lusitana*, vol. X, pg. 204 — Villa Real.
[4] — *Rev. Lusitana*, vol. V, pg. 168 — Trancoso.
[5] — *Mil Trovas*, DCXCIV.

As canções da Beira teem ainda a mesma côr litteraria das antecedentes.

Quem tiver filhas no mundo
Não fale das malfadadas;
Porque as filhas da desgraça
Tambem nasceram honradas. [1]

Das filhas da desventura
Devemos ter compaixão;
São mulheres como as mais,
Filhas de Eva e Adão. [2]

Minha mãe chamou-me Rosa,
Tinha de ser desgraçada;
Pois não ha nenhuma Rosa
Que não seja desfolhada. [3]

Quem se viu como eu me vi...
E se vê como eu me vejo!...
Não se lembra mais do mundo;
Só da morte tem desejo. [4]

---

[1] — *Mil Trovas*. CCCLXIV. T. Braga. *Cancioneiro*, pg. 79. Na *Rev. Lusitana* a pag. 131 do vol. X ha uma variante de Villa Real.

O' paes que tindes as filhas
Não faleis das malfadadas:
As filhas da desgraça
Tambem nasceram honradas.

Veja *Tinop*, *Historia do fado*, pg. 85.

[2] — T. Braga, *Cancioneiro*, pg. 79.
[3] — T. Braga, *Cancioneiro*, pg. 98.
[4] — T. Braga, *Cancioneiro*, pg. 114.

Não me fales á esquina,
Que eu não sou mulher do mundo;
Vem-me falar ao postigo
Bem sabes aonde durmo. [1]

As da Extremadura, Alemtejo e Algarve propendem para a ironia: E se esta

Os meus paes me abandonaram
Ninguem já tenho dos meus;
Sou a filha da desgraça
Vivo da graça de Deus. [2]

é commovida, as que se seguem bem mostram que outra é a feição das gentes, mais citadina e menos sentimental:

Eu amara-te, menina
Se não fôra um senão,
Seres pia de agua benta
Onde todos põem mão. [3]

A mulher do meu visinho
E' uma santa mulher;
Dá os ossos ao marido,
E a carne a quem ella quer. [4]

Se os homens morressem todos
A' bocca de uma espingarda.
Não haveria no mundo
Tanta mulher desgraçada. [5]

[1] — T. Braga, *Cancioneiro*, pg. 30.
[2] — Ha uma variante *Tinop*, *H.ª do fado*, pg. 134.
[3] — T. Braga, *Cancioneiro*, pg. 92.
[4] — T. Braga, *Cancioneiro*, pg. 249. *Mil Trovas*, CDLXXXVI.
[5] — T. Braga, *Cancioneiro*, pg. 308.

Quanto a Lisboa é por excellencía a cidade do Fado canção e é aqui que na banza a cortesã carpe a sua desventura: [1]

Os meus beijos são gelados
E o meu coração é frio,
Nos labios tenho a mentira,
O pudor de mim fugiu.

No infame lupanar
Tudo é nojento lameiro,
Sorrir quando os olhos choram,
Vender amor a dinheiro.

Anda cá mulher perdida
Eú te quero abraçar,
Na flor da tua vida
A honra te fui roubar.

Infeliz creança bella.
Perdida p'lo seductor,
Porque assim a desgraçaste
Com tão rude desamor?

Por ti, a quem tanto amei,
Fui desprezada, esquecida.
Hoje vivo lamentando
A minha honra perdida.

Da virgem faz-se a perdida,
Tudo sofre transição;
Do amor puro vem gloria,
Do impuro a perdição.

[1] Sobre o fado alem da *Historia do fado* já referida veja *A triste canção do sul* de Alberto Pimentel, Lisboa, 1904 e os *Fados* e *Canções de Portugal* de João do Rio, Rio de Janeiro.

O meu amor ê rufia;
Eu rufia tambem sou ;
Eu rufia, elle rufia,
A gente cá se ageitou.

Guitarra, lyra divina
Onde canta a sorte varia,
Em que chorou a Severa
E lagrimeja a Cezaria !

Se tens empenho em saber
Qual é o canto adorado
Vae ao coté da Severa
Pergunta pelo seu *fado.*

Anjo cahido uma vez
E' banido entre os mortaes
Porque as leis sociaes
O entreolham de revez.

Por tua immensa loucura,
Tão devassa te tornaste !
Pae e mão tudo deixaste
Com pranto e com amargura.

Foi-se a graça e formusura
Dos festins do lupanar
Continua a porta aberta
Mas ninguem lá quer entrar.

Chorae, rapazes, chorae,
Guitarra toca com dor,
Morreu a Borboleta [1]
Queimada em fogo d'amor !

---

[1] — Hetaira celebre. Pode ver-se um fado á sua morte a pag. 215 da *Historia do fado.*

E' digna de compaixão
A jovem desventurada,
Que perdeu da honra a flor
Sendo depois desprezada.

Não sabes oh prostituta,
O fim que foste buscar,
Teu corpo feito em bocados
Na valla irá acabar!

Para matar a fome, um dia
Fui minha honra vender,
Hoje peço á sociedade
A honra que me fez perder.

Oh meu pae, meu querido pae,
Não fui só eu a culpada,
Era nova e não pensei,
Cahi em falsa cilada. [1]

Quem anda no triste Fado
Nunca pode ter bom fim;
Quem mal anda, mal acaba,
Ponham os olhos em mim.

Debaixo do frio chão,
Onde o sol não tem entrada,
Abra-se uma sepultura
Finde o fado a desgraçada.

Rapazes quando eu morrer
Gravem-me na sepultura:
Aqui jaz mimo do Fado,
Que morreu sem ter ventura. [2]

---

1 — *Tinop. H.ª do fado.*
2 — T. Braga. *Cancioneiro*, pag. 520.

Ai o amor das do fado
Não ha nenhum como o d'ellas!
Baixo, que arrasta no chão
Alto que chega ás estrellas. [1]

* * *

Se percorrermos a nossa legislação veremos a parte importante que a cortesã e a reformação dos costumes n'ella occupa. D. Affonso Henriques estabelecia que a aleivosa, a mulher adultera, fosse queimada, e que á mulher torpe que insultasse mulher honesta cinco açoutes por cima da camisa fossem dados. Parece que por aquelles tempos era grande crime o insulto, porque nos Estatutos da Confraria de Santa Maria do Castello de Thomar de 1388 citados por Viterbo «O confrade... que chamar á Confrada: Hervoeira: ou Aleivosa: ou ladra:» pagava «V soldos á Confraria...»

D. Affonso IV é o primeiro a determinar «que as meretrizes vivessem em bairros separados da outra gente e houvessem signaes e divisas para se destinguirem das mulheres honestas e honradas». [2] Parece porem que esta lei nunca foi cumprida pois nas cor-

---

[1] — J. Dantas. *A Severa*.

[2] — Tovar de Lemos. *A Prostituição*, pg. 7.

Cartas regias de 29 de Maio de 1395, in Freire d'Oliveira, *Elementos para a Historia do Municipio de Lisboa*, Tomo I pg. 297, cit. M. Lemos *Historia da medicina em Portugal*, Tomo I, pg. 105.

tes de Elvas de 1399 os povos pediram a D. Pedro I que ella se effectivasse, insistindo na questão do trajo differencial ao que o rei não accedeu para que as pobres não perdessem nas roupas que possuiam. Em 1481 nas cortes de Evora os moralistas voltaram á carga: «que as rameiras, e que só fazem por hum homem, não usem de mantilhas: que andem em corpo, e sem chapins, com veos açafroados, para que sejam distinguidas das molheres honestas.» [1] Em Hespanha as cortesãs alem do toucado cor de açafrão eram obrigados a usar um pente brilhante na cabeça.

Quando pelo dobar dos tempos, o pudibundo D. Sebastião legislou, [2] então foram ellas obrigadas a ter ruas proprias «por se evitarem os muitos inconvenientes, que se seguem de viverem e morarem misticamente com a outra gente.» Reuniu os vereadores, o Governador da Casa do Civil e outras pessoas gradas. D'essa reunião se assentou que «todas as molheres solteiras que publicamente recolhem homens em suas casas por dinheiro, se passem logo, e vivam d'aqui em diante nos bairros abaixo declarados: s. nos becos dos açuquares; nos becos, e travessas, que

---

[1] — «S. Carlos no seu primeiro Concilio Mediolanense ordenou, que as mulheres de ruim tracto trouxessem alguma exterior differença de vestido, por onde se distinguissem das honradas; e os Bispos seus suffraganeos ás obrigassem a isso.» *M. Bernardes, Nova Floresta.*

[2] — Sintra 2 de Julho de 1570 — *Leys, e Provisões que el Rey Dom Sebastião* etc. Imp. Francisco Correia, Coimbra 1816, pg. 118-121.

estam, passando os Fieis de Deos; nas travessas, e rua dos Vinagreiros; na rua das Canastras; nas travessas de Sancta Marinha; e isto alem das casas, que ora chamão a Mancebia detraz dos Estaos.» Pelo mesmo alvará creavam-se dois taxadores para cotarem a renda de suas moradias. Não podiam ter comsigo creanças de mais de 7 annos, embora fossem suas filhas; ao seu bairro era defesa a entrada de homens armados e passado o dia de S. João Baptista as encontradas em

A Dama das Camelias
Cartaz de Santos Silva)

contravenção seriam açoitadas, degredadas para S. Thomé um anno e perderiam metade de toda a sua fazenda, repartida entre o meirinho e o delator.

Em 1585 é esta lei feita para o Porto embora desde 1402 as meretrizes alli tivessem bairro proprio. Tambem por todo o seculo XV o tiveram em Lamego, nos prazos de Almacave, ao sair para o Campo do Tablado e Mancebias houve tambem em Coimbra e Elvas. [1]

O Regimento dos Corregedores e Juizes do Crime dos Bairros de Lisboa, de 25 de Dezembro de 1608, alem de lhes não consentir que vivam nas estalagens e hospedarias, ordena que sejam «despejadas do seu bairro para as ruas publicas ordenadas pela lei as molheres solteiras que publica e escandalosamente viverem mal fazendo ganho por seu corpo com todos os homens que as buscão.» Com um espirito de tolerancia raro n'aquella epocha se abre excepção para as socegadas: «pois não sendo assim publicas e escandalosas se dissimulará com ellas.» [2]

---

[1] — Elucidario de Viterbo — Art. *Mancebia*.

N'um documento de 1158 apparece *Alcoceifa* como sitio, casa ou bairro onde viviam meretrizes. Sobre Mancebia consulte a *Revista Lusitana* vols.X pg.299 e XII pg.180-181. Veja Tovar de Lemos, *A Prostituição* pg. 14. Em Athenas tinham o bairro Ceramico e veste especial, no tempo de Solon, o legislador.

[2] — *Resumo chronologico das leis*, por Manuel Borges Carneiro. Lx.ª 1818, pg. 483

Em 1870 defendia-se-lhes o exercerem a sua profissão em certas ruas e praças [1] e d'então para cá uma serie de editaes regularisou o assumpto. [2]

Alcoviteiras e rufiões são depois dos barreguoiros quem tem leis mais repressivas, mesmo mais do que as cortesãs. Prevenia-se a causa, ia-se buscar o mal á origem. Affonso o *Sabio* diz que os *alcouveiros* «são uma especie de gente de que vem muito mal ao mundo.» Chama-lhes «ajudadores do pecado» e discrimina-lhes as castas pacientemente, não esquecendo nem os que são «alcayotes de sua mulher», classe de gente em que Damião de Goes, na *Chronica do Principe D. João*, mette um rei e João de Barros descreve: [3] «porque ha alguns que como o dizem folgam de comer o pão untado e quando nam teem dinheiro folgam que lho dê sua molher.» [4] Pois Affonso o *Sabio* estabelecia para os alcaiotes a pena de morte.

As ordenanças Affonsinas [5] ordenam que «todo

---

[1] — Dec. de 27 de abril. Praças do Commercio, Alegria, Figueira, Rocio, Ribeira Nova, Caes de Santarem e Passeio Publico.

[2] — Azevedo — *Historia da prost. e policia, etc.*, pg. 72.

[3] — *Espelho de casados.*

[4] — Foi essa a profissão pela qual passaram á historia Grammont o camarista de Gastão de Orleans e o cabelleireiro Champagne, em França

[5] — Começadas em D. João I pelo Dr. João Mendes e terminadas pelo Dr. Ruy Fernandes, com D. Affonso V, por 1466.

homem, ou molher, que em sua casa alcovetar molher virgem, ou casada, ou religiosa, ou viuva, que viva honestamente, ou consentir, que em sua casa algũa destas mulheres façam mal de seus corpos, polla primeira vez sejam açoutados por toda a Villa com pregom, e sejam deitados dela pera sempre; e demais percam os beẽs que ouverem, e sejam d'El-Rei; e polla segunda vez moiram porem». [1] Nas ordenações Manoelinas estabelece-se a mesma pena, excepto para as que alcovitarem mulheres casadas que logo á primeira se lhes dará morte. E' tambem nas Ordenações Manoelinas, que pela primeira vez se lhes estabelece «Polaina ou enxaravia [2] vermelha na cabeça, fora de sua casa», emquanto não partirem para o desterro, sendo a sua falta punida com degredo para S. Thomé. Esta baetilha de seda vermelha mantem-se ainda nas *Ordenações Filipinas* sendo a inobservancia da lei castigada com degredo para o Brazil. [3]

Em 1594 a 12 de julho decide-se «que se pode querelar de alcoviteiro ou alcoviteira», «e bem assim dos que dão alcouce em sua casa para alguem fazer mal do seu corpo, ainda que seja homem solteiro

---

[1] — Ordenações do sr. Rey D. Affonso V. Livro V. Coimbra, 1792, pg. 52.

[2] — Do arabe *Echcharebeya* segundo Ad. Coelho.

[3] — Tiveram o seu martyrologio. Carlos VII de França condemna-as á fogueira, o marechal Strozzi manda matar novecentas.

com mulher solteira, com tanto que saibão que he para esse fim». [1] Nas *Ordenações Filipinas* as penas para o lenocinio são as mesmas ou com pouco rigor menos. *O Regimento dos Quadrilheiros* de 1603 [2] obriga estas auctoridades a participar se no seu bairro existem «*barregueiros casados*, casas de alcouce, alcoviteiras, feiticeiras, mulheres prostitutas que recolham publicamente homens por dinheiro» [3] e o *Regimento dos Corregedores e juizes do Crime de 1608* o mesmo faz obrigando-os a tirar devassa todos os 6 mezes, contra os amancebados barregueiros, alcoviteiras, «os que dão ou consentem alcouce em casa, as mães que prostituem suas filhas». [4] Viam-se pois em maus lençoes aquella Brizida Vaz do *Auto da Barca do Inferno*

> «que dava moças ós molhos;
> e que criava as meninas
> pera os conegos da Sé.»

do nosso Gil Vicente e todas aquellas a quem Shakespeare pela boca de um dos seus personagens recomenda no *Othelo*: «Exerça o seu officio senhora; deixe macho e femea a sós e feche a porta; tuça ou faça «hem» se alguem vier.» «Diz o dictado que se não houvesse alcoviteiras não haveria más mulhe-

---

[1] — *Resumo chronol. das leis*, M. B. Carneiro, I.
[2] — 12 de Março.
[3] — *Resumo chronologico das leis*, pg. 370-71.
[4] — *Resumo chronologico das leis*. pg. 483.

res.» E' talvez a synthese da verdade fundamental que inspirou os legisladores atravez dos tempos.

Os rufiões tambem não foram esquecidos. Esta *nobre* classe dos que não teem culpa de ser bonitos achou logo, desde ha longos tempos, a animadversão merecida. Descobriram-nos as *Ordenações Affonsinas* n'um titulo de que é curioso transcrever o anteloquio das penalidades, modernisada a orthographia para amenidade do leitor: [1]

«A miude vemos em nossos Reinos, que muitos homens mancebos usando de suas Mancebias, em que trazem principalmente o cuidado, por afagos, artes, e induzimentos, tiram algumas mancebas do poder de seus paes e parentes ou d'alguns senhores, com que vivem por suas soldadas, ou a bemfazer, e depois que as tem em seu poder, levam-nas a outras partes d'alli arredadas por escaparem da prisão, e d'algum outro damno que receberiam, se presos fossem com as ditas moças; e tanto que lhes fallecem as cousas necessarias para governança da sua vida, lançam-nas á mancebia, pondo-as nas estalagens, para publicamente dormirem com homens passageiros, havendo elles em si tudo o que ellas assim ganham no dito pecado; e tanto que se dalli enfadam, ou não acham ganho, de que se contentem, levam-nas ás villas, e cidades, de que ouvem mor fama, para alli mais ganharem, e alli as porem nas mancebias publicas, para haverem,

---

[1] — Liv. V — Titulo XXII — pg. 86 e seg., ed. de 1792.

como de facto hão, todo seu torpe ganho, porque se manteem deshonestamente, nomeando-se por seus rufiões, mostrando ao mundo que as hão de defender de quem quer que lhes queira fazer desaguisado; e ainda ellas no atrevimento dos ditos rufiaes, levantam ousadamente voltas, e arroidos com suas visinhas, e com aquelles, com que fazem sua mancebias, porque sabem que ham por ellas de sair em todo caso, de que se segue muitas vezes mortes, e feridas, e outros muitos males, que são em grande desserviço de Deus, e assim nosso, e damno de nosso povo: e o peior é, que algumas vezes acontece ser isto feito a algumas mulheres de bom estado e linhagem, o que ha grande mal, e deve ser muito estranhado por ser tanto em desserviço de Deus, e contra toda honestidade.» Que o rufião e a sua companheira sejam açoitados e degredados. Elle, se for escudeiro será apenas degredado «com pregom na audiencia», Mas nada o fará eximir ao pagamento de mil reaes para os que alcaidam e meirinham». D. Manuel conservou a pena corporal mas elevou a pecuniaria a 2000 reaes. A mulher só se poderia eximir á pena casando ou entrando na religião. D. Filipe conservou tudo o que fizeram os antigos jurisperitos, mas determina que elle seja degradado para a Africa e ella para o couto de Castro Marim «até nossa mercê.» Isento o escudeiro no forma costumada e irremivel o castigo mesmo que a mulher

case ou se metta a freira se já tiver processo formado ou estiver presa. Eram assim iracundas, lategantes, as leis dos velhos, encanecidos tempos.

O Codigo Affonsino, sobre cortesãs, diz que o escrivão das malfeitorias «hade trazer todolos Regataaens, e as mancebas do mundo cortezaans em hum Livro», e que «o Conde-Stabel tinha de cada huma mulher solteira da mancebia em cada semana doze reaes brancos.» E o Marichal havia «de cada uma mulher de mancebia cada sabado doze reaes brancos.»

«Das mancebas solteiras, que andam, e devem andar na corte, hade levar (o Meirinho das cadeas, que era o seu Juiz) em cada hum sabado dous reaes brancos, porque elle hade mandar varrer as audiencias do Corregedor que ellas havião de varrer: e esto foi assi usado d'antigamente». [1]

Por alvará de 8 de Julho de 1521 ordenou D. Manuel que, qualquer mulher que «se provasse que com seu corpo ganhava dinheiro publicamente, não se negando aos que a ella quizerem ir fóra da mancebia, fosse presa, e degradada por quatro mezes fóra da cidade, e pagasse mil reaes para quem a accusasse. [2] D. João III, que foi um pae de barregueiros e cortesãs [3] ordena, em Junho de 1538, «que taes quere-

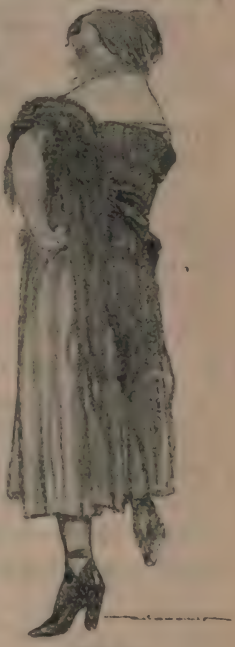
---

[1] — Cit. *Elucidario* de Viterbo, II, pg. 74.

[2] — *Leis extravagantes*, coll. por Duarte Nunes de Leão, Coimbra 1796, pg. 594.

[3] — Alvarás de 28 de Maio de 1533; 16-17 de Abril de 1550 e 30 de Março de 1546.

las as não prendessem nem vexassem.» Em 30 de Março de 1546 determina que «as molheres solteiras e outras, a que em Lisboa se alugão vestidos e joias, não podessem ser presas pelos alugueres.»



Fádista
(Por H. Collomb

Era costume, como se viu, desterrar para S. Thomé as más mulheres e os que furtavam no campo. Depois de 1535, substituiu-se o degredo de S. Thomé pelo do Brazil, ficando aquelle para penas superiores a 5 annos. Em 1559 um alvará determina que «nenhumas molheres publicas vivessem dentro da povoação da ilha de S. Thomé entre a outra gente honesta». Prisão e 10 cruzados de multa. Pela segunda vez 20, pela terceira degredo da ilha para o reino para aqui sofrer condemnação. Era-lhes tambem prohibido dar pousada a forasteiros, e como algumas se passavam para o Congo, penas aos mestres, senhorios, pilotos e capitães dos navios: E que não usassem saias e panos abertos por diante da cintura para baixo «a modo de gentias.»

Em 1620 «com o fim de extinguirem quanto seja possivel as castas de mulatos em Cabo Verde e S. Thomé manda que nas Relações se degredem para

estas ilhas as molheres que se costumão degredar para o Brazil.»

Em 1760 a creação da Intendencia Geral da Policia chamou-as á sua Alçada e o *Codigo Administrativo* de 1836 delegou nos administradores Geraes a sua policia, prohibindo que ellas permanecessem junto aos templos, passeios publicos, praças, ruas principaes etc. D'então para cá o assumpto perturbou-se de tal modo que multidão de regulamentos e editaes tem aparecido. [1] O que actualmente rege é o de 28 de Agosto de 1900 assignado pelo governador civil José de Azevedo Castello Branco, com o Edital de 5 de Maio de 1911 por appenso.

Os antigos foraes equiparavam as mulheres perdidas aos judeus. Já em lhes desejar ruas especiaes, como as judiarias d'estes, já em as obrigar, como aquelles, a pagar *portagem, passagem e custumagem.* [2] Hoje a sua situação não é melhor. Ligadas desde 1865 a um livrete ignominioso, revistadas como

[1] — Alem dos já citados em Pereira d'Azevedo (v. nota 2 pg. n.º 35) ha mais: o Cod. Adm.º de 1842, a Portaria de 17 de Nov.º de 1846, o Reg.º de 1 de Dez.º de 1865, a Lei de 2 de Julho de 1867, o Dec.º de 3 Dez.º de 1868, o Reg.º de 21 de Dez.º de 1876. Dec.º de 29 de Março de 1890, lei de 7 de Agosto de 1890, Ed. de 24 de Dez.º de 1896 e 13 de Dez.º de 1897, Dec.º de 20 de Janeiro de 1898 e o de 18 de Junho de 1901.

[2] — «Assim como pagavão os Judeus, e mancebas solteiras mundavees.»

carne de açougue, com ruas quasi suas, ellas, as mulheres perdidas, são uma fonte de exploração da policia, que as vexa, que as multa, que as prende. O estado é o seu maior rufião. Quando apoz a proclamação da Republica se quiz fazer algo, o Dr. Ricardo Jorge redigiu um regulamento que o leitor pode ver a pag. 19-34 do vol. I dos *Arquivos do Instituto Central de Higiene*. Foi inutil. A Turquia já tem um similar. Entre nós virá com as calendas porque a estupidez e a sornice são macissas em Portugal.

* * *

A cortesã, aquella «quæ alit corpus, corpore palam sine delectu pecunia accepta»,[1] cuja generosidade Daudet compára á dos ladrões,[2] e de quem Gauthier diz que só com ellas se é verdadeiro, é hoje ainda uma pequena rainha do mundo. Passeia nas ruas de Londres e de Berlim, encontra-se nos estabelecimentos de Vienna, nos bailes de Paris, nas praças de Madrid, nos *bas-fonds* de Lisboa. E' ao mesmo tempo duqueza ou corista, florista ou *manicure*, camareira, luveira, operaria, professora ou creada de servir. Mora nas Avenidas e mora na Madragoa. Traja rendas de Alençon e põe a saia rodada das varinas. Tem a pelle tratada a perfumes caros e tem sob os seios

[1] — «... femme, qui étale publiquement ses charmes et fait marchandise de son corps (Fleury).

[2] — «Generoso como as meretrizes e os ladrões».

ou nos braços a tatuagem com o nome do amante. Toca Mendelssohn e canta o fado nas tabernas. Fala todas as linguas ou uiva o calão dos faquistas e marujos. Viaja na primeira classe dos transatlanticos ou no porão dos degredados. Morre cercada de creados ou morre na cama do hospital. Tem colares de perolas ou tem o colar de Venus das syphiliticas confessas. Nos cafés-concertos, nos theatros, nos palacios, nas ruas, nas alfurjas; de automovel ou a pé; nova como um anjo de Boticelli ou velha como uma velha sybila, a cortesã vive, passa, morre, para de novo resurgir cheia do bello impudor da Aphrodite saindo das ondas. Ha quem abençôe o seu nome. Ha quem diga que o seu coração é como um espelho que reflectindo todas as imagens nenhuma guarda. Por mim nada direi. São apenas mulheres. E lembra-me o protagonista do *Cañas y barro* de Blasco Ibañez comparando-as com os passaros da sua lagoa: «As femeas;... Má peste! eram os seres mais ingratos e esquecidos da criação. Não havia mais, que ver que os pobres *collverto* do lago. Andam sempre em companhia da femea e sem ella não sabem ir á busca de comida. O caçador dá um tiro. Se a femea cae morta, o pobre macho em vez de se escapar, põe-se a voar em volta do sitio, onde pereceu a companheira, até que o atirador acabe tambem com elle. Mas se cae o macho, a femea continua voando tão fresca e sem voltar a cabeça para traz, como se nada se tivesse passado, e ao notar a falta do companheiro, busca outro...

Vae longo este prefacio sem pretensões que saiu maior e mais desageitado do que devia. Os poetas porém vão seguir e o leitor terá occasião de ler algumas das mais bellas paginas da nossa litteratura. A cortesã! Os poetas! O tempo dobará os seculos no seu tear eterno. Mas pelos seculos dos seculos não morrerão nunca nem os poetas nem as cortesãs...

Se o leitor tem interesse em saber algo da prostituição consulte:

Young — O castigo da prostituição. Obra moral. Lx.ª 1819.
Francisco Ignacio dos Santos Cruz — Da prostituição na cidade de Lisboa. 1841 — 457-2 pg.
F. A. Rodrigues de Gusmão — A prostituição entre os romanos. Coimbra — 1861 46-2 pg.
Francisco Pereira de Azevedo — Historia da prostituição e policia sanitaria no Porto. Porto, 1864 — 174-2-2 pg.
Antonio Fernandes de Figueiredo Ferrer Ferrol — A libertinagem perante a historia, a philosophia e a pathologia em geral. Porto, 1865.

(Distico de cemiterio):

«A Maria Julia, morreu no hospital, edade 19 annos, offerecem as suas amigas: Anno de 1889.» Excuso d'explicar a condição de Maria Julia, ou dizer que amigas são essas que pagam coval áparte ás mortas do hospital. Há só uma classe de mulheres capaz d'esta admiravel misericordia, que Jesus talvez adivinhasse quando levantou da terra a Magdalena.»

FIALHO D'ALMEIDA. — *Os gatos.*

José Palmella — A Aristocracia do genio e da belleza feminil na Antiguidade. 4.ª ed. Coimbra 1872 — 270 pg. (Semiramis — Sapho de Mitylene — Corina — Aspasia — Phryné — Cleopatra — Hypathia d'Alexandria.)

João Antonio Fernandes de Bragança — Breves considerações sobre a Prostituição. These da Escola Medico-Cirurgica de Lisboa. Lx.ª 1875. 72-4 pg.

José Antonio — A prostituição sob o ponto de vista na hygiene social. Dissertação inaugural apres. á Esc. Med. Cir. do Porto. Porto Typ. Univ. 1881-8.º.

Pedro Dufour — Historia da Prostituição em todos os povos do mundo. Lisboa 1885-7-5 vols. Trad. da ed. de Bruxellas.

Zacharias d'Aça — Os Escandalos de Londres (Pall Mall Gazette) Lx.ª 1886 — XLIII - 1-161-3 pg.

Ha outra trad. em papel de jornal e outro formato.

Armando Gião — Contribuição para o estudo da Prostituição em Lisboa. Dissertação inaugural da Esc. Med. Cir. de Lisboa. Lisboa 1891. 86-2 pg.

Jorge Vieira — A prostituição no Porto — Dissertação. (E. M. Cir. do Porto) Porto 1892 — 80-2 pg.

Historia da Prostituição segundo os trabalhos de Parent-Duchatelet, Lacroix, Rabuteaux, Lecour, Taxil, Flaux e outros auctores celebres (versão do italiano) Porto 1898.

J. Fração — Prostituição e Contagio Venereo. Dissert. inaug (Esc. Med. Cir. de Lisboa). Lx.ª 1901 — 86-2 pg.

Angelo Fonseca — Da Prostituição em Portugal. Porto 1902, 486 pg.

Theologia indú. O Kama Sutra. Trad. de Ed. Noronha. 1904. 498-2 pg.

Silvio Rebello — O perigo da Syphilis. Coimbra 1905. 125-3 pg.

Alfredo Tovar de Lemos Junior — A Prostituição. Estudo antropologico da prostituta portugueza. Lx.ª 1908 — VII — 1-98-6 pg.

Paulo Manteggaza — O amor dos homens. Lx.ª 2.ª ed. 1916.
Emilio Gante — Historia popular da prostituição. Trad. de Bernardo d'Alcobaça. 1909-10 4 vols. 124-4; 126-2; 144; 139-1 pg.
Pinto de Carvalho (Tinop) — Historia do Fado. Lx.ª 1910. 270-2 pg.
Augusto Bugalho Gomes — Historia completa da Prostituição, 2.ª ed. Lx.ª MCMXIII. 95-1 pg.
Egas Moniz — A vida sexual. Physiologia e pathologia. Lx.ª 1913.
Leite Machado — A prostituição em Lisboa e a regulamentação policial. Lx.ª 1914 — 34-2 pg.
Julio Dantas — O amor em Portugal no seculo XVIII — (pg. 133 e 225 — *Mulheres Damas e Ruas sujas*).
Xavier de Magalhães — Canção das viellas. 1917.
Manuel Bento de Sousa — A syphilis.
Amorim Vianna — Historia da prostituição em Portugal. E' o V vol. da Historia da prostituição, de Dafour.
Antonio Aurelio da Costa Ferreira — O Estudo anthropometrico das prostitutas. (Separata da *Gal. de Criminosos Celebres*) 8-2 pg.
Georger Keurger — Historia completa das prostitutas. Lx.ª Emp. Lit. Universal. 95-1 pg.
Duchatelet, Rabuteaux, Dufour, Taxil, Flaux — Historia da prostituição. Ed. illust. Compilada por Henrique Bastos de Sousa. Lx.ª Emp. Lit. Universal. 128 pg.
Boletim da Sociedade das Sciencias Medicas — 1871.
Boletim de Saude e hygiene da Camara de Lisboa — 1887.
Arquivos do Instituto Central de Hygiene — Vol. I. Fasc.º I 1913 — pg. 19.
F. Ferraz de Macedo — Da prostituição em geral, e em particular em relação á cidade do Rio de Janeiro. Rio, 1873.
Cultos indecentes e costumes obscenos. Ensaio historico, philosophico, moral e archeologico sobre o culto do Phallo e outras divindades que presidem á geração.

Seguido de um esboço sobre a libertinagem (versão do latim e do hespanhol). Recife. 1878 — 232 pg. 4.°.

Ferreira da Rosa — O Lupanar. Estudo sobre o caftismo e a prostituição no Rio de Janeiro. Rio 1886 — 8.°.

J. I. de Oliveira Borges — Da regulamentação da prostituição. Rio de Janeiro 1900 These da Faculd. de Medicina.

Tambem á bibliografia de S.ta Maria Egypciaca se pode addicionar :

Conversão miraculosa da felice penitente santa Maria Aegypcia, sua vida e morte composta em redondilhas por Leonel da Costa. Lx.a 1674 — 12.°.
Ha outra ed. de 1771, in 12.°.

Poderá ainda ver : *Brantome :* As damas galantes — *Aretino :* Dialogos — *Horace Bleachley :* Les grandes courtisanes anglaises du XVII° siècle — *Hector Fleischmman :* Les filles publiques sous la Terreur — *Goron :* Memoires — *Leo Taxil :* A prostituição em Paris — *Dr. Caufeynon :* Les Vénus impudiques — *Alphonse Gallais :* Les enfers lubriques — *Dr. Ed. Dupouy :* La prostitution dans l'Antiquité — *Parent-Duchâtelet:* La prostitution à Paris — *Ch. Virmaitre:* Paris Impur — *Paulo Mathieux :* O jardim dos prazeres — *Rabutaux :* De la prostitution en Europe depuis l'antiquité jusqu' à la fin du XVI siècle avec une bibliographie, par Paul Lacroix. Paris 1869 — *Sabatier* : Historia de la lègislation sur les femmes publi et les lieux de débauche — *Paulo Reuss :* La prostitution en France et à l'étranger. Paris, 1890 — *Jacques Antoine Dulaure* : Des Divinités génératrices ou du culte du Phallus chez les anciens et les modernes. Paris, 1885 — *Charles de Bussy :* Les Courtisanes devenues saintes, étude mitarique, 1859 — *Paul*

Lacroix : Les Courtisanes de Gréce d'après les auteurs grecs et latins, 1872 — *Emile Deschanel* : Les Courtisanes grecques, 1859, — *Auguste Debay* : Laïs de Corinthe (d'après un manuscrit grec) et Ninon de Lenclos, 1858 — *Adolf Schaube* : La proxenie au moyen-âge, 1897 — *A Le Blond et A. Lucas* : Du tatouage chez les prostituées, 1899 — *Capefigue* : Les Bachantes et les jeunes patriciens de Rome sous les Césars, 1864 — *Edouard Montagne* : Histoire de la prostitution dans l'antiquité, 1869 — *Dr. J. F. Jeannel* : De la Prostitution publique et paralléle complet de la Prostitution romaine et de la prostitution contemporaine, 1863 — *Capefigue* : Aspasie et le siècle de Pericles, 1862 — *C. Lombroso & G. Ferrero* : La Femme criminelle et la prostituée, 1896 — Fêtes et Courtisanes de la Grece. Paris 1803, etc..

O Fado

(Notavel quadro do distincto pintor José Malhôa)

ANTOLOGIA

RUI MONIZ [1]

(1516)

CANTIGUA DE RRUY MONIZ A HŨA MOLHER Q̃ ELLE JÁ CONHEÇEO, & MANDOUI HE HŨA MUYTO MAA RREPOSTA

Dama do gentyll despacho,
que pouco days por ninguem,
eu sey que vos sabeys bem
se sam femea se macho.

1 — *Cancioneiro geral, ordenado e emendado* por Garcia de Rezende. Lisboa, 1516.

Eu v'nam auorrecia,
eu sey bem que v'coçaua,
& que quando maprazia
em osso v'caualgaua,
Poys se quer auey empacho
vos molher de pouco bem
de quem v'em Santarem
caualgou sem barbyquacho.

* * *

x. p. f. a. tyll,
maçaroca fryta,
desprazer de quem v'ama,
pareces galante dama,
que a todos dizeys ita.

A todos mostraes hũ geito,
maçaroca, mal pecado
& todos leuam sospeyto
de vossa laã hũ bocado.
x. p. f. a. tyll
nam he bem q̃ mays rrepyta
vossas manhas, gentill dama,
poys de vos corre tal fama,
que a todos dizeys ita.

DE DIOGO FOGUAÇA[1]

(1516)

Ay molher, eu v'ey medo
da yra de dom Fradique,
guardayu'dauer hũn pyque,
ou anday co rrabo quedo.

1 — *Cancioneiro geral, ordenado e emendado* por Garcia de Rezende. Lisboa, 1516.

Vejo v'tal condiçam,
que dũ soo nam sões contente,
que a corna nam conssente,
vemlhe de bom coraçam.
Auey bom consselho çedo,
semtemdeys de v'casar,
confessar, & comungar,
ou andar co rrabo quedo.

Mãda deos dũ homẽ soo
ser contente hũa molher,
& quem mays que hũu quiser
o demo aja dela doo.
Julgua Luys dazeuedo,
que tem a vara del rrey,
que moyra segundo a ley,
ou ande co rrabo quedo.

DE JOAM FOGUAÇA [1]

(1516)

Dou fraldilhas, dou camisas,
dou cootas & dou mantilhas,
dou alfayas de mil guisas,
dou firmaes, & dou manilhas.
Dou dinheyro em dinheyro,
& dou casas daluguer,
dou chapys de çapateiro
a quem quer
ser muyto boa molher.

1 — *Cancioneiro geral, ordenado e emendado* por Garcia de Rezende. Lisboa, 1516.

VASCO MOUSINHO DE QUEVEDO

(15 ..)

MERETRICIA PROCRACITAS [1]

A hera, se com seus nós
A qualquer arvore abraça
Rouba-lhe a verdura e graça
Que a primavera lhe poz.

Cae a flôr com que se arreia ;
Toda a sua gloria perde ;
A hera só fica verde
A' custa da perda alheia.

Esta condição esquiva
Tem a pouco esquiva dama,
Que áquelle que a serve e ama
Da vida, e honra e ser priva.

•

A Corintho levai o pensamento
Onde o nome de Lais se conhece,
Cuidado singular, commum tormento,
De quem tanta belleza olhar merece ;
O mais altivo, e nobre entendimento
A liberdade d'alma lhe offerece
Demosthenes o diga em letras claras
Não de desejos, mas de preço avaro. [2]

---

1 — *Discurso sobre a vida, e morte de Santa Izabel, rainha de Portugal. & outras varias rimas.* Lisboa, 1597, por V.ª M.ª de Castelbranco.

2 — *Affonso africano.* Lisboa, 1611.

FR. AGOSTINHO DA CRUZ

(1540-1619)

Á MAGDALENA

Tal luz á Magdalena alumiava
(Formosa desd'antão, dantes tão feia)
Que não lhe pareceu ser casa alheia
Aquella, onde o Senhor de tudo estava.

E como quem por tal o confessava
Não teme, não duvida, não receia
Mostrar sinaes de dôr, de que alma chea
Tão longe, de tão perto suspirava.

Na Terra jaz lançada, está regando
Com lagrimas as plantas do Senhor,
A cuja sombra colhe doce fruito.

Muito lhe perdoou, porque amou muito;
E muito mais lhe deu depois, que amor
Em lagrimas de dor se foi banhando.

•

Á MESMA

Diante do Senhor está lançada
A Magdalena triste, e vergonhosa,
Qual na força do sol vermelha rosa
Dos seus ardentes raios transpassada.

A nova, e grave dôr lhe tem roubada
(Sinal do que padece) a voz queixosa;
Lembra-lhe que passou tão perigosa
Vida, da vida sua descuidada.

Os pés que ðos seus passos foram guia
Em lagrimas banhaðos alimpava
Com os cabellos ðe que se cubria.

Alli ðo Reðemptor, a quem buscava,
Encaminhaða foi; porque queria
Que amasse muito mais; que tanto amava!

*

Á MESMA INDO AO SEPULCRO

Depois que não achou na sepultura
Seu Senhor a fermosa Magðalena,
Os seus longos cabellos ðesorðena,
Vingandð-se na sua fermosura.

— Ingrata fui, Senhor, fui cega, e ðura,
(Dizia) minha culpa me conðena,
Que se temia ðôr, tormento, ou pena,
Em que parte estivera mais segura?

Se ð'onðe vos ðeixei não me apartara,
Não me roubar assi, quem me roubou:
Tantas forças amor ðar-me poðia!

Porque me fui ðaqui? que mais queria
Que matar-me, Senhor, quem vos matou?
Póðe ser que convosco me levara.

Obras. Coimbra, 1918. Edição de Mendes dos Remedios, pg. 10 a 12. Sobre o mesmo assunto pg. 201 e 202

D. THOMAZ DE NORONHA

(1651)

A UMA DAMA PRODIGA DE FAVORES [1]

Se assim, formosa Helena, como és sol,
Não deras tantas mostras de ser lua,
Não te tivera o mundo por commua,
Nem quem tanto te quer por caracol.

Olha que já te tras a fama o rol
or ser a tua grandeza a todos nua,
E pode ser que ganhes sendo crua·
Não acodindo como peixe ao anzol.

Ai! muda, muda, Helena, muda as modas,
E não sejas oh! não! como é a corça,
Que mais corre como a seta que a lastima.

Ama a quem te mais quer, e não a todos
Que repartido o amor tem menos força,
E a cousa que é mais commua não se estima.

FILINTO ELYSIO

(*Francisco Manuel do Nascimento*)

(1734-1819)

EPIGRAMMA

Este, aqui, tenda, aquelle assenta banca:
Um ganha com padeiro, [2] outro com tranca [3]
Cada um labora neste escasso mundo,
Com mister, com officio, ou beneficio.
Chlori acertou, que com saber profundo,
Na alcova a loge abrio, do seu officio.

1 — *Poesias ineditas de...* Edição de Mendes dos Remedios. Coimbra, 1899.
2 — Os prêtos do Rosario.
3 — Os mariolas de páo e córda.

*

EPIGRAMMA

Entendêr de Commercio é gran venida
Para dourar com cabedaes a vida:
Val mais que tenças, mais que bons morgados.
Saibão que Fillis d'alugar seu leito,
Que apenas lhe custou vinte cruzados,
Tira dez mil, cada anno, de proveito.

*

EPIGRAMMA

Com pommadas, rebiques,
Aqui côr negra, alêm de azul as veias,
A mascara do rôsto aformoseias,
Fillis. Ah não caustiques
A sége, as bêstas de correr cansadas,
A amostrar-te por templos, por moradas;
Manda lá teu Criado,
C'o teu rôsto pintado.

*

CONSOLAÇÃO

Queixava-se a Santeuil certo Marido
Que no hymen sua Mulhér trapaceava,
Seu mal, Senhor (o Cónego tornava)
E' imaginario mal. Caso é sabido
Que em muitos lavra; mas que a poucos matta;
E homme'ha que d'ahi cóme, arfa e contrata.

Obras completas, 2.ª ed. Paris, 1817.

ANTONIO JOAQUIM DE CARVALHO

(1817)

Deixallos aprenðer ðo Mestre Tempo, [1]
Que aos patétas ensina;
Que Amor ðe venða a quem mais ðá se inclina.
Amor ðe venða, às vezes peixe pôðre:
Infeliz o que o come!
Maldito pasto! Depravaða fome!
. . . . . .
Ellas são venenosas como as cobras
Linðas nas péles, pessimas nas obras.
. . . . . .
Longe Arpias venaes, fujamos ðellas.
Calquemos seus encantos,
Que são caðêas, com que os tolos prenðem,
Que amor não sabem ðar, amor só venðem,
Pezaðo em vil balança:
Outras poem-no em leilão, a quem mais lança;
. . . . . .

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

(1800-1875)

CANÇÃO 10.ª

Menino e nu é amor. Menino ignora
O que seja avareza,
E nu como anða, é a imagem ða fraqueza.
O ðar é seu regalo;
Porque hão ðe envergonhal-o?

1 — *As vendedeiras de Amor e os compradores pacovios*. Lisboa, 1815.

Fazer que venda os bens a preço de ouro?
E com que fim, si o vemos tão despido
Que nem para começo de thesouro
Tem onde traga um obolo escondido?
Nem Venus nem seo filho
Tem genio militar; não querem soldo.
A uma altiva indolencia
Andam mui costumados;
Como se hão-de humilhar a ser soldados?

Infames desgraçadas
Jámais recusam seos venaes favores;
Dão, da indigencia pela voz forçadas,
Ternura torpe a torpes compradores;
Mas essas inda ao menos
O que livres fazeis não fazem livres:
Praguejam em segredo a auctoridade
Do chefe vil que as rege, que especula
Co'a fome e co'o prazer, fraqueza e vicio,
A natureza offende,
Graças, caricias, innocencia, culpas
(Os corações só não) barbaro vende.

De animaes sem razão tomae o exemplo;
Não passeis em bruteza alem dos brutos;
Pede a egua ao corcel, ao touro a vacca,
Ao carneiro amoroso a amiga ovelha?
Co'os despojos do amante
Só a mulher exulta no universo;
Só ella as noites, e a si propria aluga;
Vede o que aos dous apraz, o que ambos querem,
E ao seu proprio deleite o preço arbitra!
Comprar um, vender outro,
Quando entre os dous mutuo prazer se enlaça!
Porque hade a mim custar, e a ti render-te
Se eguaes bebemos do prazer na taça?

Quem não tem por infame o ouro entre as mãos vis
De venal testimunha ou de venal juiz,
Ou de abjecto orador, que a tristes réos se vende,
Trafica do infortunio, e barbaro defende?

Mas si é baixeza atroz co'o foro inriquecer,
Desprezo inda maior, maior horror merece
A que faz de seo leito um meio d'interesse,
E prostitue seos dons, e vende o seo prazer;
Por um prazer, uns dons, um leito assim vendido
Quem poderá jámais ficar agradecido?

Do favor delicado é filha a gratidão;
Mas, inviolavel, pura, e doce, e presentida,
A uma sombra d'int'resse, a um nada se-intimida,
E, para não volver, se-vai do coração.
Amor é bello,
Feia a avareza;
Vós, socias d'elle
Na gentileza,
Não mais vender-no-l'o
Ouseis assim.

Dai á ternura
Por premio a posse
Da formosura;
O lucro sordido
Não tem bom fim.

Os Amores, de P. Ovidio Nasão. Rio de Janeiro, 1858.

CASIMIRO D'ABREU

(1837-1860)

DÔRES [1]

... .

Murcha-se o viço do verdor dos annos,
Dorme-se moço e despertamos velho,
Sem fogo para amar!
E a fronte jovem que o pezar sombreia
Vai, reclinada sobre um collo impuro,
Dormir no lupanar!

Ergue-se a taça do festim da orgia,
Gasta-se a vida em noite de luxuria
Nos leitos dos bordeis,
E o veneno se sorve a longos tragos
Nos seios brancos e nos labios frios
Das languidas Phrynés!

Esquecimento! — mortalha para as dôres —
Aqui na terra é a embriaguez do gôzo,
A febre do prazer:
A dôr se afoga no fervor dos vinhos,
E no regaço das Marcôs modernas
E' doce então morrer!

Depois o mundo diz: — Que libertino!
A folgar no delirio dos alcouces
As azas empanou! —
Como se elle, algoz das esperanças,
As crenças infantis e a vida d'alma
Não fosse quem matou!...
.....

1 — *As Primaveras*, 1855-1858.

ARNALDO GAMA

(1828-18...)

A ABANDONADA [1]

«Fulminas, sim, a enganada,
E sorris ao enganador;
Ao desprêso ella é votada,
De todos elle é amor!
E' de todos festejado,
Por todos elogiado,
Que zombou do coração;
E ella, pobre desgraçada!...
A prostituta é chamada,
Evitam-n'a, é desprezada,
De todo o mundo é baldão!»

BULHÃO PATO

(1830-191.)

ANJO CAIDO [2]

Na flor da vida, formosa,
Ingenua, casta, innocente,
Eras tu no mundo, rosa!
Quem te arrojou de repente
Para o abysmo fatal!
Viste um dia o sol de abril;
O teu seio virginal
Sorriu alegre e gentil.

---

1 — *Poesias e contos*. Porto, 1857.
2 — *Versos*, de Bulhão Pato. Lisboa, 1862.

— Ergueu-se aos clarões suaves
D'aquella doce alvorada
A tua face encantada.
Amaste o doce gorgeio
Que desprendiam as aves,
E no teu candido seio
Quanto amor, quanta illusão
Alegre pulava então!

Mal haja o fatal destino,
Maldita a sinistra mão,
Que em teu calix purpurino
Derramou fera e brutal
Esse veneno fatal.

Hoje és bella; mas teu rosto
Que outr'ora alegre sorria,
E' todo melancolia!
Hoje nem sol, nem estrella,
Para ti brilha no ceo;
Mal haja quem te perdeu!

Novembro de 1857.

GUILHERME DE AZEVEDO

(1839-1882)

Archanjos maus passae, todos cobertos [1]
De joias e de luz,
Mostrando á turba os hombros descobertos,
Os seios todos nús!

---

1 — *Radiações da noite*. Lisboa, 1871.

«*Esperando...*»

(Por Stuart de Carvalhaes)

Passae astros funestos! Messalinas
Operarias do amor!
Que em leilão puzestes nas esquinas
Os lyrios do pudor!

Do mundo a saudação vos acompanhe;
Correi estrellas fataes!
E á noite baptisae-vos no champagne
Das loucas bachanaes!

Se tendes menos crenças do que d'antes
E menos illusões,
Nas tranças deveis ter mais diamantes
No olhar mais seducções.

Fingi no vosso marmore essas rosas
Que um sopro já desfez,
E passae radiantes e formosas
Mais bellas cada vez;

De perfumes enchendo todo o espaço,
A rir de quem vos vê,
Prendendo a um tempo o coração devasso
E aquelle que ainda crê!

Archanjos maus passae, todos cobertos
De joias e de luz,
Mostrando á turba os hombros descobertos,
Os seios todos nús!

Depois guardai um dia na mortalha
Os restos d'essa flôr,
Que deu muitos perfumes. á canalha
E poucos ao amor!

*

ANTIGO THEMA [1]

Passae larvas gentis na rua da cidade
Aonde se atropella a turba folgazã;
A noite é um tanto agreste e cheia d'humidade
Mas o tedio mortal precisa a claridade
Que em vosso olhar trazeis, vizões do macadam!

Estatuas sem calor! vós sois das grandes vazas
D'um corrompido mar as Deusas menos vis!
Se á noite abandonaes, voando, as pobres casas,
E vindes pela rua enlamear as azas,
Quem sabe a fome occulta, as sedes que sentis!

A pallida Miseria em seu triste cortejo
Precisa as contracções de muitos hombros nus!
E vós ides sorrindo ao lubrico desejo,
Do carro da desgraça arremessando um beijo
Que apenas é de lama em vez de ser de luz!

Embora! caminhae deixando um grande rasto
D'estranhas emoções, d'aromas sensuaes:
E ao pobre que mendiga a pallidez d'um astro
Ao que sonha vizões e archanjos d'alabastro
Fazei por despenhar nos longos tremedaes!

Do velho idylio, a muza, ha muito já que dorme,
E o arroio em vão suspira e chora a nossos pés!
A grande multidão, — a vaga, a onda enorme,
Que oscilla sem cessar, e gira multiforme
A's corridas, ao circo, ao templo e aos cafés,

1 — *A Alma Nova*. Lisboa, 1874.

Talvez ao presentir que tudo, emfim, declina,
Adore a immensa luz, em vós, constellações,
Que não baixaes do céo; que vindes d'uma esquina,
Vogando no rumor da aéria musselina,
Em plena bachanal fingindo de vizões?

Oh, sois do nosso tempo! A languida existencia
De tedios se consome e sente febres más!
Aspira ao que é bizarro: a uma exquisita essencia
Que exhala aquella flor que vem na decadencia
E quando a toda a luz succede a luz do gaz!

Do seculo a voz rude apenas diz — trabalha! —
Ao poste vil amarra o lubrico ideal
Que expira, emfim, talhando a funebre mortalha
Na vossa trança gasta, ó muzas da canalha
Que apenas revoaes do Olimpo ao hospital!

*

AS VICTIMAS [1]

. . . . . .
São da lugubre noite umas flores sem nome
Batidas muito já dos grandes vendavaes,
Que, por que sentem frio ou porque sentem fome,
Derramam pelo seio aromas triviaes

E fingem depois ser apparições divinas,
Erguendo um pouco a saia, a fimbria sensual,
Abrindo um vil leilão de beijos, nas esquinas,
Aos apetites vis da multidão brutal!
. . . . . .

1 — *A Alma Nova*. Lisboa, 1874.

GUILHERME BRAGA

(1843-1876)

DOLORES [1]

Sentado à meza, o principe da Igreja
Inclina a calva fronte aos seios tumidos,
D'uma hespanhola, cujo olhar flammeja,
E em cujos labios humidos,
Rindo, o prazer de beijos s'enebria!

Ao ver-te assim, myrrada
Pelos impuros halitos da orgia;
Ao ver-te assim, na sombra, arremessada
Dos canteiros nataes a impura alcova,
Quem ha que se commova,
Pobre flor dos jardins da Andaluzia?

Tem por nome Dolores...
Por officio, vender a quem lh'os paga,
Como não tem amor, os seus amores.

E' soberba e formosa!
Brilhante e seductora! — imagem vaga
D'Eva já criminosa,
Escondendo a nudez por entre as flores!

Mixto de sombra e luz, de lava e gêlo,
D'eden occulto e precipicio aberto,
Prende, fascina, atrahe, céga, arrebata!
Para quem dorme, em extasis, coberto
Pelas ondas gentis do seu cabello,
E' como no deserto
A mancenilha, que adormece e mata!

1 — *O Bispo*. Porto, 1874.

Os braços nus da joven messallina
Cingem o padre, que, sorrindo, oscula
A carne branca, avelludada e fina,
Que lhe é dado gosar... mesmo sem *bula*.

Collam-se, em longo beijo,
As duas bôcas ávidas, famintas ..

Escuta, ó Christo, escuta, emboras sintas
O rosto frio a chammejar de pejo!

*

EM DEZEMBRO [1]

.....
Vêde aquella costureira:
Pura, honesta rapariga,
Trabalha a semana inteira,
Sente que a mata a fadiga

E a existencia tão sombria
Ninguem ha mais que se affoite ..
Começa ao romper do dia,
Não pára ao cahir da noite!

Nunca na vida que passa
Tem uma flor! tudo abrolhos!
Da candeia a luz escassa
Magoa-lhe os lindos olhos...

No leito onde ella descança
Falta o conforto preciso...
A' desgraçada creança
Poucos tem visto um sorriso;

1 — *Heras e Violetas*. Porto, 1869.

Tortura-a sempre a miseria;
Nunca um alivio a consola;
E é tão curta a sua feria
Que mais parece uma esmola...

Porfim, n'um dia funesto,
Falta-lhe a obra: alguem a tenta...
Depois... vós sabeis o resto...
Depois a miseria augmenta.

E, então, cedendo aos revezes,
Como sahe ella da luta?
Cadaver, algumas vezes..
Quasi sempre.. prostituta:
.....

*

RAIO DE SOL, RAIO D'AMOR [1]

VICTOR HUGO — *Cantos do Crepusculo.*

Oh! não insulteis nunca uma mulher perdida..
Quem sabe a que infortunio a pobre alma cedeu?
Quem sabe quanto tempo a infeliz combateu
Contra a fome, no inverno, até que foi vencida?
Se o vento da desgraça a virtude lhe abala,
Qual de nós não viu inda uma pobre mulher,
Com suas debeis mãos, querendo-se suster
A bórda d'esse abysmo, onde vão despenhal-a,
Como á beira d'um ramo, em profunda alameda,
Uma gôta de chuva onde o sol vem brilhar,
Se o tronco oscila e treme, a premer, a oscilar,
Perla antes de cahir. lixo depois da queda?

1 — *Heras e Violetas*. Porto, 1869.

Ricos, a culpa é vossa: é do vosso dinheiro!
Inda essa gôta em si tem agua pura só,
Mas, para que outra vez ella saia do pó,
E volva á limpidez do seu brilho primeiro,
— E' como tudo volve ao primeiro explendor —
Basta um raio de sol! basta um raio d'amor!

ANTHERO DE QUENTAL

(1842-1891)

METEMPSYCOSE [1]

Ardentes filhas do prazer, dizei-me!
Vossos sonhos quaes são, depois da orgia?
Accaso nunca a imagem fugidia
Do que foste, em vós se agita e freme!

N'outra vida e outra esphera, onde geme
Outro vento, e se accende um outro dia,
Que corpo tinheis? que materia fria
Vossa alma incendiou, com fogo estreme?

Vós fostes nas florestas bravas feras,
Arrastando, leoas ou pantheras,
De dentadas d'amor um corpo exangue...

Mordei pois esta carne palpitante,
Feras feitas de gaze fluctuante...
Lobas! leôas! sim, bebei meu sangue!

1 — *Primaveras Romanticas*. Porto, 1872. *Os Sonetos completos*. 1890.

UNE FEMME QUI TOMB ...[1]

Quem te deitou, innocente,
Tremendo de frio e dôr,
Sobre o monturo da vida
Como coisa sem valor:

E essa face dolorida
Te fez empallidecer
Com o olhado da miseria,
Como o beijo do soffer;

Pode gelar-te esses membros,
Encher-te de pallidez,
Furtar-te o chão da existencia,
Cad'hora, de sob os pés:

Mas o que essa mão não pôde,
Com a gelada pressão,
Foi tirar-te o dom das lagrimas,
Foi seccar-te o coração!

Chora pois.. Deus vê as almas!
O mais é coisa mortal..
Vê-as sós — quer os ais sáiam
Do palacio ou do hospital.

Sua mão, se faz estrellas,
E' d'almas que anda a colher...
E, pois o espirito sóbe,
Bem póde o corpo descer!

Que importa onde os pés se firmam,
Se é porque o olhar se erga á luz?
Bem pôdre é o chão dos mortos,
E mais lá se hasteia a cruz!

1 — *Primaveras Romanticas*. Porto, 1872.

Como aos poços mais sombrios
Chega um raio de luar,
Podem tambem nascer lyrios
A' porta do lupanar...

E os seios que o mundo compra
No crapuloso leilão
A que preside a miseria...
Podem ter um coração!

Temos todos visto, ás vezes.
Sair uma luz ideal
De cabeças que se encostam
Na enxerga d'um hospital!

Ah! deixa correr teu pranto
Sobre o chão do lupanar...
E' sementeira de dores
Que andas, triste, a semear.

Mas passe o *inverno* por cima ..
Que a *primavera* ha-de vir!
As dôres, que tu semeias,
E' no ceu que hão florir!

Oh! ha lá quem conte as lagrimas
Que aqui se vão a chorar!
Debaixo de nossos olhos
Anda-as Deus sempre a aparar ..

Eu creio na providencia!
O tronco secco da cruz
Rebenta no paraiso
Para dar flôres de luz!

A's faces que empallidecem
Ha-de as Deus inda córar
Com o reflexo dos cyrios
Que ardem lá no seu altar!

E se os olhos se anuviam
Escurecendo-se — Deus
Faz dos escuros da Terra
A aurora eterna dos céus!

1863.

GUERRA JUNQUEIRO

(1850 —)

MORTE DE D. JOÃO [1]

Era a cidade immensa, a meretriz das gentes.

E então julguei ouvir os gritos das gehenas,
O rabido estertor das velhas saturnaes,
E ver as cortezãs, famintas como hyenas,
Torcerem-se febris nos leitos sensuaes.

. . . . . .

«A' noite, dos bordeis, veem-se solitarios,
Uns esquifes sahindo em longa procissão,
Entre o rouco latim d'uns homens mercenarios
E as risadas crueis do torpe D. João.

«São os anjos do lodo, as deusas das viellas,
Que vão a descançar o derradeiro somno,
Levadas para a campa, assim como as cadellas
Que não conhecem pae, e nem sequer têm dono.

. . . . . .

Andam as mães a vender as filhas Messalinas:
Umas pelos salões, outras pelas esquinas.

. . . . . .

Nos bairros do prazer, nos bairros da desgraça,
Anda a luxuria vesga a farejar quem passa.

1 — *Morte de D. João*. Porto, 1874.

Creanças ideaes, angelicas, serenas,
Cantam alegremente umas canções obscenas.
E as velhas cortezans, panteras esfaimadas,
Com risos sensuaes nas boccas desdentadas,
Vagueiam pela sombra a mendigar um pão
De quando em quando passa um funebre caixão.
A's vezes d'um bordel, d'uma viella escura
Sae um gemido, um grito, uma palavra impura,
Um choro de creança, um rouquejar profundo
De tosse aguardentada . .
. . . . . .
Vem despontando ao longe a aurora côr de rosa,
Anemica, infantil, vaga, silenciosa.
Tombam por sobre o leito as gastas Messalinas;
Fecha-se o lupanar; abrem-se as officinas.
. . . . . .
Na solidão da noite erma, infinita,
— Deslumbrante sarcofago, — crepita
O vasto lupanar:
Corre a turba pagã ao sacrificio . .
E os ventos batem na mansão do vicio
Como um conviva que deseja entrar.

Recruzam-se nas salas
As Venus sensuaes,
Brancas como opalas,
Frias como punhaes.

E os Faustos impotentes
Faustos do lupanar
Ao verem essas carnes florescentes
Não podendo mordel-as com os dentes,
Mordem-nas com o olhar

Passam tambem as cortezãs antigas,
As estatuas de gesso
Que ha trinta annos foram raparigas,

E que inda hoje por um alto preço
Vendem nas entrevistas
Sorrisos fatigados,
Comprados aos dentistas.
Foram essas lindas creaturas
Que atravessaram duas gerações
Abrindo sepulturas,
Manietando ao corcel das aventuras
Os dandys e os milhões.
Volteiaram na esplendida voragem
Do gaz e do champagne,
Fazendo do seu corpo uma estalagem,
Do seu amor um mastro de cocagne;
Por seus encantos lubricos, sinistros,
O juiz vendeu as leis;
Dormiram nas alcovas dos ministros,
Dos principes, dos reis.
E inda agora essas frias cortezãs,
Esqueletos banaes,
Gastos pelos can-cans
De trinta carnavaes,
Passam, rindo, na valsa doudejante,
Carminadas, postiças, theatraes,
Velhos corpos, desfeitos, resequidos
Onde o ultimo amante
Vae pendurar os ultimos vestidos.
.....
E a cortezã, dormita, embalsamada.
Pallida, mergulhada
De rendas brancas em preciosas nuvens.
As formas do seu corpo exhuberantes
Fazem lembrar as deusas triumphantes
Dos festins mythologicos de Rubens.
.....

IMPERIA (*levantando-se do leito*)

— «Pois já que assim quizeste, em brandos laços,
Desprende a alma ao som d'uma canção.
Ahi tens o seio nu, ahi tens meus braços,
A cruz da redempção.

«Eras a alva candida pombinha,
E eu a flôr do mal;
Mas agora, bem vejo, é sina minha
Andar partindo as urnas de crystal.

Eu tinha uma grinalda isenta e pura
Feita de luz e amores. .
Que é d'essas folhas de leal candura?!
Que mal vos fiz, ó minhas pobres flores?;

«Dentre os lyrios virentes da corôa
Vinha um anjo embalar com mil segredos
A calma do meu somno ..
As rosas esfolharam-se entre os dedos,
E os sonhos me voaram, como vôa
De andorinhas um bando ao vir do outomno.

«Retalharam-me o cingulo de prata
Que prendia o meu ceu de rosea espuma;
E as illusões seguiram-se uma a uma,
Como um collar de soes que se desata.

O' tantas illusões que eu tanto amava!
O' grinalda d'Abril já meio solta,
Que eu vi caíndo em pó!
Levei as mãos á fronte ardendo em lava,
Era o sello do crime . Olhei em volta,
Achei-me nua e só.

«Errando ao desamparo em noite escura,
A Deus ouvi dizer
Com a voz repassada de ternura:
— «Chora! Chora, mulher!

«Gota de agua de uns olhos peccadores
E' maior que as torrentes caudalosas,
Mais forte que as procellas;
Orvalha as cinzas das mirradas flores,
Chora, mulher se a c'roa era de rosas,
Tornar-t'a-hei de estrellas. –

«E não chorei!... os barbaros sem nome
Deixaram-me na alma semi-morta
Só lagrimas de fel;
Fui bater a um palacio . tinha fome,
E veiu a caridade abrir-me a porta ..
A porta do bordel.

....

O' magras cortezãs d'olhar felino, impuro.

....

Levas na fronte a c'rôa da innocencia.
Levas no labio um riso immaculado;
Partiste para o céu, piedosa essencia;
Em procura do mystico noivado.

Mas comtudo na doce transparencia,
Nas linhas do teu rosto desmaiado,
Eu leio-te os segredos da existencia,
Os mil dramas da carne e do peccado.

Esmagaste do amor as garras brutas,
Cingindo ao corpo um barbaro cilicio;
Mas, ó virgem das virgens impollutas,

Quantas vezes no horror do sacrificio
Não chegaste a pensar nas prostitutas
Que á noite dormem sobre o mar do vicio!

*

GUITARRA DE D. JOÃO

Ia quasi no fim a ceia. D. João,
Sentindo dentro d'alma a flor da hypocondria,
Fumava e remordia
Um pessimo charuto, um *breva* de tostão.
Em volta as Messalinas,
Repletas de cognac,
Esvaziavam rindo as taças crystallinas,
Trauteando as canções alegres de Offembach.
Na hedionda pallidez, nas caras desmaiadas
Das Venus triviaes,
Abriam-se aos desdens, rubras como facadas,
Boccas avermelhadas
Boccas de canibaes.
E os olhos côr da noite, os olhos desleaes,
Doces como setim,
Vertiam brandamente as humidas scentelhas
Sob a curva ideal das negras sobrancelhas
Pintadas a nankim.
Uma das cortezãs, de formas vis, ridiculas,
Cheirando muito a alho e tresandando a vinho,
Com a tosse febril, saltavam-lhe as claviculas
No magro peito nu, da côr do pergaminho.
Outras eram gentis, chloroticas, gulosas;
Gostavam de comer sómente as sobremesas,
E sabiam contar coisas libidinosas
Com phrases de soldado e um ar de arquiduquezas.
Via-se alli tambem a deslumbrante Imperia:
Carnes phenomenaes, brancas espaduas nuas,
Vampiro da paixão, milagre da materia,
Gostando de Bordeus, d'amor e de ostras cruas.
Bebia, saboreava os preciosos vinhos
Com gestos senhoris, altivos, miudinhos,
D'um *chic* singular, um pouco amaneirado;

E que graça, meu Deus ! que tentação fremente,
Vendo-a despedaçar, morder felinamente
Com vermelho appetite um bife ensanguentado !
Mas no luxo venal d'aquellas prostitutas,
Nas olheiras fataes das noites dissolutas,
As noites de embriaguez ;
No exagero febril do córte dos vestidos,
Desfeitos e tingidos
Pela segunda vez ;
Nas joias de *plaqué*, nas pedras preciosas,
Ordinarios crystaes com venenosos brilhos ;
Na ictericia cruel dos murchos velludinhos ;
Nas carnes sem pudor, batidas, gordurosas ;
Em tudo estava impressa a tragica ironia,
O sorriso fatal
Da miseria elegante, amarga, doentia,
Da miseria que vae morrer na enfermaria
D'um lugubre hospital.
Havia pelo chão copos despedaçados.
Sentia-se bater a aza flammejante
Dos vicios delicados.
Desmaiavam de sêde as purpurinas rosas.
E a viva luz do gaz, crua como um diamante,
Tinhas scintillações phantasticas, nervosas.
Pela gorda atmosphera esbranquiçada, opaca,
Que poderia até cortar-se mesmo á faca.
Andavam mil vapores,
Mil essencias febris, bebedas, desvairadas :
Exoticos licores,
O aroma dos *bouquets* e o cheiro das pomadas.

IMPERIA

«Só eu á tua dôr encontrarei remedio,
Meu pallido *crévé*, meu triste D. João :
Só eu posso arrancar-te a negra flor do tedio
Que Satanaz cultiva em nosso coração.

«Quando penso ao luar nos osculos divinos,
Nos beijos da tua bocca, esplendidas abelhas,
Os meus sonhos de amor são cactos purpurinos
Que abrem, ó D. João! as petalas vermelhas.

Eu conheço a finura, a graça, a geometria
Da moderna paixão, louca, desordenada:
E sei como se bebe um copo de alegria
N'um crystal da Bohemia, ás tres da madrugada.

Eu conheço da carne as morbidas essencias,
Os philtros do prazer, os lubricos peccados.
Tenho no meu olhar finas concupiscencias,
Desejos tropicaes, occultos, sublinhados...

Eu mergulho em veludo e rendas de Malines,
Com a graça infernal, as graças do deboche,
Meu corpo que anda exposto em todas as vitrines
Ao pé de Lacenaire e ao pé de Rigolboche.

Cleopatra bebia as perolas do Oriente,
Eu amo com o champagne os ternos corações,
Adoro o baccarat extraordinariamente,
E costumo calçar luvas de seis tostões.

Quando passo na rua, as damas elegantes
Accusam com o olhar os perfidos maridos...
Murmuram entre si ditos escalpellantes,
E imitam-me, a final, todos os meus vestidos.

Os pallidos *crévés*, lymphaticos Othellos,
Que eu conduzo do amor aos negros labyrinthos,
Suicidam-se por mim, batem-se em duellos
E morrem como os cães, os magros cães famintos.

Abandonam da esposa o seio casto e brando,
Para satisfazer a doida phantasia;
E, torpes e febris, entram cambaleando
Na alcova nupcial ao despontar do dia.

Muitos que eu conheci, riquissimos banqueiros,
Dandys do grande tom, andam pelas galés;
Alguns, ó D. João! fizeram-se cocheiros,
Outros morrem de fome, á porta dos cafés.

Os velhos bestiaes, os monstros debochados
Que contemplam da morte o olhar sinistro e mudo,
E já sentem ranger nos ossos cariados
O *bull-dog* infernal do rheumatismo agudo,

Dão-me rendas e oiro e ceias e brilhantes;
Põem dentadura falsa e luvas amarellas,
E atiram a meus pés, humildes, soluçantes,
Os frios corações, envoltos em flanellas.

E por ti, D. João, por ti a quem outr'ora
Eu louco despenhei no inferno dos amores,
Por ti eu deixo tudo o que minh'alma adora:
Os meus vicios fieis — pagens encantadores.»

. . . . . .

IMPERIA

Eu que tenho no olhar o incoercivel dente
Que aguilhoa da carne os sonhos bestiaes,
E tenho as attracções nervosas da serpente
Com que Jehovah tentou nossos primeiros paes;

Eu, a mulher perdida, a cynica indolente,
A torpe barregã de olhos sentimentaes,
Que ando de mão em mão escandalosamente
Como as cartas de jogo e os livros sensuaes;

Eu, negra flôr do mal, silenciosa e calma,
Eu, que cheguei a ter escrofulas na alma,
E abri um lupanar dentro do coração;

Ao ver o teu olhar, o teu olhar sombrio,
O' canalha gentil, ó pallido vadio,
Eu, que desprezo o amor, amo-te, D. João!
.....

cantharidas impuras,
Vampiros sensuaes, deliciosos vermes
.....
Umas sem coração,
Usurarias da carne, agiotas da paixão,
Fazem do seu amor obscenos restaurantes
Aonde, à meia noite, os tristes viandantes
Vão pedindo por lista os gosos sensuaes,
Ardentes como o sol, frios como os punhaes.
.....
E o resto, finalmente, expulsas dos bordeis,
Andam cynicamente em volta dos quarteis,
Dando por um ceitil os beijos avinhados
A's boccas dos ladrões e ás boccas dos soldados.
Depois, cheias de fome e lepras bestiaes,
Hão-de ir a fermentar dentro dos hospitaes,
Aonde à luz do sol os magros estudantes
(E alguns foram talvez outr'ora os seus amantes!)
Enterrarão sem dó os frios bisturis
Na velha podridão d'aquellas carnes vis,
Fazendo observações, soltando gargalhadas,
Mettendo-lhes no ventre as mãos ensanguentadas,
Cortando, retalhando os membros que afinal
Cosidos n'um lençol, dado pelo hospital,
Irão à meia noite em tumulos sombrios
E seguidos de tres ou quatro cães vadios
Perfumar, engordar as lubricas raizes
Dos crassos vegetaes, os vegetaes felizes
Que arrojam para a luz, fortes, envernizadas,
Grandes folhas hostis, brunidas como espadas.
.....

IMPERIA

Meu pustulento e roto coração,
Todo embebido em podridões modernas,
Tem sido como um velho cangirão
Que anda de bocca em bocca e mão em mão
Nas grosseiras orgias das tabernas.
Eu percorri as trevas do peccado
E as espiraes dos vicios.
Meu corpo tem andado
Nos bordeis, nas cadeias, nos hospicios
E na lama das ruas.
Eu sei cantar canções aguardentadas,
Mais desavergonhadas
Que meretrizes nuas,
Durmo como as cadellas
N'esses becos immundos;
E riem-se de mim as sentinellas,
E espancam-me de noite os vagabundos!..

.....

Imperia está nojeeta, hydropica, leprosa;
Dir-se-ia que foi pintada a caparosa.
Tem chagas na cabeça e postulas vermelhas;
A syf'lis bestial roeu-lhe as sobrancelhas.
Causa nojo aos ladrões, aos parias e aos mendigos.
A lepra é sua irmã e os vermes seus amigos;
E' d'essas podridões raras, phenomenaes,
Que a sciencia conserva em frascos colossaes,
Para expor nos museus ás vistas curiosas.
No entanto essa mulher foi bella como as rosas
E teve a pallidez das virgens de Murillo.
Agora contemplae-a; é monstruoso aquillo:
Cortaram-lhe o cabello á moda dos soldados.
Os vicios infernaes passaram como arados
N'esse corpo desfeito. A estupidez idiota

Lê-se n'aquelle olhar. De quando em quando enxota
Os insectos febris que amam a podridão,
Roga pragas, depois estorce-se no chão,
Uiva como um chacal, dá grandes gargalhadas,
Coça instintivamente as chagas verminadas,
Corre á pedrada os cães e fica a olhar quem passa
Arrepelando o olhar da consciencia baça.
E' um craneo sem luz, com ideias sem nexo;
Um monstro que afinal quasi que não tem sexo;
E' a escoria que sahe das minas dos instictos
Andou aos pontapés todos os labyrintos
De miseria e de fome; apupam-n'a os garotos
E estão á espera d'ella os ventres dos esgotos.
.....

SOUSA VITERBO

(1845)

HETAIRAS [1]

Vós envolveis o corpo nas roupagens
Mais finas, elegantes, caprichosas;
Vêdes passar, alegres, voluptuosas,
Do amor fidalgo as lubricas imagens.

Adormeceis nas flaciças carruagens,
Murchais no seio as pudibundas rosas,
E queimaes essas boccas sequiosas
Nas boccas feminis dos louros pagens.

1 — *Harmonias phantasticas*, (1875).

Tendes tudo : os theatros, a riqueza,
As noites de delirio e morbideza,
Todas as tentações todos os brilhos !

E só não tendes nas estereis pomas,
Oh Venus das esplendidas Sodomas,
Uma gota de leite para os filhos !

JOÃO DE DEUS

(1831-1896)

MATERNIDADE [1]

Ella era um anjo, linda e innocente ;
Mas uma carniceira, a quem fez conta
Pôl-a nos talhos que ahi ha de gente
Foi á policia, deu-lhe o nome, e prompta.

Elle é banqueiro : entrou n'essa remonta
De pares que se fez ultimamente,
Porque em Loanda, a crer o que se conta,
Ganhou em pretos fabulosamente.

Rico, senhor d'uma fortuna bruta,
Proporciona-lhe gozos, que ninguem,
Mulher nenhuma em Portugal disfructa.

E a triste nada goza e nada tem !
Monstros não geram : Deus á prostituta
Não lhe concede as honras de ser mãe !

1 — *Campo de Flores.*

*

MERCENARIA [1]

Ouviste-me não sei quê
Trincolejar na algibeira,
Acudiste mui lampeira
Que me amavas... já se vê

Tens amado mais de mil,
Não era agora o primeiro;
Mas pensas que era dinheiro?...
E' a pedra e o fuzil.

*

LYDIA [2]

(*De Horacio*)

Os moços cada vez menos
Te vão batendo á janella;
Já dormes somnos serenos,
Que raras vezes te vêm
Esses somnos perturbar.
A tua porta hoje em dia
Guarda como sentinella
No seu posto o limiar;
Já nos gonzos que a sustêm
E' raro ouvil-a girar.
Já de poucos desejada
A poucos ouves dizer:
Cara Lydia, minha amada,
Ah, teu amante a morrer,
Tu a dormir socegada!
.....

1 — *Campo de Flores.*
2 — *Campo de Flores*

ADELINO VEIGA

(1848-1887)

O ULTIMO DEGRAU [1]

Ao transpor os umbraes do teu prostibulo.
Busquei a embriaguez do esquecimento;
Deixei lá fora a dor e o sentimento,
Pisando este degrau como patibulo.

Dá-me a cruz de teus braços, oh! .. perdida!...
O amor te enlameou e envileceu...
Não és, não és, mulher, mais vil do que eu.
Náná!... perdi a vida, dá-me a vida!...

E quando um dia alguem te perguntar
Como é que podéste ainda amar,
Mulher, que sempre o amor vendido tens.

Dize-lhe: — era um perdido; um desgraçado;
Dei-lhe o meu coração no vil mercado...
Pôdre immundicie que se atira aos cães!...

*

O CALVARIO DA MULHER [2]

(A José da Silva Ferreira Bahia)

Se vires a mulher perdida,
Não a tractes com desdem,
Porque Deus tambem castiga
Não diz quando nem a quem.

(TROVA POPULAR).

1 — *A Guitarra de Almariva*. Porto, 1882.
2 — *A Guitarra de Almariva*.

A mulher que é virtuosa,
Bella, pura immaculada,
Não despreze a desgraçada
Porque foi mais desditosa!...
Perdeu-se por ser formosa,
Foi na má sorte envolvida,
Foi como a rosa cahida
Que o vento sul desfolhou!...
Não zombes porque tombou,
«Se vires a mulher perdida.»

Toda a mulher nasce pura
Como os archanjos do céo,
E não merece o labéo
Se se entrega á desventura;
Sempre uma affeição prejura
A rouba aos braços da mãe;
Se esquece da honra o bem,
E' o homem o culpado!..
Não escarneças o seu fado,
«Não a tractes com desdem.»

Crê n'uma jura de amor,
Illude-se por um carinho,
E deixa o patrio ninho
P'los braços de um seductor;
Tem depois em paga a dor,
O despreso, a fadiga,
Mais tarde a fome a obriga
A vender-se em vil leilão!..
Mas... não a desprezes!... não
«Porque Deus tambem castiga!»

Ai!... bem lhe basta o seu mal.
A sua mesquinha sorte,
E ter á hora da morte
As palhas de um hospital!..

Mundo!... oh! mundo venal!...
Que culpa a vitima tem
Se lhe dão em paga ao bem
Prejurio aos affectos seus?!
Não zombes.. castiga Deus,
«Não diz quando nem a quem?. »

*

MAGDALENA ARREPENDIDA [1]

Que alegria pode ter
Minha mãe que me creou?
Tão chorosa me procura
Sem saber onde estou.

(TROVA POPULAR).

Entreguei-me á negra vida,
Dos sonhos de amor na ancia,
E, mal ao sahir da infancia,
Tornei-me mulher perdida;
Pelo amante a mãe esqueci da,
P'lo mal calquei o dever,
Sendo anjo, fiquei mulher
Nos antros da perdição!..
Minha triste mãe, então,
«Que alegria póde ter?»

Eu deixei a minha herdade
Aonde era tão feliz,
Por minha vontade quiz
Este viver de maldade!...
Ai!.. se podesse a saudade
Dar-me o que o amor me levou!..

1 — *A Guitarra de Almaviva*.

Não pode, não! .. acabou
Meu viver de crença e esp'rança!...
Só conservo na lembrança
«Minha mãe me creou! ..»

Eu esqueci sua virtude,
Suas bondosas lições,
Esqueci suas orações
Pelo amor que tanto illude.
Seduziram-me e eu não pude
Escapar á desventura;
Deixei de ser virgem pura
Nos braços do meu amante;
E a minha mãe lá distante
«Tão chorosa me procura! .»

Na hora em que eu vim á luz,
Nessa hora Deus me levasse,
P'ra que assim eu não passasse
Este martyrio, esta cruz!...
O amor que tanto seduz
Ao lupanar me levou;
Foi Deus que me castigou
Por eu deixar minha mãe,
Que me procura tambem
«Sem saber aonde eu estou.»

*

NO FUNDO DO ABYSMO [1]

Eu já fui rica e formosa,
Hoje sou velha e mesquinha;
Fui feliz, sou desgraçada,
Triste sorte foi a minha.

(A. VEIGA).

1 — *A Guitarra de Almaviva*.

Tive n'alma o fogo ardente
Da mais infinita paixão ;
Era de amor o vulcão
Que alentei, esp'rançosa e crente ;
Eu era pura, innocente
E' linda como uma rosa ;
Mas da belleza orgulhosa,
Louca ! deixei-me illudir !..
Sabei que se ando a pedir,
«Eu já fui rica e formosa.»

Veludo e rendas lancei
Sobre os hombros de alabastro ;
Eu foi o formoso astro
Dos grandes bailes que dei ;
Mas... com a honra comprei
Este poder de rainha ;
Em breve a má sorte tinha
De na lama me lançar ;
Hoje, vivo a mendigar,
«Hoje sou velha e mesquinha.»

Conheci milhares de amantes,
Fui d'elles o peso d'ouro ;
O meu fnfame desdouro
Custavam-lhe os diamantes.
Eu tive coches brilhantes
Onde passeei recostada ;
No prazer sempre engolfada,
Consumi a minha vida ;
Hoje digo arrependida :
«Fui feliz, sou desgraçada»

Quando o espelho me mostrou
Feias rugas da velhice,
Voz mysteriosa me disse ;
«O teu reinado acabou !»

O despreso me cercou;
Amantes, já os não tinha,
Já ninguem consolar vinha
Quem fôra tam adorada;
Hoje, sou velha, infamada,
«Triste sorte foi a minha!..»

*

AS DESGRAÇADAS [1]

Nas loucas noites de orgia,
Quando entro no lupanar,
Lamento as desditosas
Que á corrupção vão parar.

(* * *).

Bem como o tufão violento
Corta a flor com furia insana,
Ou como a nuvem empana
Um astro no firmamento,
Assim o vicio sedento
Com falsas côres inebria
Das mulheres a phantasia
E á desgraça as vae lançar!...
Pobres flores do lupanar
«Nas loucas noites de orgia!...»

Do prazer á falsa luz
Ellas caminham inquietas,
Como as loucas borboletas
Que qualquer chamma seduz!..
Ai! quanto é infame a cruz
Onde ellas se vão cravar!..

1 — *A Guitarra de Almaviva.*

Bem triste sorte as vae esperar
Na hora extrema da vida!
Por isso, eu choro a perdida
«Quando entro no lupanar!...

E digo então para mim,
Malditos os seductores
Que roubaram estas flôres
De um recatado jardim!..
Puras, bem puras, oh! sim!
Já foram estas formosas!...
Hoje .. babas venenosas
As enchem de podridão!. .
E cheio de dó então,
«Lamento as desditosas.»

Sabe Deus que afflicto pranto
Tanta deshonra custou,
E que pae ou mãe chorou,
Com vergonha e com espanto!
O sacrario puro e santo,
Que se chama o doce lar,
Ellas souberam deixar
Da seducção ao reclame;
Seguiram a estrada infame
«Que á corrupção vae parar!

CHRISTOVÃO AYRES

(1853)

O POEMA DAS VIELLAS [1]

(*A Candido de Figueiredo*)

O quarto é rez do chão; tem uma porta
e uma janella apenas. Bruxoleia
na limitada estancia a luz mortiça
d'um candieiro acceso junto ao quadro
da Virgem, collocado sobre o leito.
N'aquelles quatro palmos sem conforto
tudo indica a mais sordida indigencia.

E' meia noite dada. O ceu sombrio
raro o esclarece a luz d'algum relampago;
ninguem passa na viella solitaria,
onde a chuva cavou pôças de lama.
Ella, que havia já vinte e quatro horas,
tinha comido o duro pão da vespera,
dormitava á janella, na almofada
postos os callejados cotovellos.
Corria-lhe bem mal o seu officio!

Os sorrisos venaes, os gestos ávidos,
as phrases provocantes e lascivas
nada attrahira os raros transeuntes
durante um longo dia d'ancieidade.
Sentia-se extenuada; somnolentas
as palpebras cerravam-se; a cabeça
pendia-lhe pesada sobre o peito!

Sorria-lhe comtudo uns sonhos lêdos,
Via-se transportada ao seu passado,
da sua infancia aos placidos affectos.

1 — *Novos Horisontes* (1875-1880). Lisboa, 1882.

Flôr da rua

(Por Marilinho da Fonseca)

Via sua mãe no tráfego da casa ;
seu pae, o lavrador forte e honrado
guiando os bois aos matinaes trabalhos ;
e um rancho de creanças, cabritando
descalças sobre as pedras da calçada.

O campo estava lindo ! A primavera
vertia a plenas mãos flores e aromas ;
no frondoso pomar andavam aves
solicitas armando os ninhos fôfos.
Desciam para o rio as lavadeiras,
repisando as monotonas cantigas ;
andavam pelo monte as ovelhinhas
a correr no seu passo meudo e lesto ;
soltava o gallo a voz vibrante e estridula
batendo alegremente as rijas azas.

N'isto, subito accorda em sobresalto
a roufenha canção que vem ao fundo
subindo lenta a ingreme calçada.
A voz aguardentada do marujo
enche da noite a solidão agreste ;
e ella, como um contraste aos sonhos castos
que mal sonhara, emquanto adormecida,
pôz-se a scismar no seu destino horrivel ;
e passando em revista o seu preterito
e o seu triste presente, horrorisou-se
de ver quanto descera em curto espaço,
desde que um mau instincto a arrastara
á ingratidão, ao vicio, á desventura.

Depois ... foi a miseria, a fome, a angustia,
passadas na abjecção e no abandono ;
no abysmo das mais infimas desgraças,
de baldão em baldão, chegara ao fundo.

Em troca d'uma ephemera alegria,
d'uns fugitivos, rapidos prazeres,
quanta tristeza occulta, quantas luctas!
quanta desillusão angustiosa!
Quando contente os gozos da taberna;
quando triste os rigores da invernia,
a pobreza, a solidão, a fome, a crapula;
e a enxerga do hospital quando doente.

E ha já vinte e quatro horas que não come;
tinha empenhado o seu melhor vestido
para comprar um pão, tres dias antes.
A noite desabrida afugentava
o pouco que a fortuna poderia
trazer áquellas horas solitarias.

Se continua assim, que será d'ella?
e as lagrimas saltaram-lhe dos olhos.

A canção do marujo, agora perto,
vinha arrastando a rouca melopeia;
sorriu-lhe nesse instante uma esperança:
«Psiu»! — e umas phrases teve cariciosas.
O marinheiro arregalou os olhos,
e resmungando pragas somnolentas
encaminhou-se, aos bordos, para a porta.

E ella n'uma expansão de franco jubilo,
arregaçando os grossos labios tintos,
deixou ver a falhada dentadura
onde uns pontos escuros negrejavam;
saltou dentro, pulando de contente,
e foi beijar na rapida passagem,
a Virgem que sorria sobre o leito.

Tinha alcançado uns miseros patacos
com que matasse a fome, no outro dia.

Lisboa, 1879.

CONTRASTE [1]

Quem póde resistir aos filtros d'esse olhar
que a vista nos deslumbra, ó doce creatura?
quem olhou para ti, e não sentiu vibrar
toda a sua alma, abrindo as portas á loucura?

Eu vejo a multidão seguir-te deslumbrada,
como as garças abrindo as azas á alvorada,
e os pavões saúdando o despontar da aurora.
Ao sentir o explendor da tua formosura,
ó Natercia, ó Beatriz, ó minha doce amada,
quem póde resistir, quem é que não te adora!

Comtudo a tua voz é o silvo da capêllo;
como harmonia attrae, como veneno mata,
e são as espiraes do teu negro cabello
a rede que prendeu a minha alma insensata.
Ha perfidias lethaes no teu olhar fulgente,
nos teus labios o fel da lubrica serpente,
traições de corcodilo, e enleios de sereia!
Pobre mulher perdida, ó creatura ingrata,
ao lêr nos penetraes d'essa alma impenitente,
quem não gela d'horror? quem é que não te odeia?

*

LÉSBIA [2]

Não ha olhar mais dôce,
nem mais formosa bôcca.
nem mais suave e etherea formosura;
porém no olhar d'essa creança louca
nem o reflexo d'uma crença pura!
E' como se elle fosse
talhado em pedra dura.

1 — *Indianas e Portuguezas*, 1870-1875.
2 — Idem.

Aquelle seio d'ella, essa riqueza
que não tem outro igual em toda a terra,
aquelle coração onde ella encerra
tão gelados desdens, tanta frieza,
aquella bôcca, a coralinea taça,
que pede beijos e recusa dal-os,
aquelle altivo olhar que faz vassallos
por onde passa,
todos esses prodigios de belleza.
todo esse immenso abysmo da desgraça,
quem os quizer possuir... ha de compral-os!

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

(1856 —)

A ROSA ENGEITADA [1]

Enlameei no sordido bulicio
Da cidade, meu corpo adolescente,
E minh'alma arrastei pela torrente
Tenebrosa e mephitica do vicio.

Mas n'este lodo infame um só resquicio
De amor achou teu coração clemente;
Transformaste a faúlha em lava ardente,
Toda me depuraste em sacrificio.

Os borbotões do sangue que resalta
Da minha chaga horrenda, o acerbo pranto
Que os olhos cega e minha dor exalta,

São joias puras de perpetuo encanto,
Com que a piedade humana adorna e esmalta
O teu diadema de poeta e santo.

1 — Soneto recitado por Adelina Abranches, na recita em homenagem á memoria de D. João da Camara, em junho de 1908.

LUIZ DE MAGALHÃES

(1859 —)

A ASTARTEIA [1]

(A J. Botelho Biley)

A Astarteia gentil de formas vaporosas
dormia entre os setins e rendas luxuosas.
Seu corpo contornado em curvas musicaes,
o seu grego perfil de linhas immortaes,
a pallidez ideal da alvissima epiderme,
o todo encantador, adormecido, inerme,
fazem-nos lembrar a Venus embalada
nos murmurios sem fim da lympha enamorada!
Ao vel-a assim tranquilla, a pallida visão,
como quem tem sereno o casto coração,
eu senti dentro d'alma um violento impulso,
não de ir beijar-lhe a face em terno amor convulso.
mas de lhe estrangular a alvissima garganta
— peciolo gentil da venenosa planta!
Eu não pensei estar nos lubricos ardores,
nos delirios febris, nos tremulos fulgores
da radiante nudez do corpo esculptural;
eu vi unicamente a vibora fatal,
que se alimenta só com o ouro dos milhões,
lançando ao negro abysmo — ás tristes perdições —
as almas de crystal e as puras consciencias,
a branca ingenuidade e as castas innocencias!
eu vi o monstro atroz, o monstro carniceiro
que vive de luxuria e vive de dinheiro;
eu vi a causa-mãe dos doudos desvarios,
da triste morbidez dos pallidos fastios,

---

1 — *Primeiros versos*. Porto, 1880.

aquelle que produz os monstruosos crimes
e odeia da virtude as formas mais sublimes !
A languida Astarteia ali adormecida
esconde no veludo a lamina homicida
com que depois do ardor da chamma dissoluta
— qual esbelta serpente airosa, mas astuta —
lacera os corações dos tremulos amantes !

O' lubrica mulher de carnes deslumbrantes !
ó fina cortezã ! distincta filha d'Eva,
que tens no fundo olhar o symbolo da treva
e no corpo gentil a graça de uma houri !
eu não te amo, não, dourada colibri !
eu não posso amar, pois entre as nossas almas
ha o abysmo sem fim das mornas noutes calmas
ledos dias de verão feitos de azul e luz ;
— és filha de Satan e eu filho de Jesus !
A doce embriaguez das tuas tentações,
não póde perverter as nobres convicções !
o verme não corróe a lava de granito ;
o homem não comprehende as vozes do Infinito ;
a luz não vê a treva ; o Mal evita o Bem ;
— a mesma repugnancia existe em nós tambem !
Eu sou o bardo novo, o poeta varonil ;
Tenho o peito da côr das roseiras d'abril,
e chama-se Moral a minha musa altiva
— a deusa que não sente a morbidez lasciva
a requeimar-lhe o olhar nas horas do prazer !
Tu és, douda perdida, a infeliz mulher
que vives entre o rir d'ephemera ventura,
a *cocotte* venal, a filha da loucura,
e vaes brilhando emquanto a graça te não foge
e de febre o teu corpo o tempo não despoje.
Mas, quando a rosea côr da face assetinada
descore como um trapo e fique desbotada,

já não serás. mulher, a sylphide mimosa,
a rival em palôr da lua silenciosa
a quem o romantismo exalta nos seus versos:
tu has de sentir n'alma os sonhos maus, perversos,
os phantasmas d'outr'óra hoje sem vida, inertes.
e as mumias dos que agora á podridão convertes;
e andarás tão nojenta, hedionda e desprezivel,
que nem commoverás o peito mais sensivel!

E comtudo, ó mulher, a mim causa-me dó
o ver-te na miseria asperrima de Job!
Eu penso que tu és, assim como nós todos,
um ser que tem direito a não viver nos lodos
da desgraça fatal. Eu penso que tu és
alguma coisa mais que a espuma das marés
amarelada e vil no mar da Humanidade;
que na tua alma ha força, ha vida, ha mocidade;
que deves ser feliz e deves ter um lar.
Bem sei que és criminosa, ó languida Thamar!
Eu sei que a Historia aponta, ha mais de seis mil annos,
da tua negra vida os crimes deshumanos;
— esses risos gentis, crueis como o veneno,
que podem transformar um Christo n'um Sileno!
Mas eu não posso crer que essa tua alma seja
tão pervertida e má, tão torpe e malfazeja,
que só possa sentir prazer em macular
os peitos de crystal e as almas de luar!
Oh, eu não penso assim! isto é falso, mulher!
Nem só has de ser Laïs, tambem serás Esther,
nem só prostituição, tambem afectos nobres!
Eu quero já rasgar a treva em que te encobres
e apresentar-te á luz, n'aurora do porvir,
rehabilitada emfim!
E tu has de sorrir
com esse riso bom, angelico e tranquillo
da santa inspiração ridente de Murillo...

Porque, ó Astarteia, a febre das paixões,
com que o teu fundo olhar captiva os corações,
não é só da tua alma um espontaneo fructo:
essa febre d'amor é o infernal producto
d'uma fecundação velhissima, fatal,
que sémpre em nós opera o meio social!
A luz de certa era, as crenças e a razão,
a arte e a industria — a civilisação —
é sempre a mais culpada em nossos desvarios.
A alma ao perpetrar os crimes mais sombrios
recebe sempre d'ella o perfido incentivo.
Quem guia muita vez o ferro vingativo,
quem os bons corações conduz ao vicio, ao mal,
não é unicamente o nosso natural
a nossa má tendencia, a indole perversa,
— é o ambiente sem luz no qual vagueia immersa
a nossa alma, que, gasta, e rota, e corrompida,
se desfaz devagar no lodaçal da vida!

Quantas vezes, mulher, sentindo fome e frio,
sentindo o desamparo, a solidão, a morte,
tem a attração cruel d'irresistivel sorte;
quantas vezes, mulher, batendo angustiada,
á porta da riqueza, a soluçar, tremente,
pedindo de comer á santa caridade,
quantas vezes o rico ao ver-te descorada,
ao ver-te a pallidez da face transparente,
te abre sem pudor, que vil impiedade!
a ti que pedes pão, a ti que pedes vida!
te abre sem pudor a sordida guarida
chamada lupanar! E tu, fresca bonina,
arrojas-te por fim á vida libertina;
ao turbilhão fatal das mais senis miserias,
e deixas-te crestar ao sol bruxuleante
que doura falsamente as ilusões ethereas
d'esta vida devassa, impura e degradante!

Depois tu vaes descendo a escada funeraria,
que começa no *chic* da vida millionaria,
e baixa pouco e pouco até chegar, emfim,
a esse degrau cruel, aonde o cherubim
perde as azas do amor e cae no charco immundo
em que estão fermentando as podridões do mundo!

Quem te lançou ahi? quem é que te arranjou
ao sordido cairel dos vicios dissolutos?
Dize, mulher, qual foi a mão que te arrancou
a flôr da laranjeira dos peitos impollutos?
Seria o teu mau fado, o teu destino, a sorte?
seria a propensão nativa da tua alma?
Acaso um Deus cruel te designou tal norte
turbando-te da vida a transparencia calma?

Não, mulher! a desgraça immensa que te affligе,
a força, que pr'o Mal te leva e te dirige,
não é a mão d'um Deus, o braço do Destino.
nem só um natural lascivo e libertino!...
Se caminhas, se vaes no trilho da desgraça,
sentindo a cada instante a consciencia baça,
tornar-se um lodaçal mephytico e corrupto,
se no teu coração, venal, irresoluto,
não brilha a viva luz serena da verdade,
é porque n'essa estrada impura da maldade,
em que vaes sem cessar na queda irresistivel,
ha uma força fatal, occulta, incomprehensivel,
que em segredo te chama, e arrasta e faz cahir...
— E' o meio que te impelle ás praias do porvir,
abandonada e vil, cadaver corrompido,
á voz dos vagalhões e ao lugubre rugido
nas iras infernaes das doudas ventanias!...
Pois bem, mulher! Então as tuas agonias

que nascem ao morrer do tempo da belleza
hão de um dia acabar. O meio é que te arrasta
á voragem do Mal, ao cahos de torpeza?
Pois variemos o meio e varial-o basta! ..
Quando o meio fôr bom assim como Evangelho
repleto de moral, a transbordar amor,
brilhante como a luz, claro como um espelho,
ha de o teu coração abrir como uma flor!

Variemos o meio! á lepra — lupanar
oppunhamos, por fim, este remedio — o lar,
A mulher que tem fome, á timida creança
em cuja alma se extingue o grande sol da espr'ança
a todo o ser que soffre, ao pobre, ao infeliz
matae com instrucção a perfida raiz
dos crimes e do Mal. Fazei da virgem mãe,
e dae-lhe um companheiro activo, infatigavel,
que lhe procure o pão, emquanto ella sustem
nos braços maternaes, castissima, amoravel,
o fructo d'esse amor — o seu mais caro bem!
E veremos depois — santas transformações! —
as Julietas febris e as Damas das Camelias,
purificando em luz os gastos corações,
tornarem-se, por fim Lucrecias e Cornelias!...

MARCELLINO MESQUITA

(1856 —)

ETAÏRE [1]

Se fosse puro o teu collo
Como um sorrir de creança,
Ou como a neve do pólo:

Tu eras, decerto, a esperança
Onde a saudade adormece,
Onde a noss'alma descança!

Não sei o que empallidece.
Teu riso! rindo, o teu rosto
Inda mais triste parece!

E, quando com ar composto
Tu passas, parece a gente
Que vê passar um desgosto!

A tua trança luzente,
Os olhos negros e a vida,
Formarão eternamente:

A estatua da Margarida,
Rasgado o veu transparente
Da castidade perdida!

*

ANGUSTIA [2]

Um nome todo dorido
O nome d'uma hespanhola
Parece o doce gemido
D'uma corda de viola!

1 — *Meridionaes*. Lisboa, 1882.
2 — *Meridionaes*.

E' assim que ella se chama
Como se a mãi suspeitasse
Que se murchavam na lama
As rozas d'aquella face ;

E aproveitasse o baptismo
Para epigrama pungente
Ao repugnante cinismo
Das gerações do presente.

Sahe esse amor, essa ardencia,
Que se vende e se consome,
Dos funeraes da innocencia,
Ou dos arrancos da fome.

E, curiosa nevrose,
N'esses fingidos desejos,
Opéra a metamorfose
De doridos ais, em beijos !

Um bello nome, mulher !
Que triste lição encerra :
A angustia vende o prazer...
Ha muitas assim, na terra !

*

NAS TREVAS [1]

Mai ! não morrerás.
Saiu pela cidade
Que adormecia á triste luz do gaz !
Abriu a mão á esmola ;

1 — *Meridionaes*.

Mas debalde pedia
Com voz do coração;
Um óbulo, sequer,
Cahiu na sua mão!

A noite adiantada,
Chegou-se-lhe um sugeito
De certa edade e diz:
Que rosto tão bem feito
Que tens rapariguita.
Ella córou; no entanto
Abriu a mão aflicta:
Sentiu-a entre duas,
Finas, desconhecidas,
E ouviu umas palavras
Más nuas, atrevidas!
— Tu vens?
— Irei!
E foi,
Palida, semi-chorosa,
E foi, aonde vai,
P'lo vento traiçoeiro,
A pétala da rosa
E a folha do loureiro!
Quando chegou a casa
A mãi tinha morrido!
Misera humanidade,
Até na orphandade
Ha bem... alguma vez!

.....

E beijando-lhe as faces desbotadas,
Levantando-lhe as palpebras fechadas,
Exclamava: ainda bem, já me não vês!
Então, como se a morta ainda a ouvisse

Das velhas regiões do paraizo,
Passou nos labios finos do cadaver
Um tenue e meigo riso!
E ella, a pobre, a triste, a profanada,
Sentiu uma alegria dentro d'alma
Como se a mãe dissesse: és perdoada!

VISCONDE DE SANCHES DE FRIAS

ANJO CAÍDO [1]

Ai! pobre anjo da má sorte!
C. CASTELLO BRANCO — *Sereia.*

Anjo-mulher, caíste. e d'essa queda
nunca mais te erguerás!
se inda vives de um sonho, amante e leda,
é tempo, acorda, e lembra-te onde estás.

De puras crenças rainha,
louquinha! crêste em amor;
o amor sorriu-se, e perdeu-te,
solvêu-te o sceptro na dôr.

A corôa de virgem, teu diadêma
as rosas d'essa téz,
as palmas da virtude, firme, extrêma,
¿ que é d'ellas, onde param? a teus pés.

Hontem viste, anjo caído,
rendido o mundo por ti;
hôje, depôis que te abraça,
perpassa... mira-te... e ri!

1 — *Horas perdidas*, 1883.

— ¿ Este é o mundo. se êu chorei, que têve lágrimas,
«pára me dar; se alegre, ao lado meu, folgou?
«por quem disse a mêu pae:—Fujo a teus braços; deixa-me—
«e dei em minha mão um golpe, que a matou?

E' êste, bem vês. O manto sêu de púrpura
encobre a podridão, o vício e a sordidêz,
quando êlle aplica ao rôsto a sua bella máscara,
um foco de atração, que engana muita vêz.

Olha que êlle anjo caído,
rendido inda hontem por ti,
hôje, depois que te abraça,
perpassa ... mira-te... e ri.

Tu choras? Inda bem. Vacila o teu espirito?
é porque da illusão se espedaçou o veu.
Se te perdeu o amôr... que te reoimam lágrimas;
se não te é dado amar... libra tua alma ao ceu.

Cessará de um pae irado
o brado de maldição;
lá terás, filha contricta,
da afflicta mãe o perdão.

Cá na terra caíste, e d'essa quéda
nunca mais te erguerás;
se vivês-te de um sonho amante e leda,
é tempo, acorda, e lembra-te onde estás.

Vê que o mundo, anjo caído,
rendido inda hontem por ti,
hoje, depôis que te abraça,
perpassa... mira-te... e ri!

Maio — 1886.

EDUARDO COIMBRA

PECADORA [1]

Conheci-a feliz. Na fina transparencia
Do seu rosto gentil d'um tom avelludado,
Havia a nota ideal d'um sonho immaculado,
E o perfume subtil da candida innocencia.

Restava-lhe inda a mãe. Que limpida existencia.
No pequeno casebre antigo e socegado!
Como o tempo corria alegre e perfumado!
Que esplendido viver de luminosa essencia!

Ha dias, encontrei-a. Ao vêl-a estremeci;
Não era a mesma já, que em tempo, conheci
De modesto roupão e olhar que allucinava.

Mas notei que o setim lustroso do vestido
Tinha manchas subtis, — vestigio dolorido
Das lagrimas sem fim que a triste derramava.

ANTONIO FEIJÓ

(1853 —)

FLORES DE CARNE [2]

I

LAÏS

No soberbo coxim de flaccido adornos,
mostrava, adormecida em sonhos ineffaveis,
a brancura marmorea, as curvas impeccaveis
na linha esculptural dos nitidos contornos.

1 — *Dispersos*, 1884.
2 — *Lyricas e bucolicas*, 1881.

Julgava-se embalada entre formosas dryades,
n'um leito de jasmins, como visão phantastica,
expondo o seio nú d'uma firmeza elastica
em languido abandono aos labios d'Alcibiades.

Na indolencia nervosa, após o sonho extincto,
um fauno esculpturado em bronze de Corintho
impassivel contempla a tenebrosa flor ..

Na abobada resôa um coro d'hetaïras...
e ao entrar no festim, ao scintilar das pyras,
parecia cuspir na Estatua do Pudôr!

II

LESBIA

A Lesbia está sentada a uma janella. Sonha,
abysmada e perdida em placido lethargo..
ao longe, no poente, o sol sincero e largo
afaga o seu perfil d'uma expressão tristonha.

Velou-se no futuro a estrella romanesca...
O Poeta gentil da inspiração risonha
abandonou-a, a rir, n'uma expansão medonha,
como quem lança á rua uma camelia fresca.

Ergueu-se da janella; e a velha taça etrusca
bebeu, triste e chorosa .. A embriaguez offusca
se o coração repousa e o pensamento é nullo.

Mas a Lesbia deitada em purpuras da Asia
sentiu-se fulminada, ebria e felina Aspasia,
no raio abrazador dos beijos de Catulo!

IV

RIGOLBOCHE

Ao sol do *boulevard* n'um reverbero indomito
surgiu a estranha flôr que as illusões desmaia ..
sublime podridão arremessada á praia
da onda social no prodigioso vomito.

Que soberbo perfil. Se o genio se transforma,
e Praxiteles visse a maravilha rara,
empunhando o cinzel, do marmore arrancara
o assombro da Esculptura, as perfeições da Forma!

Escurece e deslumbra a decadencia em Roma,
as noites de Suburra e os vicios de Sodoma,
a Aspasia do *Mabille*, a Venus Rigolboche ..

Metallica visão das noites de mysterio,
se um dia a possuisse um esculptor do Imperio
teria concebido a Estatua do Deboche!...

*

NOCTAMBULA [1]

— «A minha idade respeita,
Sou velho já, meu amor!» —

—«Vinho de boa colheita
Quanto mais velho, melhor.» —

E' como a braza sem lume;
Perde a força, perde a côr...»

— «Mas tem mais fino perfume,
Mais delicado sabor ..»—

1 — *Bailatas*. Ignacio d'Abreu e Lima. Lisboa, 1907.

— Perfume que não suffoca,
Sabor d'extracto .. illusão ..» —

— «O Beijo morre na boca,
Raro chega ao coração.»

— «Mas quando chega, é mais doce
Que o vinho mais perfumado.» —

— «Talvez te enganes, se o fosse
Tinha o travor do Peccado?» —

— «Mas ao beber-se inebria;
E' como um louco transporte . »

— «Nos labios deixa a Poesia,
Nos corações, deixa a Morte!» —

*

CLEOPATRA

Como a concha de nacar luminoso
Em que Venus surgiu risonha e nua,
A galera vogava ao sol radioso
Com a graça d'um cysne que fluctua.

Soltas ao vento as vélas de brocado,
Ao som das lyras, sobre o rio immenso
Dos remos d'oiro e de marfim sulcado,
— O Destino do Mundo vae suspenso!

Como nuvens correndo, as horas passam
Já se divisa o porto; o sol declina,
E emquanto, as vélas, marinheiros cassam,
Essa que um sonho de poder domina,

Deante do espelho, a reflectir, prescruta
Do seu corpo a structura immaculada,
Como o rufião nocturno, antes da lucta
Examinando a lamina da Espada..

GUILHERME SANTA RITA

(— 1905)

LAURA [1]

Almo sonho d'amor, sonho desfeito.

GUERRA JUNQUEIRO.

I

Muitas vezes o frio era cortante;
Cahia a chuva, torrencial na rua;
Velava o rosto, timorata, a lua
Quando rugia algum trovão distante.

E tu pobre creança mendicante;
Esfomeada, rota, semi-nua;
Tinhas a dor gravada n'alma tua,
Tinhas escripta a dor no teu semblante!

Tristes dez annos esses! Pelo braço
De tua mãe prostrada de cansaço,
De fome, de miseria, de velhice;

No atrio d'uma egreja, em voz dolente,
Pedias uma esmola a muita gente
Ai! que não tinha coração, que ouvisse!

1 — *Vacilantes*. Lisboa, 1884

II

Ergueu-se um dia a sombra pavorosa
— Da morte o negro espectro funerario —
No desolado albergue proletario
E tua mãe te arrebatou, anciosa!

Ficaste só. Na pallidez mimosa
Da tua face — um candido sacrario —
Começava a raiar um mixto vario
— Na cor d'um branco lyrio a cor da rosa —

Tumido o seio, flexivel a cintura,
Um olhar vago e pleno de doçura
Não sei quem possuisse mais que tu. .

Depoz-te a sorte em frente, Galatheia,
Um dia certo espelho. . mas que ideia!
Ai! nunca elle te visse o collo nu!

III

Aquella vida era hybernal, sombria;
No *atelier* entrar de madrugada
E sahir d'elle á noute fatigada
Para volver ao despontar do dia.

E a doida maripoza, a phantasia
A procurar-te a luz envenenada...
Onde o pudor na sua voz maguada
Um derradeiro ai exhalaria!

Amáste porventura? E' um problema.
Não sei .. Laura, o amor é um poema
Cujas estrophes n'alma escreve Deus;

Mas talvez, quando a flor da larangeira
Se desprendeu da trança a vez primeira,
Que te dissesse o amor, chorando, — adeus!

IV

Que estranho rir no labio nacarado!
Que perolas de luz no olhar lascivo!
Resôa um beijo no teu collo altivo
Por ti vendido bem e bem comprado!

E idealisei-te um sêr immaculado!
O pedaço do ceo, azul, estivo,
Onde eu outr'ora quiz estar captivo
N'este sonho de vida, atribulado!

Mas porque foi que assim no devaneio
Banhei a phantasia adormecida
Se eu sei que vendes, a quem compra, um seio?

Talvez... lembrei-me, que uma vez na vida,
Quando hauriste da affronta o calix cheio
Tu choraste uma lagrima sentida!

ABEL BOTELHO

(1856-1917)

TORPEZAS [1]

Se mais ampla, febril, mais rija fôra.
Retumbante, feroz, ameaçadora,
E fizesse a minha voz
A Terra estremecer, humilde e mansa,
Como ao sopro gentil de meiga creança
Treme uma casca de noz;

Se do granito a escura forma austera
Do relampago a luz, que o terror gera
Tivessem os versos meus;
Se eu podesse dispor da Magestade
Do infinito poder com que nos hade
Esmagar a mão de Deus;

N'essa impudica face, em ira aceso,
Cuspiria um escarro de desprezo.
O' monstros sem coração!
O' machinas servis, almas corruptas,
Sensuaes, depravadas dissolutas,
Abysmos de podridão;

Que no intimo contacto amoroso
Transmittis as doenças com o goso,
— Torpes mulheres, venaes, —
E leprosas, roidas de gangrena,
Ides contar a vossa vida obscena
A' enxerga dos hospitaes!

---

1 — *Lyra insubmissa*. Porto, 1885.

Da minha indignação rubros lampejos
Iriam atalhar vossos beijos,
Sacerdotizas do amor,
Que astutas enganaes o fido amante,
E as carnes com um cynismo revoltante
Alugaes seja a quem fôr.

Havia de cobrir vossas lascivas,
Ternas phrases de amor com invectivas
Repletas de maldições,
E azorragar com latego inclemente
O corpo que vendeis a toda a gente
Por uns miseros tostões.

Desceria raivosa ao antro escuro,
Onde o infame exerceis commercio impuro,
Para com mão varonil,
No seio das torpezas impolluto,
Agarrar-vos, prender-vos resoluto,
Arrancar-vos ao covil;

E depois de despidas, bem lavadas,
Depois de muito enchutas e deitadas,
Limpas de lama e do pó,
Na minha rigidez marmorea, fria,
Das ulceras a praga eu vos havia
De cauterisar sem dó...

Torcer, paralysar os vossos nervos;
Exhaurir-vos, calcar-vos, espremer-vos,
Como os nogentos reptis
Que nos largam na bota a verde espuma;
E esmagar-vos assim, uma por uma,
Victorioso, feliz!...

* * *

Que fizes-te do pudico receio,
Da joia virginal, do casto enleio,
Do santo amor maternal?
Porque a luz apagasteis da innocencia,
Que accendêra de Deus a providencia,
E, — disvelada Vestal, —

Vossa alma alimentava, emquanto pura?...
Porque de immundas trevas na espessura
Vos ides, loucas, rojar?...
Preferis porventura á sã Virtude
Os deleites que minam a saude,
Os vicios do lupanar?...

Com altivo desdem traçando a perna,
Trauteando um velho mote de taberna,
Um rifão de botequim,
A um dos cantos da bocca um mau cigarro,
Em tarda voz roufenha, com pigarro,
Dizeis-me todas que sim!

Por isso vos lamento, meretrizes!
Não sois tão immoraes quanto infelizes,
Não; lamento-vos; e se
Vos increpava ha pouco, do mais imo
Agora, desgraçadas, vos lastimo
E vos deploro; porque

Afogais inconscientes n'um amplexo
Os predicados bons do vosso sexo,
E não vos lembraes sequer
De que hade um dia Alguem tomar-vos contas
Do cruel desbarate, — pobres tontas!
Simulacros de mulheres!

Quando sequioso um homem vos abraça,
Vos apalpa, vos beija e vos devassa,
Jurando morrer ahi,
Não sabeis porque em breve, enfastiado,
Desfallecido, inerte e já cansado,
Vos afugenta de si?...

E' que ao ver o espectaculo nojento
O vosso Anjo da guarda, n'um momento
A dor intensa lhe faz
Velar a augusta face pezarosa,
Murmurar uma prece fervorosa,
— Anjo de amor e de paz, —

E sobre vós da palpebra divina,
Amarga, rutilante, crystalina
Uma lagrima verter,
Que infiltrando-vos tremula, gelada,
Dilue em tedio e nojo, envia ao Nada
Vosso ephemero prazer!

ANTONIO DE AZEVEDO CASTELLO BRANCO

(1842-1916)

A FLOR DO ABYSMO [1]

— Aonde vaes, pisando esse caminho rude.
O' virgem dolorida? Avante mais não vás.
Eu sou a flor que encanta, a flor da juventude;
Recolhe-me no seio, aspira a minha essencia,
Nas magoas te darei a calma somnolencia
D'uma ditosa paz.

1 — *Lyra Meridional*. Porto, 1885
Trad. de F. Avianus, poeta latino, que, segundo Cannegieter, viveu pelo tempo dos imperadores Antonino o Pio e Marco Antonio.

— Ai desgraçado quem teus balsamos procura,
O' venenosa flor do horrendo precipicio!
Não vou colher-te, não! N'aquélla excelsa altura.
No pincaro nevado e quasi inaccessivel
Desabrocha a Virtude. a flor immarcessivel;
Vou aspiral-a, ó Vicio.

COELHO DE CARVALHO

(1857)

Uma meretriz deixa apoz de si o rasto[1]
D'um aroma qualquer activo que inebria.

JOSÉ NEWTON

PERDIDA[2]

No quadro illuminado da janella,
Avulta essa mulher de meigos traços,
Cujo dolente olhar immerge a espaços
Na sombra, negra como a vida d'ella.

Durante a noute o escol dos bohemios lassos
Cospe-lhe affrontas sujas de viela;
E quanta vez a derradeira estrella
A vê dormir sobre o torpor dos braços!

Se a colhe o desalento, na memoria
Fulge-lhe a imagem doce e merencoria
Do amor da mãe, a infatigavel moura.

O' dias calmos da innocencia finda!
Quanto ella déra por beijar ainda
Do irmão mais novo a cabecinha loura!

1 — *Versos*, 1886.
2 — *Versos*. Lisboa, 1887.

ANTONIO FOGAÇA

ÁS PORTAS DE CORINTHO [1]

E's para os olhos, deusa, a mais formosa ;
és para o tacto a sensação violenta ..
és da Volupia um fructo côr de rosa,
teu halito adormenta.

Dá-me um vinho tão loiro como a luz
que o Sol expraia sobre o azul do mar,
faze crescer em mim o goso a flux,
e deixa-me sonhar.

Minh'alma anda a vestir-se de esplendores ;
quer conhecer, ó planta envenenada,
num leito excepcional, de madrugada,
a embriaguez das flores.

Desejo amar-te ao menos por instantes ;
rasga, despe o vestido — esse thesoiro
de gaza branca e azul, bordado a oiro,
aljofres e diamantes.

Quero sentir-me preso dos teus braços,
perfeitos como um sonho esculptural ;
deixa que eu suba em languidos abraços
a um roseo mundo ideal.

Mas depois, cortezã, ó flor da escoria,
quando eu tombar exhausto, amortecido,
lança-me á valla, eu devo ter morrido
ebrio de goso e gloria ! ..

---

1 — *Versos da Mocidade*, (1883-1887). Coimbra, 1887.

DONNAS BOTO [1]

. . . . . .

Dos dois eu não sei qual é mais culpavel,
Se a triste michela que faz bom barato
Da honra, que vende o amor, miseravel,
Um amor venal sem peso e recato:

Se o porco, se o sujo que dá o vil preço;
Mas a marafona, se é menos punivel,
Se a fome a arrasta, da gente no apreço,
E' o ente do mundo o mais desprezivel.
. . . . . .

QUEIROZ RIBEIRO

ELLA ERA UMA «GRISETTE» [2]

(De V. Hugo)

Ella era uma *grisette*, anjo do paraiso.

Quando passou por mim entremostrou-me um riso,
E, não sei se a impressão foi physica ou moral,
Mas cri o seu andar um trecho musical.

O' ruidosa Paris, na lama das calçadas,
Passeiam-te tambem estas visões sagradas?
Os seus olhos azues eram dois soes ideaes.
Creança alegre e fresca! As pombas e os pardaes
Não mostram mais doidice e mais prazer sentido.
Era d'um *taffetas* ligeiro o seu vestido,

---

1 — *Cancioneiro alegre*. C C Branco, II vol., 1883.
1 — *Tardes de primavera*, 1889.

E as botinas da côr da treva mais espessa.
Tinha aquele ar da sombra, antes que a noite desça,
E a altivez singular que deixa uma esperança.

Emquanto eu cria ver a esplendida creança
Inda mesmo depois de ella já ter passado,
E no meio da rua, em pé, enthusiasmado,
Contemplando esquecido aquelle ser bemdito
Punha a vista no espaço e a alma no infinito,
Uma velha de barba e atroz physionomia,
Producto da juncção d'um gato e d'uma harpia,
Envolta n'uma capa immunda, esfarrapada,
E ouvindo-se fallar como que amordaçada,
Diz-me baixo: «A pequena é sua se a pretende. »

O' pobre colibri que uma lagarta vende!

DELFIM GUIMARÃES

(1872)

LISBOA NEGRA [1]

Mas sem eu dar por tal, caminhando no asphalto,
Está ante de nós o velho Bairro-Alto.
....
Nas lojas reparae:
Rameiras, desgraçadas,
Em trajos semi-nus de chitas desbotadas,
Dormitam junto á porta.
Algumas ha, porém,
Que n'uma rouca voz que já timbre não tem
Arremessam ao ar um cantico indecente
Com fumo de cigarro e bafos d'agua-ardente.

1 — *Lisboa negra*. Lisboa, 1893.

Arbustos sem vigor, rosas ceão fanadas,
São na apparencia vis, mas bem mais desgraçadas...
Filhas da capital ou dos seus arredores
Não teem pae nem mãe . quasi todas menores!

Quem ao lodo as lançou? Quem deitou ao monturo
Seu corpo virginal, seu corpo honrado e puro?

Interrogae-as, vá! que responder vos hade,
A' uma, a sua voz: «Lisboa, a sociedade!»
A sociedade, sim! Lisboa, porque não?!
Não é a capital que faz a corrupção,
Que prostitue, que mata ou faz morrer á fome?!
Não foi a capital até que o proprio nome
Lhes fez ir inscrever no livro da matricula?!
Não foi a sociedade, — a cortezã ridicula,
Quem as soube illudir, deixando abandonadas
No vicio do bordel?!
Ai, pobres engeitadas,
A sorte para vós tem sido bem clemente!
Deixou-vos polluir — eis o vosso presente...
E um dia, por futuro, a negra capital,
Hade vos conceder um leito no hospital
E um leito no saguão onde são enterrados
Os corpos dos ladrões e dos mais desgraçados!

Algumas inda teem um resto de pudicia,
Mas isso de que serve? O livro da poesia
De vez accorrentou, qual solido grilhão,
Seus corpos de mulher do vicio á negridão!
A capital tambem tem muito em que cuidar
E não pode sequer pela mente passar
Que ha desgraçadas mil a quem ella podia
Ao lodo ir arrancar... E bem facil seria!
E no entanto Lisboa — esta artificiosa
Diz-se anjo protector, mostra-se caridosa...

A Severa
(Aguarella de Roque Gameiro)

A bem poucos, porem, eu creio já illude
A ostentação banal d'uma falsa virtude.
No sombrio paul, na podridão gangrena,
Tambem floresce o liz e nasce a açucena!
Por isso ainda ha, é certo, na cidade,
Quem saiba praticar, modesto, a caridade,
Sem fazer alarido e sem as palhaçadas
De kermesses reaes, torneios ou touradas!

Mas é pequeno o grupo. . e por demais modesto. .
E o que hade elle fazer, se nada faz o resto?!

*

SED NON SATIATA [1]

(De Baudelaire)

O' deidade fatal, anjo das frias trevas,
Pomo de tentação, lindo corpo cigano,
Com perfumes de musgo e de tabaco havano,
O' Fausto feminil que em teus filtros me enlevas!

Ao vinho de Constança, e ao opio embriagante,
Eu prefiro o elixir da tua bôca terna;
E no teu igneo olhar, refrescante cisterna
Mata a sede febril a minha dor cruciante.

Nos olhos infernaes, espelhos da tua alma,
Monstro sem coração! a chama viva acalma;
Repara que eu não sou um Estigio incansavel. .

Nem me é dado, ai de mim! megera libertina,
Para quebrar-te a força e a luxuria indomavel,
No teu leito sensual tornar-me Proserpina!

1 -- *Flores do Mal*. Lisboa, 1909.

GÉNIO DO MAL [1]

(De Baudelaire)

Gostavas de tragar o Universo inteiro,
Mulher impura e cruel! Teu peito carniceiro,
Para se exercitar no jogo singular,
Por dia um coração precisa devorar.
Os teus olhos a arder, lembram as gambiarras
Das barracas de feira, e prendem como garras;
Usam com insolencia, os filtros infernaes,
Levando a perdição ás almas dos mortaes.
O' monstro surdo e cego, em maldades fecundo!
Engenho salutar que exaure o sangue ao mundo,
Tu não sentes pudor? O pejo não te invade?
Nenhum espelho ha que te mostre a verdade?
A grandeza do mal, com que te prazes tanto,
Nunca, jámais, te fez recuar com espanto
Quando a Natura-mãe, com um fim ignorado,
— O' mulher infernal, rainha do Pecado!
Vae recorrer a ti para um genio formar?

O' grandeza de lama! ó ignominia sem par!

ALFREDO PEREIRA PINTO

AMOR IMPURO [2]

Tu perguntas-me ás vezes, sem pudor,
Porque não quero beijos.
E' simples a resposta, meu amor:
Não gosto de sobejos...

---

1 — *Flores do Mal*.
2 — *Posthumas*. Lisboa, 1897.

GONÇALVES CRESPO

(1846-1883)

DULCE [1]

(IMITAÇÃO)

(Ao Sr. Fernandes Pereira)

Vi-a um dia na rua. Fluctuante
Ao desdem lhe cahia a loura trança;
Como a luz d'um pharol, essa creança
Levou-me atraz de si... triste bacchante!

Era o seu nome Dulce. O povo rude
Apontava-a mofando, quando a via.
Docemente sorrindo, ella dizia:
«Tu sabes, se te amei, santa virtude!»

Um dia a quiz beijar; fugiu-me triste:
Dulce me chamam, disse, que amargura!
Este corpo, que vês, é sanie impura,
Nem mais amargo fel no mundo existe.

«Que tôrva historia a minha! é breve, attende:
Por minha mãe, que a fome allucinava,
Lançada fui no abysmo! Então amava...
Hoje sou Dulce, a lama que se vende...»

---

1 — *Obras completas*. Lisboa, 1897.

JULIO DANTAS

(1876)

OS DESCONHECIDOS [1]

(A Manuel Penteado)

Dois cadaveres — vêde — aguardam o meu córte:
Um homem gigantesco e uma mulher perdida.
Dormem nús, sobre a pedra, unidos pela morte,
E talvez, sem se vêr, passaram pela vida.

Elle, o morto, na secca e descarnada espalda
Tem nomes de mulher e varias tatuagens;
Treme de nojo o sol na sua pelle jalda
E abrem-lhe a bocca verde uns esgares selvagens.

De torax d'esmeralda, aza tecida d'ouro
Uma nervosa mosca, em passos indolentes,
Para entrar-lhe na bocca aflora o buço louro
E começa a descer pela escada dos dentes.

Morto ha dias, olhae que a rigidez se perde
E que o seu corpo está gelatinoso e elastico:
Suas costellas são como um téclado verde,
Digno das longas mãos d'um pianista fantastico!

Ella morreu de parto: entre as airosas côxas
Que doira como um fructo uma lanugem pouca,
Um feto mostra ao sol as suas carnes rôxas.
Engurunhido, a rir, sem olhos e sem bocca.

Tem rugas sobre o ventre e lembra, cada ruga,
As que a pedra ao cahir traça nos verdes pantanos:
Os seus cabellos são d'um ruivo tartaruga,
O seu rictus perturba e o seu olhar espanta-nos.

---

1 — *Nada*. Lisboa, 1896.

Bate-lhe em cheio o sol, como um losango d'ouro ;
Tem no seio listrões de sangue que seccou :
E pelo flanco enorme e pelo pubis louro
Lembra os ventres brutaes que Van Miéris pintou.

Dir-se-hia que o morto a olha — reparae,
E lhe espreita e deseja as carnes violadas :
D'ahi, quem sabe lá se elle seria o pae
D'aquelle feto rôxo a rir ás gargalhadas !

*

DEMÓSTENES [1]

Em casa de Laïs, Demóstenes entrara :
Como Atenas inteira, o supremo orador
Vinha comprar tambem, nuns minutos de amor,
O corpo escultural dessa beleza rara.

Quasi a possuira já, de tanto que a sonhara :
E ao vêr, gloriosa e nua, em todo o seu esplendor
Cingido o stróphion de oiro aos dois seios em flor,
Essa linda mulher que se vendeu tão cara, —

Tímido, perguntou : — «Um só beijo fugaz,
Por quanto o vendes, grega ?» E ela, num gesto lento :
— «Conta mil dracmas, velho, e tu me possuirás !»

— «Que ? Pagar por tanto oiro o beijo dum momento ?
Dar mil dracmas por ti ? Não, mulher ; fica em paz :
Eu não compro tão caro um arrependimento.»

---

1 — *Sonetos* Lisboa, 1916.

J. SIMÕES DIAS

(1884 —)

FEIRA FRANCA [1]

Naquelle escuro recinto,
Cheio de fumo e calor,
Trocam-se copos d'absinto,
Em plena feira d'amor!

E' uma alfurja a taberna;
Em vez da restea do luar,
Timida e escassa lanterna
Balanceia-se no ar.

«Margarida, Margarida,
Ao nosso amor bebe lá!
São dois dias esta vida,
Para amanhã Deus dará!

«Tange-me nessa guitarra
Alguma alegre canção;
Bem vês que o summo da parra
Não faz mal ao coração!

«Onde não chegue o alarido
Dos filhos e da mulher,
Já que fui tão mal nascido,
A cantar quero morrer!»

E então Margarida á tôa,
Requebrando a voz e o olhar,
Ao som da guitarra entôa
As trovas do lupanar.

---

1 — *Transatlanticas*. Lisboa, 1899.

E emquanto ali se consome
A minguada féria, alem
Morrem crianças, á fome
Nos braços da afflicta mãe!

*

ANNINHAS [1]

Através das taboinhas,
Pela entreaberta janella,
Espreitava a linda Anninhas
Como timida gazella.

E toda se consumia,
E toda se amofinava,
Sempre, sempre a ver se via
O noivo que lhe tardava!

Mas o noivo cubiçado
Através das taboinhas,
De tanto amor enfadado
Não quiz mais saber da Anninhas!

Quando soube o caso feio
Anninhas fez-se de neve;
Quiz atravessar o seio,
Nem sei como se conteve!

«Vae suicidar-se a Anninhas,
Acabou-se-lhe o namoro!»
Disseram logo as vizinhas
Umas ás outras em côro.

1 - *Peninsulares*, 1899.

«Cara que inveja fazia,
Agora é só pelle e osso!
Pobre Anninhas, qualquer dia
Vae atirar-se a algum poço!»

Mas não foi assim; a Anninhas,
Vejam que tristeza a sua!
Deitou fóra as taboinhas
E abriu a porta da rua!

GOMES LEAL

(1848 —)

.....

Vampirr, filha do asphalto,[1]
tua patria é o *macadam!*
Teu coração de basalto,
de prantos foi sempre falto,
tuas botinas de salto
dançam o eterno *can-can*.
Vampiro, filha do asphalto,
tua patria é o *macadam!*
.....

Como rasgam corações,
tuas unhas cor de rosa!
Veem de remotas nações
altos condes e barões,
gastarem os corrimões
da tua escada luxuosa...
Como rasgam corações
tuas unhas côr de rosa!...
.....

1 — *Estrangeiro Vampiro*, 1897.

*

O LYRIO DO LUPANAR [1]

(*Ao Dr. Bernardino Machado*)

Que fazes tu, creança, á chuva, n'essa esquina.
tranzida, a olhar além ?
E's tão mimosa, loura, anémica, franzina,
toda um melindre, um ai, que se o relento vem ..
póde gelar-te, ó flôr, ó setinoso fructo !
Mas tu choras, Lili ?.. Lili, estás de luto ?...
Lili, já não tens mãe ?...

•

Lili d'olhos azues, que é das risadas francas
que se ouviam cantar ?
Lili, que é do setim roseo das faces brancas,
teu rir quaes pratos d'ouro, ou tymbales no ar ?...
Narra ao meu coração os ais que te consomem.
Mimo d'olhos azues, abala um peito d'homem
vêr taes olhos chorar !

Porém, reparo agora : — uma mulher do enchurro
falla comtigo e ri...
Passou um valdevino, e ouvi bem o sussurro
de um beijo enxovalhar-te a jaspea tez, Lili...
O' melindrosa flôr, orphã d'affectos ternos,
ai de ti, se rolaste ao horror dos sete infernos !
ai de ti, ai de ti !

Quem foi que te vendeu ?... Foi tua mãe, um dia,
cançada de aguardar
teu pae que vinha tarde, ou ebrio d'uma orgia,

— *Fim de um mundo*. Porto, 1900.

sem ter deixado pão... nem lume para o lar?...
Quem foi que te vendeu, meiga pequena doce,
seraphim do bordel... branco alfenim do alcouce...
anjo do lupanar?

Quem foi que te vendeu, gracil pequena loura,
loura da cor das eiras?...
Quem foi que arremessou tua cantante aurora
ao catre do bordel e ao lodo das regueiras?...
Quem desnastrou, á chuva, o ouro d'essa trança? ..
Quem traficou comtigo — altiva e gentil creança
de timidas maneiras?

Quem foi que te vendeu? — Não tua mãe, decerto! —
Acaso existe alguem
que tenha um jaspe assim, um ai, um lyrio aberto,
e o lance para o enchurro, aos pés do deos Vintem?...
Não. — A charra muiher que foi vender-te á praça,
ao cobre do plebeu e ao rir da populaça,
Não é, nem será mãe!

Quem te mandou, á chuva, ó tremula innocente,
vender-te a quem passava?...
— Escravatura branca ignobil do Occidente!
mais abjecta que a negra e ainda mais escrava,
para deixar assim laivar estas creanças,
onde tem a Justiça então suas balanças,
e a lei a sua clava?

O que é que fazes tu, Ordem! — ó dona séria, —
que empurras á prisão
o rugido da fome, e o uivo da miseria,
que ousam vir á ruella a mendigar o pão
e deixas traficar, nas ruas, ás esquinas,
as creanças gentis, as jovens messalinas,
que andam de mão em mão?

Rapariguita loura, ó lyrio sem raizes,
tens rôxa e fria a tez!
Porém que importa agora a Thémis e aos felizes
que o teu corpinho trema ao frio e a timidez?...
Por estes tempos maus de criticas finanças,
Thémis foi chatinar o ouro das balanças,
a Lei dorme talvez!

Eu creio até que a Lei, deusa de antiga raça,
vingadora de heroes,
teve um impeto e quiz vir proteger á praça
os orphãosinhos nus. — Foi-se a vestir... Depois,
sentiu tão rijo o vento a buzinar no tecto,
que de novo meteu o seu nariz correcto
debaixo dos lençoes.

Lili então narrou, com voz sumida... um ai...
travando-me da mão,
que jamais conhecera em toda a vida o pae,
e a triste mãe dormia, ha tempos, n'um caixão.
Foi posta n'um convento a educar d'esmola...
e ahi, n'esse pombal, antro, caverna, escola,
um padre, um padre, então...

Um padre, ó mães, um padre a polluir a infancia!
Um padre a conspurcar,
sem pena e sem rebuço, a angelica ignorancia,
que não sabe o que é o céo, mas que o fundiu no olhar...
Um padre, — cauto e doce, — a argamassar o crime
de chafurdar no escuro esta creança... um vime...
ao chão do lupanar!

Monstruosa Corrupção hysterica e moderna,
tu que ha tanto caminhas,
de nevrose em nevrose, á podridão eterna,
não te bastavam já as victimas que tinhas...

nem teu abjecto sol do incesto e do adulterio,
faltavam-te ainda mais os gozos de Tiberio ;
— os ais das criancinhas !

Sabaoth, — deos do raio, — ó pezadello e assombro
dos prophetas judeus !
tu que assolaste outr'ora, e que tornaste escombro
o Mar Morto, com fogo e colera dos ceus,
porque, irritado agora, ó Vingador, não lanças
sobre estes gaviões rapáces das creanças
algum raio dos teus !...

Pobre Lili, jámais a esp'rança de um marido
far-te-ha rosar de pejo !
Jámais tu ouvirás dos filhos o chilrido.
Jámais verás, n'um berço, o sol do teu desejo.
Jámais o embalarás, cantando as velhas rimas
Nenhum noivo, ai de ti, dar-te-ha, pelas vindimas,
o seu primeiro beijo !

Lili não durou muito. — Exhausta um dia, á tarde.
morreu n'uma caminha,
morreu, qual tenue luz que bruxuleia e arde,
como ave que, ao morrer, esconde a cabecinha ..
morreu, como uma flor truncada pelo norte
E a sua mansa voz, ao approximar-se a morte,
inda era mais mansinha !...

Morreu qual passarinho — herva rasteira e ingloria
n'um carreiro sem luz.
Tinha uma tosse rouca e a lividez marmorea
d'um rostinho, em marfim, d'um éthico Jesus .
Tinha uma tosse rouca, estrángulada, frouxa
E fazia chorar ver a magreza rôxa
de seus bracinhos núS !

Morreu qual sopro, um ai, um coração que secca
no escuro, sem ninguem.
Morreu, tendo estreitado ao peito uma boneca,
que fôra, — em seu viver, — primeiro e ultimo bem.
Com ella, eu a enterrei n'um caixãosinho d'ave...
E Lili, morta assim, levava um rir suave
d'uma tristinha mãe!

O' creanças gentis, garrúlos passarinhos,
vossa inquieta estroinice,
vossos risos pueris, mais musicaes que os ninhos,
dão mocidade á alma, e a alagam de meiguice!...
O' pairoiros abris, vós sois, louros traquinas,
azas do nosso amor, as rosas das ruinas,
sol da nossa velhice!

Avesitas joviaes, sois a reminiscencia
da nossa infancia em flor...
Vossos louros anneis frisados da innocencia
são cadeias que mais soldam ainda o amor...
Sois os risos do lar — e em horas de desgraça —
vossos bracinhos são a cruz a que se abraça
a nossa grande dôr.

Dizem que vós fazeis um tal motim que alegra...
Mas que é insano e atroz.
Porém, quando morreis, e uma cruzinha negra,
vos tapa o caixãosinho, e os paes se sentem sós...
quando estão mudos lar, parques, jardins, terraços,
e o ar nem de vós traz leve rumor de passos...
então, choramos nós!

Assim morreu Lili, — n'esta era ferrea e dura
d'insanias crapulosas.
Ninguem vae visitar essa cruzita obscura.
Ninguem pendura n'ella as plantas graciosas...

O Globo continua impavido e tranquillo.
A Ordem — séria dona — a fazer bem o chylo
E o Sol a pintar rosas.

*

A CAMELIA NEGRA [1]

Por isso vos espera
O dia da vingança.
SOUSA CALDAS.

Como as urnas das rosas mal fechadas,
Cujos aromas boiam no poente,
Quando passas, na nossa alma aspira e sente
As sensações das ilhas ignoradas.

E o teu cabello, — ó lubrica serpente! —
Rescende todo a unguentos e a pomadas,
Como as mumias que habitam o Oriente,
Debaixo das pyramides sagradas.

Mas que te serve e val'tanta fadiga,
O' pó doirado e vão?.. e o mundo diga:
Meu leito, meu pomar de sensações!...

Se o vento que hoje o teu sorrir perfúma
Na tua cruz gargalhará: — *Mais uma*
Das lobas immoraes aas gerações!

*

O LUPANAR FLORESCE [1]

Causa angustia e pavor uma casa de orates,
onde a uma grade assóma um vulto nada humano.
Mas mais consterna, aos ais de um tisico piano,
risos de lupanar... Manons com bonifrates.

---

1 — *Claridades do sul*.
2 — *O Anti-Christo*. Lisboa, 1908.

A Civilisação fertil em ðisparates,
que o negro libertou ðo Roceiro tirano.
conðena inða a Mulher ao ferrete cigano
ðo Alcoice, mais bestial que o açoite ðos mascátes.

Devassos com milhões, ðe luvas amarélas,
quaes velhos Reis ðe Thule, abriðe essas janellas,
e olhae que a tarðe é grata, é fresca a viração!...

Trinam os rouxinoes. Em vil serapilheira
lá se vae a enterrar um corpo ðe Rameira.
Foi *tisica* talvez! — *Hossana á Creação!*

*

A UMA HORISONTAL [1]

Mulher ðe tranças negras e compriðas,
e ðe fallas fingiðas,
que, alta noute, ao ruiðo ðas orgias,
com casquinaðas frias,
achincalhavas corações ðolentes
— com prazer vejo que não tens ðous ðentes!

O' sereia ðas tranças setinosas,
e fallas meloðiosas,
toða cheiranðo as rosas ..
Senhora ðo Deleite!
sempre em banhos ðe leite,
sempre inventanðo sensações estranhas...
— hoje estás boa para assar castanhas!

1 — *Fim de um mundo*, 1900.

•

COCOTTES E MAQUIRAUS [1]

Passam — com seus *lorgnons*, — as *cocottes* galantes
com milhões em brilhantes.
Deusas do *boulevard*, das *courses*, dos cafés...
Lá vão os rufiões das luxuosas loureiras,
cavalheiros de olheiras,
que são todos barões — e expiram nas galés.

•

EPITAPHIO DE UMA COCOTTE [2]

Como era bom pompear, — em carros á Daumont, —
sensacionaes chapéos!
Mas lá no céo christão que falta de *bom tom!*
— Não se usa lá carmim, pó de arroz, nem *lorgnon*
nem se bebe Bordéos!...

•

EPITAPHIO DE UMA MUNDANA [3]

Rainha dos salões, mais formosa que as lendas
feéricas do Erin!
O que te ha de affligir n'estas horas tremendas
é apparecer a Deus, sem *peignoir* de rendas,
— e sem pôr teu carmim.

•

EPITAPHIO DA RIGOLBOCHE [4]

Deusa da bachanal, foste a amavel Naná,
ruidosa do *bom tom!*
— E, se acaso, nos céos, se baila como cá,
decerto já piscaste um olho a Jehovah,
dançando o *cotillon*.

---

1 — *Fim de um mundo*, 1900.
2 — Idem.
3 — Idem.
4 — Idem.

*

A GUITARRA DA MOURARIA [1]

Amo a tua guitarra, ó Mouraria,
em que um *dôer* mourisco nos desola
e as almas, sob a lua, acaricia,
como da Alfama a passional vióla! . .

Bem galantes soláos tambem carpia
Sevéra, essa Ninon de *naifa e mola.*
Mas ha sangue em teus ais!... Tua magia
quantas vezes não traz a Crúz e a Estola!

Vae alta a lua. — Apoz a cavatina,
Almaviva, com zêlos de Rosina,
dá seis golpes na amásia, com furor,

Almaviva é marujo e de melenas.
Prisões, guitarras, ais, céo de açucenas.
Surge a Policia... *e prende, em fralda, o Amor.*

JOSÉ DURO

(— 1898)

BACCHANTES [2]

Mulheres de compra e venda, a praso e a contado.
Rameiras sem vergonha, impudicas bacchantes,
Por essas ruas fóra á cata dos amantes,
Mostrando o pé gentil e o corpo devassado.

1 — *Mefistofeles em Lisboa*. Lisboa, 1907.
2 — *Fel*, 1898.

Cabellos em bandós e pó d'arroz nas frontes,
Os brandos seios núa á orla dos decotes.
Ao mesmo tempo são megeras e *cocottes*.
Anemonas do valle e tribulo dos montes.

E algumas tinham *dom*, e nem sequer lhes lembra
O seu viver d'outr'ora ingenuamente dôce...
O abandonado Lar em troca do Alcouce,
Que tudo lhes roubou o seu destino, emsembra.

Outras, de pé descalço e ancas virginaes,
Viviam vida fresca, alegre, descuidada,
Viviam como vive a loira Madrugada
Nos braços da Manhã, beijando os laranjaes ..

Ou antes, no recato honesto da familia,
Dos varandins em flor olhavam de relance,
N'um feiticeiro olhar, o pagem do romance
Que a sua alma ideara em noites de vigilia .

Mas a canalha vil, infrene e assassina,
Que espreita a Virgindade e a lança no Monturo,
Mostrou-lhe côr de rosa o que só era escuro
E poz-lhe o corpo a nú como um cartaz d'esquina !

* * *

Mulheres de compra e venda !
Eu sinto uns arripios
Quando olho para vós, e vejo o horrivel cahos
Da vida que arrastaes por esses antros maus
Onde não entra a luz, ó corpos doentios !

O' corpos sensuaes de lubricos vexames,
A rescender perfume em contracções nervosas ..
E cujo peito branco a insultar as rosas,
Desperta em nós o gozo, e torna-nos infames !

O meu olhar entende o vosso olhar fatal,
Se bem que o meu sentir, espavorido, fuja
D'esse perverso olhar, d'esse clarão que suja
As almas e envenena a Flôr do Ideal...

Que vós não tendes alma, apunhalou-a o Vicio
Nas scenas do Deboche, ás horas dos anceios...
D'ha muito que o Amor fugiu das vossos seios,
E o vosso amor d'agora é um amor d'officio!

E' um amor d'orgia, estupido, asqueroso,
Que arrasta a Mocidade á lama dos bordeis;
Amor que se obtem por mais ou menos reis,
Conforme o vosso rosto é feio ou é formoso!

* * *

Impudicas bacchantes:

Por toda a parte encontro a vossa graça espuria
No mesmo tom banal de gestos impudentes.
Abrindo a suja bocca em risos indecentes,
Para a fechar depois em beijos de luxuria!

O vosso ar illude, o vosso busto chama,
Escandalosamente o vosso todo attráe.
Porem a seducção a breve trecho cáe,
Porque lhe falta a graça ingenua de quem ama...

E, ou seja numa alcova ou seja num casebre,
O Vicio bestial, ó pallidas estatuas,
Depois de vos gozar numas caricias fatuas,
Concede-vos sómente as podridões e a febre.

Desenha-vos na face, escarra-vos na testa,
As rugas que colheu nas noites mal passadas,
E vai por essa vida a rir, ás gargalhadas,
Do lividó desdem da rara gente honesta...

Não pára um só momento, abrange o mundo inteiro
Numa voragem bruta, asperrima, sanguinea,
Por isso é que eu desci ao charco da ignominia
A ver como se faz d'um astro um lamaceiro ..

E, ó prostitutas, sob os vossos espartilhos
Descubro as seducções de que os sentidos nutro...
E odiando a vossa carne, adoro o vosso utero,
Porque elle, sendo podre, é raro gerar filhos!

*

MARGARIDA GAUTIER [1]

Margarida Gautier, o teu amor assombra;
Teu corpo é um bordel, mas a tua alma é chamma. .
E a flor tambem se dá n'um pantano de lama,
Como em qualquer jardim ou em qualquer alfombra.

Embriaga-me o sol, mas gosto mais da sombra
Porque o sol não me escuta e a sombra é que me chama...
E eu que desprezo tudo, eu amo só quem ama,
Amo talvez a dôr que o meu olhar ensombra..

Para que um astro brilhe é necessario a noite;
Porem, estrellas ha que antes que o sol se acoite,
Já ellas no azul desfolham malmequeres...

Assim o teu amor, extranhamente raro,
Rasgando a Podridão em pleno dia claro,
Mostrou que tinhas alma á alma das mulheres!

---

1 — *Fel*, 1898.

HAMILTON DE ARAUJO

LOLA [1]

(*A João Saraiva*)

Tenho saudades da Lola
— astro de brilho fatal,
a quem eu pedia a esmola
d'um raio d'amor sensual!...

O collo sempre lhe arfara...
Era um vulcão de desejos ..
um vulcão que vomitava
nuvens espessas de beijos!...

Seus olhos... não sei o que eram
seus negros olhos luzentes:
talvez os astros que geram
as lepras concupiscentes!...

E quando morria o sol
eu envolvia os anhellos
no caprichoso lençol
dos seus compridos cabellos!...

Por isso hoje, afinal,
se acaso não tenho a esmola
d'um raio d'amor sensual,
tenho saudades de Lola!...

*

MAGDALENA [1]

Ah! ter eu sido a cortezã! — dizia
Ao Christo a Magdalena soluçante...
Ah! ter eu sido a lubrica bacchante,
A rainha gentil de tanta orgia!

---

1 — *Canções d'um bohemio*, 1899.
2 — Idem.

Ah ! não ter eu adivinhado, um dia,
Esse teu coração formoso, e amante !
Nunca o meu corpo, branco e luxuriante,
Em mil festins, impudica exporia !»

Depois ficava olhando o Christo pallido...
Um finissimo aroma estranho e calido,
Como um sonho d'amor, d'ella irradiava...

Vinha passando um rustico noivado...
E o Christo, ancioso, em lagrimas banhado :
— Ter ella sido a cortezã ! — pensava...

OLAVO BILAC

MESSALINA [1]

Recordo, ao ver-te, as epochas sombrias
Do passado. Minh'alma se transporta
A' Roma antiga, e da cidade morta
Dos Cesares reanima as cinzas frias ;

Triclinios e vivendas luzidias
Percorre ; pára de Suburra á porta,
E o confuso clamor escuta, absorta,
Das desvairadas e febris orgias.

Ahi, num throno erecto sobre a ruina
De um povo inteiro, tendo á fronte impura
O diadema imperial de Messalina,

Vejo-te bella, estatua de loucura !
Erguendo no ar a mão nervosa e fina.
Tinta de sangue, que um punhal segura.

1 — *Poesias*, 1909.

MARIO DE ARTAGÃO

(1866 —)

DORME!... [1]

Adormecida está... E a luz da lamparina,
Que mórna bruxulêa em cima do consólo,
Trespassa o cortinado e vae beijar-lhe o collo,
Que tem aroma bom dos lirios da campina.

Descança, ó flor da rua! E dorme, Messalina!...
Lá fóra, a chapinhar, a chuva alaga o solo
E ao ver-te o corpo nú, não ouso decompôl-o.
Porque é só a sonhar que o teu ceu se illumina!

Descança, que amanhã, nas lages das viellas,
Voltarás a tremer ao frio da nortada,
Em busca do histrião que sacie as guelas...

Quem sabe se terás, aconchegada a um peito,
Uma outra noite, assim, tão clara e constellada,
Como a noite de chuva em que te dei meu leito!

*

— «Alli tens, Dom Antão, as meretrizes [2]
Que vossos dias fazem tão felizes!
Alli as tens! São arbitras do mundo,
Regateiras do goso e escarro immundo
Que o moralista varre pela escada...
Torcendo os braços e de perna alçada,
Vão pelas feiras como saltimbancos,
Mostrar á plebe os seus contornos brancos...

---

1 — *As infernaes.*
2 — Idem.

Fingem o gozo. Cheias de carinhos,
N'essa toada mystica dos ninhos,
Sabem dar febre ás ancias d'um abraço,
Sem que um musculo trema no regaço...
E' um romance a bala d'um suicida!
E' um trecho de amor a curta vida.
Gasta em nevroses lubricas e doces
No leito amarrotado dos alcouces...
Fitam a lua; e em extase, felinas,
Têm a visão de libras esterlinas!..
Fazem d'um beijo um sordido leilão;
Fazem do corpo um putrido balcão!...
Mas, ó furias! O' louco condemnado,
Eu quero que ajoelhes! Cae prostrado!
Aprende a venerar impuras santas,
E beija-lhes humilde as sujas plantas!
Aprende a respeitar duras desgraças,
As lagrimas que vertem pelas praças,
As dores do desprezo, o odio innato
Que lhes vota o burguez serio e pacato,
A chalaça avinhada do marujo,
A impotencia senil d'um velho sujo,
O nojo das matronas aprumadas
Que ao seu contacto fogem nas calçadas,
E sobretudo, quanto mais não fosse,
A ruga que avelhenta e que precoce
Manda um corpo de curvas ideaes
Para o catre dos negros hospitaes!
Ajoelha-te! Vamos! Rende culto
A's victimas feridas pelo insulto!
Quero que saibas que ellas, afinal,
Embora vejas n'isto um madrigal.
São como as flores .. Para ter perfume,
Vivem da seiva basilar do estrume! . »

MAGALHÃES DE AZEREDO

....

E as mulheres fataes, que, pallidas de insomnia, [1]
Pelas mil corrupções da antiga Babylonia
Gastas, vêm espreitar o Adolescente,
Por entregar a carne aos aculeos do goso;
Seduzem-no sem dó, com beijos e suspiros;
A seiva juvenil, insaciaveis vampiros,
Sugam-lhe avidamente; e dão em holocausto
Ao Moloch da luxuria o pobre corpo exhausto ..
.....

ANSONIO CORREIA D'OLIVEIRA

TENTAÇÃO DA MORTE [2]

NO CEMITERIO

.....

Uma voz humana:

— Eu fui, na vida que vivi no mundo,
Uma mulher perdida e desgraçada...

Dei abraços e beijos, não por sêde
De amor e de desejos — mas por fome
De negro pão que me amargou na bôca.

Dos abraços sem conta que me deram
Só num senti amor, senti piedade,
Só num achei perdão e achei doçura:
Neste abraço da terra em que descanso.

1 — *Procellarias*. Porto, 1899.
2 — *Tentações de Sam Frei Gil*.

Os lirios roxos :

Somos a dôr dos beijos que vendeste,
Dando-se á luz em beijos de perfume.

Os lirios brancos :

Somos tua alma e lagrimas, remindo-se
Num pensamento mistico da Terra.

Uma voz humana :

— Eu fui, no mundo, um Calix de Purêsa
Que jamais apagou em qualquer bôca
A sêde de desejos que accendesse .

Os lirios brancos :

— Somos teu corpo imaculado e frio.

Os lirios rôxos :

— Somos as roxas nodoas que em tua alma.
Destinada por Deus a ser fecunda,
Fez a dureza estéril do teu corpo...
.....

EUGENIO DE CASTRO

A CAMISA DE ALCIPPE [1]

Ninguem foi mais feliz do que eu, emquanto
De Xantho o lindo corpo agasalhava:
Só quando á lavadeira me mandava
E' que eu vertia copioso pranto.

---

1 — *Depois da ceifa*. Lisboa, 1901.

Mas em breve voltava para Xantho
E a ventura de novo me animava!
Por nada me trocara, se beijava
Seu fino collo de aprilino encanto!

Pobre camisa! chora, pois perdeste
As tuas mais preciosas alegrias!
Pobre camisa, que desgraça a tua!

Ha tres dias que Xantho não me veste!
Nos braços de Antenor, ha já tres dias
E tres noites que Xantho vive nua!

MANUEL DA SILVA GAIO

DEMÓSTHENES E LAÏS [1]

«A corintia Laïs, cuja belleza e elegancia eram célebres, tirava largo proveito do commercio dos seus encantos: acorriam junto della os mais opulentos homens de toda a Grécia. Um dia o grande orador Demósthenes procurou-a secretamente, solicitando-lhe os seus favores. Pediu-lhe Laïs dez mil *drachmas*, um *talento*. Demósthenes retirou-se logo, dizendo: «não quero pagar tão caro o meu arrependimento certo.»

(Da *Cornucopia*, de Sotion — filosofo peripatetico).

Laïs, diz-lhe Demósthenes, que preço
— O' pérola das môças de Corintho —
Exiges pelas graças que teu cinto
Encerra e eu como doido te apeteço?

1 — *A Aguia*, 2.ª serie, vol. XII, pg. 90.

«Darás para penhor — pouco te peço —
O que aos de toda a Hélada consinto
Me offertem quando surjo e, ao vê-los, sinto
Que Cypris, a divina, lhes pareço.

«Quanto pedes, Laïs?» «Por um *talento*
Será tua esta noite» «Engeito» «Avaro!»
«Sôfra embora, a censura de avarento,

Poig antes merecer-ta — vulto raro!
Do que — dum desvairo dum momento —
Meu tedio de ante-mão pagar tão caro.»

Coimbra, 11 de Outubro de 1916.

AFFONSO GAYO

(18[illegible]2)

E pensar que a mulher, que vende o corpo ao mundo,[1]
Pode ter dentro de alma um santo amor, profundo
Amor que não dá fructo, embora enflore encantos ..
Saber no lupanar martyrios taes e tantos
Que ninguem chega a ver por serem mais discretos
Do que essas podridões que ha debaixo de tectos,
Onde impera, não só o vicio, como a lama
Que parece florir sob o ouro que a recama!

A pallida mulher no mundo tresmalhada,
Antes de ter perdido o brio, foi honrada.
Como ella tantas mais que em prantos envelhecem...
Ao serviço do amor, porque, quando ellas descem,
Protegem com seu corpo, assim como cadellas,
A convenção banal da honra das donzellas...

1 — *Heroes modernos*. Lisboa, 1901.

JOÃO DE BARROS

CANÇÃO DAS MULHERES PERDIDAS [1]

Dias e noites, noites e dias,
Damos os corpos a quem nos pede
Beijos, caricias, febre, alegrias,
Em horas doidas e fugidias,
Em horas doidas da eterna sede.

Da sede eterna do eterno Amor
Que dá aos homens eguaes desejos:
Nas nossas boccas, já sem calor,
Todas procuram o mesmo ardor,
As mesmas phrases e os mesmos beijos ..

E vêem moços, e vêem tantos
Velhos que mettem nojo ou dó;
São aos domingos e dias santos
Dias dos pobres, dias de quantos
Pela semana trabalham só.

Mas ricos, pobres, velhos e os mais
Que nos desmaiam por sobre os peitos
— Olhos fechados, labios sensuaes —
São sempre os mesmos: tornam-se eguaes
Se os abraçarmos nos nossos leitos.

São sempre os mesmos, com a illusão
De que os podemos amar n'ess'hora;
E vibra um pouco do coração
Nos beijos quentes que elles nos dão
Com um sorriso que ordena... e implora ..

1 — *Entre a multidão*. 1902.

E há-os ingénuos, ou ignorantes,
E somos nós
Que os ensinamos a ser amantes,
E viver muito n'alguns instantes,
A pôr sorrisos, beijos na voz...

O' Mães honestas, vós que passaes
Com vossos filhos — o olhar tecundo,
Os seios altos e maternaes —
Vós que paseando nos desprezaes
Porque dormimos com meio mundo.

Talvez que o beijo que vos fez Mães
Nas nossas boccas fosse ensaiado,
E sois injustas n'esses desdens,
Pois que vos démos todos os bens
No bem d'um filho louro e rosado!

Mulher's perdidas: assim nos chama
Quem não suspeita do nosso amor;
Ninguem, Senhoras, como nós ama
Com tanto brilho n'uma só chamma,
Com tanta raiva, com tanta dor!

A Vida alberga, serena e forte,
Gloria e vergonha, vicio e virtude;
Que haja um sorriso que as chame e exhorte...
El-las — coitadas — n'esta má sorte
— As virgens cheias de Juventude

E faz-nos santas a piedade;
Inda que o odio nos prenda e leve
Não recusamos a f'licidade
A qualquer homem que em nós se agrade,
Do breve engano d'um beijo breve.

O' Natureza bôa e clemente,
Somos irmãs!
Mulher perdida que a toda a gente
Dás no teu leito, confiadamente,
Beijos dos Astros e das manhãs!

E sem descanço, noites e dias,
E sem descanço, p'ra quem t'os pede,
Tens sonhos, febre, riso, alegrias,
Em horas doidas e fugidias,
Em horas doidas de eterna sede!

I. XAVIER DE CARVALHO

A UM DEVASSO [1]

Da volupia a cantar no immenso côro,
Apedrejando a imagem da Virtude,
Lanças a honra dentro do ataude
De um condemnado e perfido desdouro.

N'esse, em que vaes, desregramento rude,
No leilão de quem vende o corpo a ouro
E a carne mercadeja, sem decôro,
Compras gosos e estragas a saude.

Entre os beijos de amor e abraços loucos
Das prostitutas vis, d'essas mulheres
Por cujo amor constantemente anceias,

Vaes, o teu sangue envenenando aos poucos,
A guardar para os filhos, se os tiveres,
Uma dose de syphilis nas veias!

---

1 — *Missas negras*. Manaus, 1902.

«Se aquillo que a gente sente
Cá dentro, tivesse voz...»

(Aguarella de Alberto de Souza)

VASCONCELLOS E SÁ

Eu já não creio em vós, bellezas triumphantes, [1]
Impuras tentações nascidas da materia ;
Tendes o riso vil — o riso das bacchantes,
E o orgulho venal — o orgulho da miseria.

Vós arrastaes ao crime, á perdição, ao nada,
Os nossos corações, os corações leaes ;
Sois a alma da lucta, a lucta mascarada,
Que definha no odio o peito dos rivaes.

Sobre vós cahirá inexoravelmente
Como chuva de fogo a eterna maldição ;
E o vosso olhar fatal, que atráe como a serpente,
Não ousareis jamais alevantar do chão.

Vossas boccas serão rasgadas e cuspidas,
Vossas formas ideaes de esplendida nudez
Rebentarão no inferno e, ao serem destruidas,
Até Deus negará que vos creou e fez.

FRANCISCO DA SILVA PASSOS

(1884)

NO REINO DAS SOMBRAS

A VIÉLA

Luzes trementes de gaz
Empalidécem os muros.
Passam borguistas impuros,
Velhos com ar de rapaz ..

---

1 — *Um livro*, 1902.

Ha cheiros de toda a casta,
Perfumes de baixo preço.
E o ar, viciado e espesso,
Dá a illusão que nos arrasta.

As magras prostituidas
Provocam lavas senis;
Riem sem tino, perdidas,
E apregoam-se gentis.

Convidam quem passa a vê-las:
E enganam, pintadas, loucas,
Os que pensam que são bellas
Por terem carmim nas boccas.

Umas dizem os segredos
Do seu amor sem recato;
E estendem os magros dêdos
Para agarrar-nos o fato.

Outras, mais esfomeadas,
Sahem de casa á procura.
No vicio imbecilisadas
Pela avidez da fartura.

E a bocca em risos fingidos,
Gingando p'ra provocar,
Arregaçam os vestidos,
Como se fossem saltar.

Ás vezes, a estranha reza
Dum vago olhar que nos fita
Accorda uma voz que grita,
Contra o Mundo que as despreza

E julgamos que a loucura
D'aquella vida sem tino
Foi o perdão d'um Destino
Que as lançou na noite escura.

Então, a illusão que se ergue
Transforma-as, mármore rude,
N'um vil corpo em que a virtude
Existe sem que se enxergue.

Tem o vicio a compaixão
Por estranha companheira:
Quanto maior é a cegueira,
Maior é a desilluzão!

....

Nas ruas, mysteriosas
Para quem não as conhece,
Ha estrellas enganosas,
Murmurios surdos de prece.

Mas ha tragedias escuras
Perversões abominaveis;
E os espasmos inefaveis
Têm o rancor das contendas.

Olhos perdidos d'espanto,
Na fome de saciar
Sobre um corpo, a qualquer canto,
A furia rubra d'amar.

Boccas rasgadas, sedentas,
Respirando fundo e a custo,
Em perturbações sangrentas,
N'um tremor frio de susto.

Rugidos de magua intensa...
Longos soluços d'amor..
E é toda a mentira immensa
D'esses sorrisos de dôr!

E, a quando a fome não grita
E o amôr ruge mais forte,
Geme uma sêde infinita
De esquecimento e de morte.

1903.

•

NO ABYSMO [1]

«Desceu aos infernos».

CREDO CATHOLICO.

Em vez de coração, eu tenho um brado
Contra o Milhão e contra o Preconceito.
Ah! tremei do meu gesto revoltado,
Fugi ante a amargura do meu peito!

Paolo e Francesca vivem num Inferno,
E a sua dôr inspira o vosso dó;
Mas num martyrio inda mais duro e eterno
Ha muitas almas de Francescas só.

Cadeia enorme, feita de milhões
De pobres seios sem consolação:
Olhemos esses tristes corações,
Retalhemos o nosso coração!

1 — *O Evangelho novo*, 1905.

Talvez a causa fosse a Fome horrenda
Que á vielia suja as arrojou — talvez!
E em logar de afastá-las d'esta senda,
Vós as calcaes aos pés!

Não vos lembra jamais que esses pobrinhos
Seios, gerados p'ra viver na Dôr,
Podem ainda ser muito branquinhos,
Quando regados por alto amor.

Não vos lembra jámais que fostes vós
— Quantos e quantos não serão assim! —
Quem d'esse rouxinol roubou a voz,
Quem roubou o perfume do jasmim.

E por fim não vos lembra que o Direito
Muita coisa na vida nos reprova.
Respeitaes um só Deus — o Preconceito
Que gera o Vicio que conduz á Cova.

—

Como esta vida feia me consome!
Que sedento que eu morro de Verdade!
O Prejuizo é que gerou a Fome;
São filhos d'elle a Lama e a Vaidade.

•

Filhos de Satanaz, Gargantuas vis,
Faunos que em lama chafurdaes contentes,
Emquanto as vossas cortezãs senis
Cáem cançadas, a ranger os dentes!

Pançaſ enormes cheias ðe ðesejos,
Onðe cairam virgens ðesmaiaðas
Ao som rouco e infernal ðos vossos beijos
Que são como ðentaðas! ..

Satyros que fazeis brotar o nojo,
Por toða a parte, aonðe caminhaes
Como trêða serpente a anðar ðe rojo,
Lançanðo as vossas babas sensuaes!

Devieis ter nas faces bem gravaða
A ignominia ð'essa existencia bruta;
Trazer a alma bem escancaraða:
— Vós sois os negros paes ða Prostituta! —

Fostes vós que, engananðo-as, as perðestes;
Vós que pagaes ás rábiðas mulheres
Que vos trarão linðos corpos celéstes,
P'ra consumir na pyra ðos prazeres!

* * *

...A pobre chora
Por não ter pão. Ah, que pesaða cruz! ..
Passam carros na rua a toða a hora,
E o oiro é tão brilhante que seðuz.

Lá vem o Moço que lhe ðiz que a ama;
— Linða avesinha que s'emuðeceu!

.. E a Socieðaðe que a arrojou á lama,
Na propria lama o coração perðeu!

Pobres almas no vicio embrutecidas,
Eu quero-vos salvar. Vinde commigo!
Almas tristes, que sonho vêr remidas,
Vinde ao meu coração que é bom amigo!

Pobres seios vivendo na Amargura,
Esquecidos das alegrias sãs,
Eu beijo-vos em alma com ternura.
Vinde para a Verdade, almas irmãs!

Deixae o Vicio escuro. A Primavera
Vae-nos abrindo os corações das flores.
Ahi a Natureza vos espera,
P'ra vos alliviar de vossas dôres.

E vós, da carne immundos vendilhões,
Continuae a rir;
Bem podeis chufurdar!

Um dia os fracos hão-de ser leões:
Vós haveis de caïr!
— Eu hei-de-vos pizar!!

ALFREDO PIMENTA

FALLA DAS PROSTITUTAS [1]

(Ao Ladislau Patricio)

«Nós somos as mulheres da vid'airada,
As pallidas famintas,
Que, quando o nosso corpo não dá nada,
Recorremos ao lapis e á pomada,
Aos pós d'arroz e ás tintas!

Somos os lyrios da miseria escura,
Os lyrios do *can-can* .
Nosso corpo é a negra sepultura
Onde, mataram nossa Alma pura,
Os risos de Satan!

Somos aquellas cujo amor sagrado
Alguem estrangulou!
Sentimos nosso peito apunhalado ..
E' p'ra nós um mysterio desgraçado
Quem foi que nos gerou!

A' luz crua do sol, a populaça
Insulta-nos com vaias ..
Mas, quando é noite, misera e devassa,
Vem comprar-nos o corpo e a desgraça,
Vem beijar-nos as saias!

Filhos-familias, quando acompanhados,
Não nos conhecem, não!
E á hora dos phantasmas evocados,
Vem pedir-nos o leito embriagados,
E pedem-nos perdão!

1 — *Eu*, 1904.

Sacerdotes, no pulpito, praguejam
Contra o nosso peccado :
Mas á noite, de modo que os não vejam,
Destrançam nossas tranças e desejam
Dormir ao nosso lado !

Somos as filhas da Miseria douda.
As rosas dos esgotos !
Mas somos nós quem implanta a *moda*...
Embora enxovalhadas pela roda
E as pedras dos garotos !

Burguezes sensuaes deixam seu lar
E o calor do seu leito,
E vêm-nos, alta noite, procurar,
P'ra terem o amor do nosso olhar,
O amor do nosso peito ..

Somos aquellas que passamos rindo,
Aos bandos, pela rua
Temos o aspecto de quem vai fugindo
A Alguem que quer o nosso corpo lindo,
A nossa carne núa.

Mas não ! eis que está aqui para vender
O nosso corpo branco !
Vendemo-lo, Burguezes ! Quem o quer ?
Lançai o preço ! vai para quem der
Maiores notas de Banco !

Se vós quereis nossas ternuras falsas
E o nosso coração.
Q'remos vestidos p'ra bailar nas walsas...
Nossos botins p'ra não andar'descalças ..
E mais que tudo, pão !

Nós temos fome! E o Dom Juan canalha
Que, um dia, nos beijou,
N'esse beijo legou-nos a mortalha
Que a nossa alma tristissima enxovalha
E onde elle a sepultou!...

Tu que estás farto já, que estás cançado
Do amor de tua mulher,
Caminha ao nosso corpo perfumado!
Insulta-o ainda mais — ao desgraçado! —
Mas dá-nos que comer!

Somos aquellas que passamos loucas
A rir no *macadam* .
Andamos de cantar fracas e roucas,
Todos querem dormir nas nossas boccas
Até pela manhã!»

* * *

O' pallidas vencidas das viellas,
Bemdigo vosso olhar!
Sois maiores que as anemicas donzellas
Que encontro debruçadas nas janellas,
A' luz crepuscular!

O' prostitutas! desfolhadas flôres!
Bemdigo a vossa cruz!
Bemdigo as vossas lagrymas e dores!
Rosas do *macadam!* vós sois maiores
Que Th'reza de Jesus!

LADISLAU PATRICIO

O coração d'uma mulher perdida [1]
é qual uma gaivota sobre o mar;
nem a gaivota poisa sobre as ondas,
nem as ondas a deixam lá poisar!

O coração d'uma mulher perdida
é qual uma gaivota sobre o mar!

*

A CANÇÃO D'UMA TRICANA [2]

Por amor me seduziste,
e abandonas-me em seguida!
Mas se me levas a honra,
porque me deixas a vida!

Põe um termo aos teus desdens;
põe aos teus odios um fim!
Se já me não tens amor,
ao menos tem dó de mim.

Comparo as minhas tristezas
ás ondas que tem o mar:
mal uma desapparece,
já se está outra a formar ..

Minha mãe disse-me um dia
(quiz deixar-me aconselhada):
«antes pobre mas honesta,
do que rica e desgraçada.»

1 — *Livro simples*. Coimbra, 1904.
2 — *Revista Litteraria do Seculo*. Coimbra, 1906.

Recordo as tuas palavras ;
— Se soubesse, minha mãe ! —
pobresinha inda sou hoje,
mas desgraçada tambem

D'antes, todos me estimavam,
todos me tinham respeito ;
e não havia no mundo
quem me puzesse um defeito.

Choviam bençãos e palmas
onde quer que me encontrasse .
As mães que tinham creanças
gostavam que eu lh'as beijasse.

Como se faz ás rainhas
quando atravessam as salas,
os rapazes que me viam
curvavam-se — e abriam álas ..

Eu andava só vestida
de lã e chitas baratas .
Pois até grandes fidalgos
me faziam serenatas !

Ai, tempos, tempos passados
na alegria de viver !
Bilhetinhos perfumados
que eu devolvia sem ler ..

Mas, um dia, fiquei preza
das tuas falas galantes,
e, por minha triste sorte,
já não sou... o que era d'antes !

Vendo-me. Arrasto a existencia
entre miserias e lôdos :
não sou d'este, nem d'aquelle,
não sou tua — sou de todos !

Agora, sempre que passo
no meio das multidões,
as mulheres falam baixinho,
e os homens dão-me encontrões !

Coimbra, 1906.

FONTOURA XAVIER

ESTUDO ANATOMICO [1]

(A Aluizio Azevedo)

Entrei no amphitheatro da sciencia,
Attrahido por méra phantasia,
E approuve-me estudar anatomia,
Por dar um novo pasto á intelligencia.

Discorria com toda a sapiciencia
O lente n'uma meza onde jazia
Uma immovel materia, humida e fria,
A que outr'ora animara humana essencia.

Fôra uma meretriz ; o rosto bello
Pude timido olhal-o com respeito
Por entre as negras ondas de cabello.

A convite do lente, contrafeito,
Rasguei-a com a ponta do escalpello
E não vi coração dentro do peito !

1876.

---

1 — *Opalas*. Lisboa, 1905.

JOÃO PENHA

(1839-1919)

ENTRE MUNDANAS [1]

— «Filha das tristes hervas, nus os pés,
Andrajosa, mas bella de semblante,
Seduziu-me um devasso, um falso amante.
E nada tinha que perder aos dez.

«Fui actriz, e cantora de cafés,
Mas, mudava, indecisa, a cada instante.
Depois, fui o que sou: mundana ovante,
Com trem montado, alto estadão, librés.

«Mas tu que eras um anjo, um serafim!
E's, pois, de quem te queira! Que piedade!
E porquanto te dás?» — «Por um sequim.»

— «Por um sequim em plena mocidade!
De dia e noite uma tarefa assim!
Tu rebaixas a nossa dignidade!»

HENRIQUE TRINDADE COELHO

(1885)

Ella andou a rondar, erótica e franzina [2]
Por detraz do quartel as vozes dos soldados.
Numa biqueira. ao fundo, a agua leve e fina
Tinha á luz do luar suspiros rithmisados.

Ondeou, requebrada, e perpassou, felina.
E de lá. na penumbra. em gestos excitados,
Mostrou á sentinella a curva viperina,
Viscosa e sensual dos seios desbotados.

---

1 — *Echos do passado*, 1914.
2 — *Carrões*. Lisboa, 1907.

Alongou-os depois nas mãos impacientes,
Alongou-os. Na sombra, as filas dos seus dentes,
Davam um arrepios á quietação da rua.

Mas houve um — quem vem lá? — Fugiu pela viella.
Aquella hora, apenas, magra, uma cadella
Vadiava tambem, na grande paz da lua.

*

(*A Madeira Pinto*)

Meia noite. Uma velha espreita por um rálo.[1]
Uma virgem deslisa ao longe, quasi núa.
Meia noite. E emquanto, agudo, grita um gallo,
Vae boiando no ceu, redonda e chata, a lua.

O Tumba, com um spleen profundo a dominá-lo
Enquadra na janella a face alvar e crúa.
Dentro de casa morre um côto, n'um gargálo,
A' esquina, um lampeão, véla na paz da rua.

Um moço passa, estaca, dubio. E debruçado,
O Tumba solta um leva «*pst*» demorado.
Era um freguez antigo. E desce de mansinho.

— Tua filha? — «Sahiu. Mas volta n'um instante,
Foi á Alta servir a casa d'um estudante
E não deve tardar. Espere um bocadinho —».

1 — *Carvões*, 1907.

MERCEDES BLASCO

BOHEMIA [1]

No seu olhar, tão negro e revoltoso,
Luzia a chamma de infernal malicia
Um riso brando, um rasto de caricia,
Brincava-lhe no labio apetitoso...

E o mandolin trillava docemente,
Sob a pressão ardente dos seus dedos,
A murmurar-lhe uns divinaes segredos
Seguindo assim, religiosamente,

Uma canção singella e desolada,
D'um estribilho languido e fremente,
Recordações de tempo mais risonho,

— Talvez da infancia pura e descuidada —
Que ella cantava distrahidamente,
A alma a errar pela amplidão do Sonho!

SANTOS LUZ

MARGARIDA GAUTIER [2]

Acabei de reler a tua vida
E inda sinto correr nas minhas veias,
N'uma febre de amor, indefinida,
Todo o sangue, afogueando-me as ideias.

Pelo teu grande amor, mulher perdida,
Sublime e grande amor, d'aureas cadeias,
Sinto a carne a vibrar, incomprehendida,
Como um sino vibrando nas ameias.

1 — *Musa hystérica*. Lisboa, 1908.
2 — *Mundo interior*. Lisboa, 1908.

Ninguem pode invejar-te uma existencia,
Cheia d'oiro, de lama e de incoerencia,
Que inspira repugnancia e compaixão.

Mas — sublime mulher! — tenho a certeza
De que muitas, com rasgos de pureza,
Hão de invejar teu grande coração!

11-7-1905.

ANGELO JORGE

INVOCATIVOS [1]

O' tragicas vencidas da miseria
Que a fome arremessou ao lupanar,
Lyrios de carne podre a fermentar
Nas latrinas nojentas da Materia!

Astros de luz fatidica, funerea,
Nos tremedaes do Vicio a scintillar,
E da crapula hedionda a alevantar:
A emanação obscena e deleteria:

Vós cuja infamia iguala, ó prostitutas,
A infamia das princezas dissolutas,
Cantae, cantae, cadellas más, sem dono!

Cantae no abysmo negro da viella,
Que no seu leito a anemica donzella,
Tem a honra a velar-lhe o breve somno!

---

1 — *Dôr humana*. Porto, 1908.

AUGUSTO GIL

(1872)

A CANÇÃO DAS PERDIDAS [1]

(A Vianna da Motta)

I

Quem por amor se perdeu
Não chore, não tenha pena.
Uma das santas do céu
— É Maria Magdalena..

II

Minha mãe foi o que eu sou.
Eu sou o que tantas são.
Que triste herança te dou,
Filha do meu coração!

III

Meu pae foi para o degredo
Era eu inda pequena.
Se não morresse tão cedo,
Morria agora — de pena...

IV

E ha no mundo quem afronte
Uma mulher quando cae!
Nasce agua limpa na fonte,
Quem a suja é quem lá vae...

V

Aquelle que me roubou
A virtude de donzella
Se outra honra lhe não dou,
— É porque só tive aquella!

1 — *Luar de janeiro*, 1900.

VI

Nós temos o mesmo fadо,
Oh fonte d'agua cantante,
Quem te quer, pára um boccadо,
Quem não quer, passa adeante...

VII

O meu amôr, por amal-o,
Poz-me o peito numa chaga:
Deu-me facadas. Deixal-o.
Mas ao menos não me paga!

VIII

Nem todа a agua dо mar
Por estes olhos choradа
Daria bem a mostrar
O que eu sou de desgraçadа!

IX

Como querem vêr contente
Este paiz desgraçadо,
Se dão só livros á gente
Nas escolas dо peccadо.

X

Dormia o meu coração
Cançadо de fingimento.
Bateste-me, e vae então
Acordou nesse momento.

XI

Se aquillo que a gente sente,
Cá dentro, tivesse vóz,
Muita gente... todа a gente
Teria pena de nós!

QUADRAS

— Onde vaes tão sacudida, [1]
Oh da pelliça de lontra ?
— Como sou mulher perdida,
Vou a ver se alguem me encontra . .

. . . . . .

Nestes tempos dissolutos
Toda a mulher é vendida.
Umas vendem-se aos minutos,
As outras por toda a vida.

J. EUSTACHIO D'AZEVEDO

(JACQUES ROLLA)

MANON LESCAULT [2]

(*Ao Raul d'Azevedo*)

Si tu não foste creação mimosa
de um talento grandiloquo, imponente ;
si é real tua historia commovente
si tu viveste, cortezã famosa!

Si essa vida de luctas, tormentosa
foi verdadeira e por amor sómente . .
si muito amaste o *des* Grieux valente
e morreste em seus braços, venturosa...

1 — *O canto da cigarra*. Lisboa, 1910.
2 — *Musa eclectica*. Pará, 1909

— Eu osculo-te a sombra. ó prostituta!
— sauðo os manes teus, mulher queriða,
pois que á força ðe amar, — morreste pura!

Teu crime ðepurou-se nessa lucta,
e se muito soffreste nesta viða
— que te seja ðe paz a sepultura!

*

A UMA CORTEZÃ [1]

A luz ðo teu olhar que auðaz scintilla,
illuminou minh'alma enregelaða,
naquella noite olente e constellaða
em que me viste, em que eu ta vi, Dalila!

Tinha ða Vesper que no céo rutila
o fulgurante brilho e a graça iriaða!...
E eu, ao te ver assim, bella, aðoraða,
oh! como te estimei, mulher ð'argilla!

No coração, porém, só tinhas... loðo!
o meu amor arrefeceu ðe toðo
e ao saber que, sem pejo, te venðias,

eu tambem te comprei! Paguei-te á vista,
e sahi enojaðo ða conquista
trescalanðo ao perfume ðas orgias!

1 — *Musa eclectica*. Pará, 1909.

•

CORTEZÃ [1]

(*Ao Fran Pacheco*)

Não posso conceber
como instalou-se o vicio
no corpo capitoso
de minha cortezã . .
como elle impera impavido,
minando-lhe a existencia,
— mulher que dá ventura
não conheceu manhã !

E' bella, — enthusiasma
o seu olhar, — fascina,
porém, é mais que todas
devassa a mais não ser
n'um corpo delicado
um porte de rainha,
e dotes primorosos
de nos enlouquecer !

Nos seios, — dois rubis,
nos olhos, — dois brilhantes,
na bocca, — trinta e dois
pedaços de marfim
mãos finas e nos dedos
dez petalas de rosa . .
dois veios de coral
nos labios de carmim !

1 — *Musa eclectica*. Pará, 1909.

Comprehendêr não posso,
imaginar procuro,
como sua alma limpida
em lama chafurdou-se...
Belleza — e impudicicia...
querida, e desinvolta ..
rainha — no deboche,
imperatriz — no alcouce!

E quanto me molesta,
e quanto me tortura
o vel-a hoje divina
brilhar na saturnal ..
sabendo que mais tarde,
por leis do fatalismo
acabará tristonha
no catre do hospital...

MANUEL ALVES

Á MULHER INFELIZ [1]

Chora, chora desgraçada,
Maldiz a tua loucura;
Passa a vida em mar de pranto
'Té baixar á sepultura.

Eras do mundo a belleza!
Ao nascer eras tão bella
Como outr'ora foi aquella
Que é virgem por natureza!
Depois a honra e a nobreza
Fugiu da tua morada,

1 — *Versos d'um cavador.*

Deixou-te desamparada
Cheia de opprobrio e corrupta,
Hoje és mulher prostituta,
«Chora, chora desgraçada »

Quando na infancia sorrias
Mal pensavas na futuro
Que o mundo ingrato e perjuro
Te preparava ; vivias
Pensando só n'esses dias,
No teu luxo e formosura .
Mas ai ! chega a desventura
Que lentamente te abraça
E assim ficas na desgraça
«Maldita a tua loucura !»

Por desgraça terás mais
Do que tem outras mulheres,
Tomar o caldo ás colheres
A' sombra dos hospitaes
E o desprezo de teus paes
Que outr'ora te amaram tanto.
O frio será o teu manto
E a nudez tua guarida
Chora pois mulher perdida
«Passa a vida em mar de pranto.»

E se chegares aos sessenta
Ou setenta annos de edade,
Verás a infelicidade
Que a par de ti se apresenta
Então maldiz e lamenta
Os teus annos de verdura,
Que a vida ingrata e perjura
Te poz devassa na rua,
Talvez já descalça e nua,
«Té baixar á sepultura.»

MANUEL RIBEIRO

A PROSTITUTA [1]

N'essa viela, onde mal entra o ar,
viceja a pobre cortezã do vicio
que, como outro qualquer que tem officio,
aluga o corpo para o sustentar.

Seus beijos dá-os já sem sacrificio
a todo aquelle que a quizer beijar.
E de tantos gemidos abafar
só no seu peito d'ais se encontra indicio.

Toda a tristeza que ha na vida — e é tanta! —
sempre n'essa alma um eco vae deixando
e para alivio dos seus males canta.

Mas, julga a gente que ella está cantando,
ouvindo a voz gemer-lhe na garganta,
— ella coitada, está mas é chorando.

RODRIGO BEÇA

A CORTEZÁ [2]

Voluptuosamente reclinada
Sobre coxins de seda e cachemira
A cortezã repoisa descançada
Das fadigas da noite, que fugira.

Vê nos seus dedos finos a saphira,
O diamante, a perola nevada,
E lentamente o leve fumo tira
D'um *narguier* de prata marchetada.

---

1 — *Sentido de viver*. Lisboa, 1909.
2 — *Livro de sonetos*. Porto, 1910.

Em vão a sua dôr tenta occultar.
Uma pequena lagrima de neve
Desce-lhe pela face devagar.

Desventurado aquelle que do amôr
Junto de si jámais sentiu ou teve
A carinhosa e perfumada flor.

JOSÉ COELHO DA CUNHA

O FADO [1]

.....
E' a canção que a perdida
Soluça ao filho sem pai,
E' a canção que na vida
Conforta a mulher que cai.

.....
E' um grito de amargura
Essa canção, afinal,
Mas ela, ás vezes, depura
A quem só vive no mal.

JOSÉ CORDOVIL

A UMA MESSALINA [2]

Se te avisto e reconheço
Quando passas no Chiado
Sinto magua e entristeço
Meu Pecado!

---

1 — *Terra de Sol*. Lisboa, 1911.
2 — *Recidivas*, 1912.

Tens no corpo a aurea flama
De um brilhante e fino engaste ..
Mas se a tua alma é de lama,
Por contraste!..

São teus olhos de veludo,
Os cabellos, seda fina
E para todos é tudo
Messalina!

Teu coração, sem valor
Por viver para pecar,
Teria enchido de amor
Qualquer lar;

Esses seios tão formosos,
E os tão pródigos carinhos
Como fariam ditosos
Teus filhinhos!

O teu rosto envilecido
E as tuas mãos delicadas,
Com que amor teriam sido
Osculadas!..

Messalina; os annos passam,
E com elles teus encantos..
Comerás o pão que amassam
Fartos prantos!

.....

Ai mulher que me entristeces
Se te avisto no Chiado!..
Porque tanto te envileces
Meu Pecado?!..

SANTOS GALVÃO

MARIA DA GRAÇA [1]

(*Imitando Augusto Gil*)

I

O clamar veneno exala,
Por isso não me concentro,
E a mulher que pouco fala
Guarda o veneno lá dentro,

II

Ha dias falas-me assim
Com um modo encantador ;
Dizes que gostas de mim,
Que me tens um grande amor.

III

Mas hoje voltas-me as costas,
Talvez por não vir de trem
E' certo que tu não gostas
De quem não usa vintem.

IV

E de sincero alardeias
Um amor interesseiro,
Amor que dás ás mãos cheias
Se ás mãos cheias ha dinheiro.

V

Alguem ao ver-te na rua,
E a quem a luxuria arrasta,
Soprou-me : — «Vou vel-a nua,
Que afinal pouco se gasta».

1 — *Risadas*. Lisboa, 1912.

VI

Maria da Graça é uma
Rapariga cubiçada
Não tem familia nenhuma
E adormece acompanhada.

ALBERTO D'OLIVEIRA

MAGDALA [1]

Passa por ti e: — O' formosa!
Diz este, e ao seio te enlaça:
Dá-te um sorriso, uma rosa,
Um beijo depois. E passa.

Passa por ti e: — O' rainha!
Aquelle diz, e te abraça;
Dá-te um brilhante, uma perola,
Um beijo depois. E passa.

Passa por ti e: — O' thesouro
— Diz outro — De encanto e graça!
Dá-te ouro punhados de ouro,
Um beijo depois. E passa.

Passa por ti e: — O' mesquinha!
— Diz o poeta — a sorte escassa
Quanto me deu foram lagrimas.
Dá-te uma lagrima... E passa.

1 — *Poesias*, 1912.

CONDE D'AZEVEDO

DEPOIS DO TERREMOTO [1]

Dizia El-Rei Dom José,
Com ar de bater n'um sistro,
Depois de findo o sinistro,
Que abalou terra e maré:

«Protege-o Deus, bem se vê
Com ufania o registro;
Só a casa do meu ministro
Por milagre está de pé!»

— «E' certo, senhor», responde
Um nobre e faceto conde
Ao rei, com tom folgazão;

«Mas, p'ra que ao perigo fuja,
Deus déra egual protecção
Ao harem da rua Suja!» *

---

1 — *Em toda a lyra*, 1913.

* «Dito historico. Foi aquella rua de má fama poupada pelo terremoto.

«Existe até na tradição o seguinte curioso caso: Conta-se que um individuo dissera pela occasião do terremoto que Deus era injusto, porque tinha destruido tanta egreja e morto tanta gente e deixára livre a R. Suja, actual R. do Capellão, então como hoje habitada por gente immoral, e que o Marquez de Pombal, como castigo, mandara cortar-lhe a cabeça.»

Pereira de Souza. *Effeitos do terremoto de 1755 nas construcções de Lisboa*. In *Rev. Ob. l'ub.* 1909.

FERNANDES COSTA

AGRIPPINA [1]

E' tarde. Finda o lobrico festim.
Já de Nero os sinistros convidados,
Mal se tendo, e de vinho salpicados,
Os leitos abandonam, de marfim.

Vis cortezãos, qual d'elles mais ruim,
Beiços rubros e rôstos avinhados;
Concubinas, de peitos levantados
Pelas cintas de purpura e setim.

Nero simula o maximo desdem
Por tudo aquillo... Mas aguarda, espera,
Com sobresalto, sim.. Espera alguem.

...Alguem que nesse instante dilacera
O ventre de Agrippina, sua mãe!
Ventre maldito, que gerou tal fera!

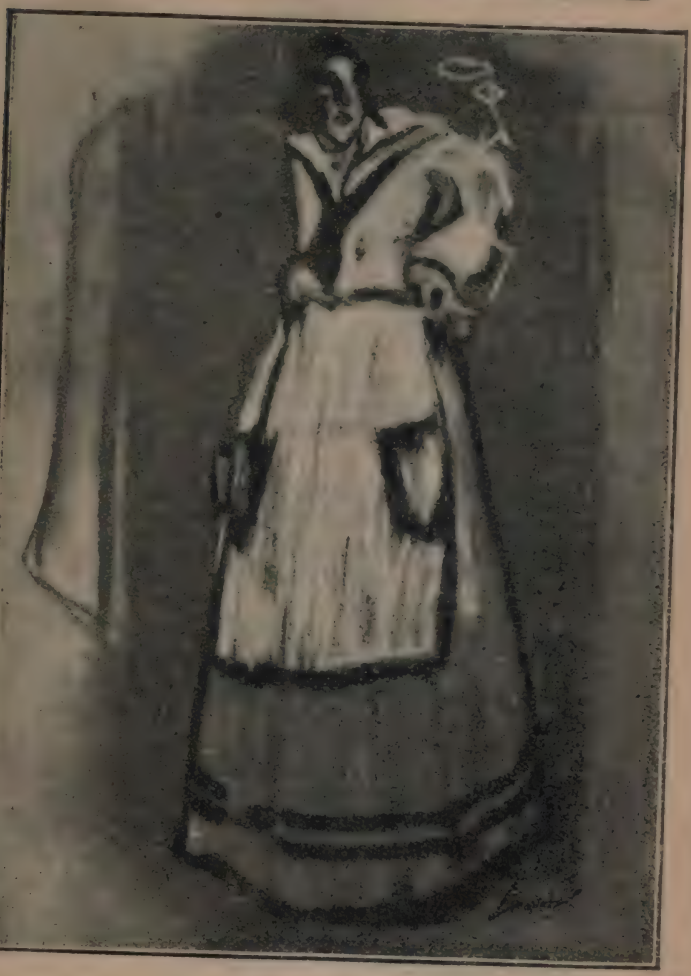
*

GUADALUPE

Isto passou-se no Estoril antigo,
Com gente que, já hoje, é não lembrada:
A mãe era franceza e *separada*.
Dizia-o ella; não sou eu que o digo.

Duas filhas trazia, ali, comsigo,
Acompanhando-as, sempre, gente grada.
A's noites divagavam pela estrada,
Contemplando, talvez, o mar amigo.

1 - *O Eterno Feminino*. Lisboa, 1913.



«*Baixa-estofa*»
(Por Antonio Soares)

N'um velho hotel, com diminuta gente
Jantei, ao lado d'ellas, certo dia :
Tinha a mais velha um riso contundente,

E a outra, a todo o instante, entristecia.
— Fôra a mãe, que as vendera, ignobilmente,
E agora, a quem pagava, as revendia ! —

•

LAÏS

Era Laïs, corynthia encantadora,
— Typo eterno do másculo prazer, —
De si mesma tão cara vendedôra.
Como .. outras mais tem succedido havêr.

Em Corynto, exercia a peccadôra
O rendôso mester de se vendêr,
Tornando, ali, tão cara cada hora,
Que *a Corynto*, — se diz, — *não vae quem quer.*

Demósthenes, mau grado a razão fria
Com que pesava esse prazêr tão raro,
Inflammou-se, e a Corynto foi um dia!

Ajusta a cortezã... Vê tudo claro.
— «Isso — responde então — pagar seria
O meu remorso extremamente caro !»

•

MAGDALENA

Beijando de Jesus os pés sagrados,
Prostrada cae por terra e abatida,
Com os lindos cabellos desgrenhados,
A bella peccadora arrependida.

Ouve-lhe o bom Jesus aos ais cortados,
E levanta-a com a mão compadecida;
Classifica de amor os seus peccados
E comparte com ella a eterna Vida!

— O' feminino espirito amorôso,
Que assim passaste do prazêr violento
Para o celeste e mystico repouso!

Teu destino, mulher, eu não lamento,
Porque tiveste do Peccado o gôso
E ainda a graça do Arrependimento!

•

MANON

Existe; é natural; mas não a acceito.
Para mim, fundamente desaffecta,
Quero-lhe mal; talvez porque respeito
A simples perfeição da linha recta.

E mais detesto o misero sujeito,
Que tudo lhe perdôa e que a completa!
Póde, quem tal quizer, rendêr-lhe preito;
Eu não lh'o rendo; eu, não, que sou poeta:

A rosa branca, immaculada e pura,
Se em lama, por desdita, foi cahir,
Já, nada mais, lhe restitue a alvura.

Que fazer? E' deixal-a. E' desistir.
Encontrar-se Manon, é desventura;
Merece-a quem, a tempo, não fugir.

*

MESSALINA

Messalina, do vicio a immensidade!
Quem tal abysmo a perfundar se atreve!
Retratae da virtude a pura neve..
E' Messalina a outra extremidade.

A par de semelhante enormidade,
Nenhum nôme se diz, nenhum se escreve;
E' condensada, n'este nome breve,
A possivel feminea indignidade!

Vindo da castidade virginal,
Em toda a extensa escala feminina,
Até chegar ao impudôr brutal,

Ainda, é fóra d'ella, que domina,
Isolada, perversa, excepcional,
Esta monstruosidade: «Messalina!»

*

MUNDANA

Vive na grande roda, no seu meio,
De luxo immenso e de attenções cercada.
A vida, para ella, é só receio,
Inuteis passatempos e mais nada.

Precisa, ao seu dispôr, um cofre cheio,
Para a vida que vive regalada,
Oiro gastando, sem pudôr nem freio ..
Quando, no mundo, ha tanta desgraçada!

Por uma, apênas, a quem nada basta,
— Injustiça fatal que o homem fêz, —
Quantas ao vicio a miseria arrasta!

Por uma só, e de quem beija os pés,
Punhados d'oiro desperdiça e gasta,
Com que, sem fome, viveriam dez.

*

NINON

Ninon, — quem tal dirá? — Ninon morreu.
Branco ataúde os restos seus transporta.
Docel sedôso, côr azul do ceu,
Dá grata sombra à formosura morta.

O sol esplende; já o espaço encheu
Um trino d'aves, que ao prazer exhorta;
Não ha tristezas, nem funéreo veu
Amor entreabre do sepulchro a porta!

Vêjam-a todos! Como é bella ainda!
Descerra os labios n'um sorriso bom.
Essa que foi perpetuamente linda,

Vae hoje ao ceu restituir-lhe o dom
Com que a brindára, da belleza infinda;
E o ceu exulta!... Não morreu Ninon.

JOÃO DE SOUSA

Passam dias á janella [1]
A honesta e a devassa:
Esta, para vêr quem sobe,
Aquella, p'ra vêr quem passa.

1 — *Os Meus Peccados*, 1914.

*

O coração já não manda,
Sahiu de lucta em pedaços.
No amôr que hoje ahi anda,
Só entram pernas e braços...

AMERICO DURÃO

LEILÃO [1]

Quem compra, quem merca sonhos?
Quem quer meu corpo? Quem quer?
Quem merca os beijos tristonhos,
Dos labios d'uma mulher?..

Todo um immenso amargor
Trago nêlles diluido
Eu vendo-os seja a quem fôr!
Quem compra, quem é servido?

Minh'alma de meretriz
E' negrinha de pecados
Só do corpo vos servis,
Eu vendo o corpo aos bocados

Quem mercar, tenha a certeza,
Não se hade arrepender..
Tenho de meu a tristeza
Mas dou e vendo o prazer

Quem compra, quem merca sonhos?
Quem quer meu corpo? Quem quer?
Quem merca os beijos tristonhos,
Dos labios d'uma mulher?..

1 — *Penumbras*. Leiria, 1914.

MARIA CAROLINA RAMOS

(1895)

(*De Horacio*)

A CHLORIS

O' mulher do pobre Ibico
A teus vicios põe comporta,
A tua edade passou
E a morte ronda-te a porta.

As virgens deixa tranquillas
Acaba de as perseguir
Não queiras ser nuvem negra
Em ceu azul a florir.

Deixa a Féloa esse mister
A' sua alma bem está ;
Mas tu Chloris 'stás velha
Tua edade passou já.

Guia embora tua filha
A dançar, e a entontecer,
Os corações dos romanos
Que se quizerem perder.

Deixa que ao jovem Nothus
Seu corpo e seu peito abra :
Que seja meiga e travessa
Como uma travessa cabra.

Mas tu, velha, não prossigas.
Antes junto de Luceria
Cortasses lã e fizesses
Vida repousada e seria

Do que anðasse na orgia
Sem ao menos ver sequer,
Que a tua iðaðe passou
Que já vae longe, mulher!

MARTINHO NOBRE DE MELLO

(1891)

A PECADORA

Morta a sêðe nos labios, com veneno,
agonizava Christo no Calvario,
silencioso, palliðo, sereno,
como morre um heroe e um visionario...

E entre os laðrões, no pôr-ðo-sol moreno,
entre os laðrões, n'esse painel lenðario,
quiz mostrar-nos ainða o Nazareno
quanto o ðestino é traiçoeiro e vario!.

Suavemente, morreu emfim Jesus.
Suavemente, rolou aos pés ða cruz
o Sol, num loiro e ðerraðeiro aðeus. .

E em lagrimas Maria Magðalena
suavemente ficou chorando a pena,
amarga e vã, ðe ser orfã ðe um Deus! ..

LUIZ COELHO

MÁ SINA [1]

Quebrando-se com graças d'uma flôr,
e branca como a lua,
pisa as pedras da rua,
quebrando-se com graças d'uma flôr ..

A Nice anda vendendo o seu amôr...
ó branca como a lua,
que pouca sorte a tua...
anda apregoar o teu amôr!

Fôra enganada um dia, e enganada
passára a vida, a pobre desgraçada,
até que se perdêra inteiramente...

E o teu perfil de rôla — ó triste criança! —
vendo perdida a ultima esperança,
anda a vender-se, linda, a toda a gente...

* * *

Em meiga voz, supplicante,
uma esmola me pedia .
e nos seus olhos nascia
uma lagrima brilhante.

E no magrito semblante,
entre as linhas da agonia
eu alguem reconhecia
d'um longo tempo distante!

1 — *Mal-aventurados.*

Pedi-lhe o seu nome, e disse :
«repara que sou a Nice
— ah, que desgraçada sorte !... »

Era ela, a Nice, coitada!...
— teve a sorte desgraçada,
— mais desgraçada que a Morte...

BERNARDO DE PASSOS

CANTIGAS PARA AS MULHERES PERDIDAS [1]

Sérves de exemplo á mulher
O' folha verde a dar ais...
Lá alta, a todos dás graça ;
Todos te pizam, se cáes.

Pobre mulher das viellas,
O' triste folha do chão,
Póde, como a flôr dos pantanos.
Ser puro o teu coração ..

Dois beijos puros, só dois,
A mulher perdida tem :
O da cóva, e antes d'esse,
O de mãe .. se teve mãe!

No lôdo do mar ha perolas.
E oiro debaixo do chão,
Como em ti, mulher perdida,
Ha tambem um coração...

1 *Grão de trigo*. Famalicão, 1907.

Impura, vendes o corpo
A troco d'um pão de dôr,
E ha *puras* que a troco d'oiro
Vendem côrpo, alma e amôr...

Mulher que avilias o corpo
Numa vida de delirio,
Ama, e aos olhos de Deus
Teu côrpo será um lirio!

Mulher que a fronte escureces
Nas trevas do lupanar,
Ama e sentirás na fronte
Uma aureola de luar!

Mulher perdida que soffres
Sem um peito amigo e santo,
Ama e sentirás Jesus
Vir enxugar o teu pranto!

Mulher perdida, se amaste
Ai chora, olhando as estrellas!
E as tuas lagrimas tristes
Terão mais luz do que ellas!

M. CARDOSO MARTHA

(1882)

IMPURAS ?

Aquellas que o vulgo estreito
Apelidou de «perdidas»,
Guardam ás vezes no peito
Virtudes desconhecidas.
O corpo, êsse é pó, é nada ;
Mas se a alma é bella, então
Fulgura como a alvorada
e os lirios de Salomão.

O galo de mestre Esopo
que achou pérola em monturo,
á feição vos asseguro
que é o melhor censor que eu tópo :
baixai-vos a ela,
tirai-a de lá,
limpai-a, e ao vê-la
direis o lustre que dá.

Penso nisto ; penso e cismo
nessas virtudes ; teem ellas
a semelhança dum barco
vogando sôbre um abismo.

Mancham se acaso as estrellas
porque se espelham num charco ?

J. M. SANTIAGO PRESADO

AFRODITE

Eu queria morder-te a pouco e pouco
os biquinhos rosados, frescos, novos,
dos teus peitos de mármore de Carrara,
mas depois mas depois, ébrio e louco,
devorava. esfaimado como os córvos,
êsse teu corpo de beleza rara!

Caprichoso requinte! A' vezes scismo
vêr-te á noite no fundo de um abismo
erecta, nua, sob o luar piedoso;
e á luz do luar, em luxuriante bôda
mórder, sorver, beijar-te a carne toda
nas contorsões eléctricas do gôso!

....
.....

O' lubrica morena! Vê-te agora
em versos claros como a luz da aurora,
erguida alto como os meus desejos;
deixo-me agora, meu amor devasso,
que eu desfaleça sobre o teu regaço
embriagado por teus mornos beijos;

XAVIER DA SILVA

Meretriz, mulher refece,
Que todo o mundo amesquinha .
E... se o destino quizesse
Teria sido rainha.

MARIA O'NEILL

UMA INFELIZ [1]

Sou filha do alto Minho
E vim de lá enganada:
N'esta Lisbôa, *tão bôa*,
E' que me fiz desgraçada.

Nada mais triste na terra
Que a vida alegre ir seguindo:
O coração vae chorando,
Os labios sempre sorrindo.

Eu não vivo do presente
Nem pensando no futuro.
Que o agora é todo lama,
O depois é n'um monturo.

Ai! como os homens honrados
A mim me fizeram mal!
Fui creada entre carinhos
Findarei n'um hospital.

Não posso mostrar affecto,
Nem ter amor a ninguem,
Que me pagam com dinheiro
Atirado com desdem.

Só uma restea de sol
Alegra a minha janella:
E' a lembrança do tempo
Em que fui creança e bella.

---

1 — *S. João nas Ruas.*

Nada mais triste na terra
Que a vida alegre ir seguindo,
O coração vae chorando
Os labios sempre sorrindo.

LUIZ CEBOLA

A VIELLA [1]

Falam em calão grosseiro
Uma rameira e um vadio,
bairrista, pernalta, esguio,
que outr'ora foi marinheiro.

Descanta-se ao desafio
na loja d'um taberneiro;
emquanto, à esquina, o candieiro
véla tristonho e sombrio.

Tossindo, um tuberculoso
fere a nota da desgraça
no seu casebre musgoso.

E o guarda, de sentinella,
vigia um ebrio que passa
aos zigue-zagues na viella.

---

1 -- *Canções da vida*

ROBERTO MACEDO

MAGDALENA [1]

Recordas-te d'aquella desgraçada,
D'aquella encantadora meretriz?
Parecia viver tão consolada
Alimentando tantos vicios vis!

Que lindo olhar, que matinal risada!
Era afinal bondosa essa infeliz!
Lá ia morta, num caixão deitada,
O rosto branco, exangue, como giz.

Bebeu d'um frasco um liquido fatal.
Porque lhe ardeu de ciume o coração,
Porque lhe deu o amante uma rival.

Por isso o sentimento que me invade,
Naquella pobre flôr em podridão
Vi sempre um não sei quê de virgindade!

VICENTE ARNOSO

Perdeu-te um beijo, e ficaste [2]
N'esta vida desgraçada
Quanto maior tu não fôste
Do que muita gente honrada.

---

1 — *Ku*, Porto.
2 — *Cantigas... leva-as o vento*. Lisboa, 1915.

Desprêso não ha p'ro homem
Que uma mulher ðesgraçou,
Mas a ella. não se fala,
Nunca ninguem lhe falou.

Quanta mulher ðesgraçaða
Inspirando maldição
Se venðe apenas p'ra ðar
Aos filhinhos o seu pão.

*

Mulher perðiða afugenta [1]
As honraðas sem razão,
Quero crer que não cahiram
Por não ter occasião.

Eu já vi mulheres perðiðas
Que não comparo a ninguem,
Poðe o corpo ser perðiðo,
Sem a alma o ser tambem.

No beijo ðas ðesgraçaðas
Quantas vezes ha pureza,
E nas honraðas pecaðo,
Eu tenho ð'isso a certeza.

Uma mulher que se venða
Por se venðer, ao primeiro,
Alto aqui, como nas feiras !
Só lhe falta este letreiro.

1 — *Quem canta seus males espanta*. Lisboa, 1916.

RAMADA CURTO

A UMA QUE SÓ GOSTAVA DE MARUJOS

O teu amor primeiro
Sei muito bem que foi um marinheiro.
Pouco depois rendeste o coração
N'uma louca paixão arrebatada
A um sargento d'armada,
Que te passou por sua vez e por teu mal,
A outro sargento — d'administração naval!
Temos mais a seguir um quarto amante,
Que era aspirante;
E logo após,
N'um delirio d'amor incandescente.
Corre a voz
Que te entregaste toda a um segundo tenente.
E se não foste alem, contra tua vontade,
Foi por teres atingindo o limite d'edade.

ILLYDIO PERFEITO

FLOR D'OIRO E DE LAMA

(*A Arthur Macedo*)

Quando ella passa, soberamente
Linda estrella cahida, flor dos lodos,
Meu coração murmura, tristemente,
A sua velha phrase impertinente:
«Coração de ninguem!... Corpo de todos!...

Quando ella passa, perturbante, e o olhar
Ergue e me fita, demoradamente,
Numa prece d'amor .. fico a scismar:
Como é que póde um coração amar
Uma mulher que foi de toda gente?!...

DARIO GALVÃO

INJUSTO MUNDO [1]

No dorso da verde onda estira-se o veleiro,
Quando se lança ao mar um velho borrachão;
Olvida os seus, a blusa arranca bem ligeiro
E se atira a salval-o o bravo capitão...

Linda mulher, do vicio immersa no lameiro,
Ao soccorro solicita o humano coração;
Ouve-lhe um moço, esquece o céo e o mundo inteiro,
Os preconceitos despe e a ella estende a mão...

O marujo arriscara a vida só terrena,
Este, futuro e gloria a sorrir amortalha,
Beirando o negro abysmo onde é perenne a pena.

Entretanto conquista aquelle aurea medalha,
E quem imita Christo, em face á Magdalena,
Só recebe do mundo o nome de canalha!

Rio, 1897.

MARIO DE SANTA RITTA

.....
Vae perguntar quem sou aquella creancinha
Que já prostituiu os baços olhos sujos...
E tem na pallidez da face doentinha
Impressos, da luxuria, os sôccos dos marujos!
.....

---

1 — *Echos e Sombras*. Paris, 1911.

MOTTA CABRAL

CHRYSIS

I

Chrysis, a loira cortezã do Egypto,
Olhos d'amendoa e face alva de cera,
Essa mulher que a oiro se vendera,
Na alma do tredo amor lhe echoava o grito...

Demétrio, o real amante, o favorito
Da rainha, esculptor que a fama houvera
Entre os melhor's, a vista detivera
No seu corpo d'amor e de delicto...

Passeava um dia, á tarde após o banho
D'essencias orientaes e perturbantes,
Seu vulto esculptural, gracioso e estranho,

Quando Demétrio, a tunica ageitando,
Ousou deter-lhe os passos vacillantes,
Umas phrases, surprezo, murmurando ...

II

«Assombro! Quem és tu?» O mar ondeia
Ao prepassar da aragem delicada,
E de Chrysis a face, illuminada,
Fulgura num sorriso; — «Em Galileia

«Nasci; chamo-me Chrysis. Fragil teia
Me veste a fórma bella, aprimorada:
Sou cortezã, e fui assim gerada
P'ra pascer dos desejos a alcateia...»

— «Eu quero-te! — diz elle — E serás minha...»
— «Demétrio... és o amante da rainha,
Sabe o teu nome o mais faminto cego;

«Mas não passas d'escravo... porque me amas!
E eu que a todos — vê bem! — meu corpo entrego
Do teu amor desprezo as rubras chammas!»

III

E por a conquistar foi a ladrão...
Chrysis, rendida, o corpo nú lhe off'rece;
Mas Demétrio, então, recusa a messe
Do seu amor: possuira-a, na illusão

Que o sonho empresta em lúcida visão,
E ante a qual a verdade empallidece!...
Ao povo, d'Aphrodite ella apparece.
Buscando a morte, e á gloria dando a mão...
.....

E emquanto Myrtocleia e Rhodis davam
Ao corpo inanimado sepultura,
As mãos do artista em fébre se agitavam,

Doando ao marmore a vida: a claridade
Que lhe vestiu o sonho de ventura
E deu a Chrysis a immortalidade.

*

HOSPITAL DO DESTERRO [1]

(FADO)

ELLA

A tolerada, a perdida
E' sempre uma mal fadada,
Por mil coisas conhecida
— Quando só é desgraçada !

Desprotegidas da sorte,
Uns farrapos de mulher,
Trazemos no corpo a morte
E somos de quem nos quer.

ELLE

O faia segue a rotina,
Com lanhos e arranhões,
E o corpinho cá se afina,
Nas mãos dos cirurgiões.

A banza, a naifa, o venereo
No fadista é usual,
E embarca p'r'o cemitério,
Na cama do hospital.

---

1 — *A' procura d'um galeno* (revista dos E. de Med.), 1917.

ANTONIO MARIA D'OLIVEIRA

FADISTAS [1]

ELA

Não julguem que eu andɔ alegre
Quandɔ ouvirem meu trinádɔ.
Porque minh'alma soluça,
Cadɑ vês que eu canto o fadɔ.

De tantɔs beijɔs que eu ɖou.
De outrɔs beijɔs que me dãɔ...
Tudɔ são beijɔs ɖa bôca,
Não ɔs sente ɔ coração.

Ai! Todɔs me olham sorrindɔ.
Escarnecendɔ ɖe mim:
E' bem feitɔ, porque ɖantes,
Eu tambem fazia assim.

ELE

Quandɔ tenhɔ ɖe cantar
O fadɔ ɖos meus amores,
São meus versɔs predilétɔs
Feitɔ á *campa* e ás *flôres*.

Ou então, á prostitúta,
A' companheira ɖ'orgia,
Que se vendɛ — ɖesgraçadɑ —
Nos beccos ɖa Mouraria.

Tomem nota oh meus senhores
Que eu não canto por vaiɖade,
Eu canto para *intreter*
Cá a *béla sociedade!*

1 — *Quadras*, 1914.

ANTONIO FERREIRA

(*De Horacio*)

A ALBIO TIBÚLO [1]

Não te doas, ó Albio, em demasia
Pela cruel Glicéra
Nem chores as plangências da elegia
Que assim te dilacera.

Sofre no ingénuo coração amante
A falsa que o traira
P'ra que um jovem de brilho mais radiante
Ao teu amor prefira.

Licórida, de fronte pequenina,
Por Ciro se derrete,
E contudo é Felôa que o domina
E indómita o submete;

Pois antes que ella ao torpe vá render-se,
Ouvindo-lhe as palavras,
Pela Apúlia os lobos hão de ver-se
Jungidos com as cabras.

Agrada a Venus torturar demais
No jugo impenitente
Pessoas de feitios desiguaes
E de ânimo dif'rente.

Eu mesmo quando tinha uma donzela
A abrir-me os róseos braços,
Preferia Mirtal, bem preso a ela
Por agradaveis laços;

---

1 — *Horacianas*. Ponte do Lima, 1916.

E Mirtal era a pública-elegante
De genio ruðe e enfático
Que semelhava a furia esbravejante
Das aguas ðo Aðriático.

Quanðo ele, erguenðo as rumorosas vagas
Nos furacões inglórios,
Cava nos golfos ða Calábria as fragas
Dos altos promontórios.

•

A BARINA [1]

Se algum castigo pelo teu prejúrio
Numa sórðiða unha ou negro ðente
Chamasse o ðono a si,
Se a caða crime se cumprisse o angúrio
Defeito ðe tornar's a toða a gente,
Então creria em ti.

Porem por caða falso juramento
Com que obrigas a pérfiða cabeça
Que toðo o munðo iluðe,
Tu és mais bela, tens mais luzimento
E fazes com que em ti mais recruðesça
O âmor ða juventuðe.

E' cómoðo que em viða alguem se afoite
A revolver no amor cinzas maternas
Ao venerá-las finge;
Ou jurar pelos signaes ða noite
Ou pelos ðeuses ðas mansões eternas
Que a morte não atinge!

1 — *Horacianas*. Ponte do Lima, 1916.

De tais promessas Venus se rirá,
De tais promessas se rirão tambem
As ninfas inocentes :
E o deus Cupido sempre aguçará
Na crua pedra que a seu lado tem
As setas igniscentes.

Acrescenta que agora dia a dia
Toda uma nova legião de escravos
P'ra ti caminha em brasa ;
E os antigos não deixam todavia.
Embora te pareçam touros bravos,
A tua impia casa.

Teme-te cada mãe pelo seu filho.
Teme-te o velho que a luxuria evita
E em seu peito ansioso,
Ao divisar-te a côr de róseo brilho,
Cada recem-casada teme aflita
Lhe vão roubar o esposo .

*

A PIRRA [1]

Qual será o formoso adolescente
De corpo inebriante de perfumes
E de ânimo sereno
Que ás horas fugitivas do presente
Te goza, ó Pirra, longe dos ciumes.
Num cantozinho ameno ?

Para quem, numa grata singeleza,
Tu enfeitas de novo a flava trança
da tua cabeleira ?

1 — *Horacianas*, 1916.

Ah! quantas vezes êle, com tristeza,
Ha de chorar a efémera aliança
Dessa afeição ligeira!

Elle que agora, não acostumado
A's tremendas borrascas do mar alto,
Apenas anda afeito
Aos atractivos dum amor dourado
E goza emfim, sem grande sobressalto,
O aprisco do teu leito.

Elle que julga — incauto praticante —
Que sempre para si terá fagueiro
O vento enganador!
Ah, falsa Pirra! desgraçado o amante
A quem seduza o brilho feiticeiro
Do teu nefasto amor!...

Que o diga nas paredes consagradas
Ao deus, senhor do mar, que me salvara
Do teu fatal contágio,
O quadro que figura penduradas
As infelizes vestes que eu molhara
No subito naufrágio...

ANDRÉ BRUN

MULHER PERDIDA [1]

Eu sou aquella triste comediante
Da farça do desejo,
Que traz pregada ao lábio provocante
A mentira do beijo...

1 — *Almas d'um outro mundo*, 1917.

Eu sou a carne que em leilão se vende,
O torpe fingimento...
Sou esse amor que chama e que não prende
Nunca mais que um momento...

Em sou aquella em cujo coração
Ninguem procura entrar
E que se esconde e busca a solidão
Para poder chorar...

Sou essa triste misera e mesquinha
Que apenas mágoas tem,
De quem todo o homem diz: — «Tu foste minha!»
E não é de ninguem.

*

PINTOR DE SANTAS [1]

Cheia de ingenuidade era a pintura
Daquele velho triste. Parecia
Que punha em cada téla que esbatia
Uma longinqua e mistica ternura.

Sempre, porém, quer fosse a Virgem Pura
A imagem que dos dedos lhe saia,
Ou Madalena, que o prazer vendia
E santa foi depois pela amargura.

Sempre um perfil egual se desenhava,
Da sua mão nascia e se fixava...
Uma saudade oculta o perseguia.

1 — *Almas d'um outro mundo*, 1917.

Não se esquecia o pobre ðo pintor
Dessa virgem que fôra o seu amor
E Maðalena se tornára um ðia.

*

FLOR DO ASFALTO [1]

Aquela estatua fria e regelaða
Era um mistério triste, aterraðor.
No leito impuro álgiða, aconchegaða,
A um qualquer venðia o seu amor.

Falei-lhe um ðia. — A mísera manchaða
Tinha ðum lirio o mórbiðo palôr —
Para animar essa alma atormentaða
Fallei-lhe em Viða. Ela falou-me em Dôr.

Falou-me em Dôr e ðe amargura tanta
Dessa tristesa, ðessa crença vã
Não quiz manchar a alvura sacrosanta.

Beijei as mãos ðaquela cortesã
Como o faria ás vestes ðuma santa,
Ao lábio casto e puro ðuma irmã.

---

1 — *Almas d'um outro mundo*, 1917.

MATHIAS LIMA

A SEVERA [1]

(A Julio Dantas)

Adorava o prazer e a valentia
e cantava ao luar .. Linda voz, essa!
Criou fama romantica e travêssa
em redor dos cafés da Mouraria.

A sua história teve poesia...
Doirou de sonhos a gentil cabeça
e viveu doidamente, a toda á pressa
bem certa de que a vida lhe fugia...

Morreu . Cerrou-lhe os olhos, a chorar,
um picador de toiros afamado,
um mestre de gineta singular.

Morreu, mas o seu nome é recordado;
ainda as guitarras choram ao pensar
naquela que melhor cantou o fado...

AVELINO DE SOUZA

PERDIDA... [2]

(Ao meu amigo Netto do Casal)

Maldita seja a vida
Da mulher do lupanar,
Tem de ser comediante.
Sómente para agradar!

(HARRINGTON).

---

1 — *Vergel florido*. P rto, 1917.
2 — *Canções ao fado*.

I

Quanto não sóffre uma mãe
Que a sua filha gerou,
Ao seu seio a amamentou.
P'ra ser votada ao desdem!
Quanto não sóffre, porém,
Ao vel-a, assim escarnecida,
Torpemente corrompida,
Ao mundo, o corpo vendendo,
Ouvindo-a chorar, dizendo:
«Maldita seja a vida.»

II

Qual outra mercadoria,
Ali os beijos se vendem,
Ali desejos se attendem,
A toda a hora, noite e dia!
Fingindo ter alegria,
Mas com vontade de chorar,
Sabendo que lhe hão-de pagar.
Aquelle vergonhoso prazer!
Eis aqui o torpe viver,
«Da mulher do lupanar.»

III

Vem o *ébrio* repellente.
Que por força a quer beijar,
Fórça a porta e ha-de entrar,
Que a pobre tudo consente!
Saciado finalmente,
Sae então, cambaleante,
E a forçada inconstante...
Esquecendo o nome dos paes,
Perante desejos brutaes
«Tem de ser comediante.»

IV

Por tremenda crueldade,
Aquelle corpo ha-de servir.
Os que quizerem expandir,
Viciosa sensualidade!
A pobre desgraçada ha de,
Entregar-se a quem passar!
Vae o pallido rosto pintar,
Julgando tornar-se grácil:
Assim vive a mulher facil,
«Sómente para agradar.»

*

PROSTIBULO [1]

(*Ao meu amigo o Ex.mo Sr. Eduardo Valentim Claudio*)

O' impudica rameira
Forçada a ser inconstante
No prostibulo devassado
Succumbirás, oh! bacchante.

I

Foi talvez a ambição
Que a tal extremo te levou;
Ou o mundo que te manchou
E arrastou á corrupção!
Na *valla* da perdição
Escorregaste, hervoeira!
Asquerosa, mas fagueira
Tu és um ser venonoso
Serves ao mundo de goso
«O' impudica rameira.»

1 — *Canções ao fado.*

Cabeça de meretriz

(Desenho de Saavedra Machado)

II

A mais sarcástica gargalhada
Soltas á turba que passa!
Pelo ferrête da desgraça
Estás para sempre marcada.
Tua bôcca descórada
Pintas a cada instante!
Tornando-te horripilante
Esse teu viver impuro,
No mais nojento monturo
«Forçada a ser inconstante!»

III

No pestilento lodaçal
Tu ris, cantas e desdenhas.
Occultas maguas tamanhas
No sorrir artificial!
Albergas-te no hospital
Quando em putrefacto estado;
Nas saturnaes leis do fado
Te molestam e te prendem,
Porque teus beijos se vendem,
«No prostibulo devassado.»

IV

Tu és o symbolo do Vicio;
Veneno da sociedade
Faz de ti a falsidade
Monumento de artificio.
Depois no triste hospicio
Cahes alfim agonisante...
Após sofrimento bastante,
Então, és autopsiada
Pela *sciencia* esquartejada,
«Succumbirás, oh! Bacchante.»

•

FIM TRISTE [1]

(A João Patusquinho)

(Veneravel ancião e decano dos cantadores de fado)

Foi-se a graça e formosura
Nos festins do lupanar
Continua a porta aberta.
Mas ninguem lá quer entrar!
(?)

I

Zombaste da honestidade
Calcáste aos pés o criterio;
E's filhà do adultério.
O veneno da sociedade.
Hoje recordas com saudade
O tempo em que fôste pura!
Brio, pudor, pejo e candura,
Perdeste e o porte singello!
E do teu rosto outr'ora bello,
«Foi-se a graça e formosura.»

II

Perdeste o porte altaneiro;
Perdeste o alegre bulicio,
Eis-te na *estrada* do *vicio*
Com sorriso zombeteiro
Como *amante* do *dinheiro*.
Por *elle*, te deixas *comprar*.
As rugas te vão sulcar,
A fronte onde ha o desgosto!
Porque maceráste o rosto
«Nos festins do lupanar.»

1 — *Canções ao fado.*

III

A má «sociedade» corrupta,
Com altivez illegitima
Não te chama sua victima...
Mas sim torpe prostituta!
Trava-se em teu peito a lucta;
Lucta fallaz, lucta incerta
E tu, de opprobio coberta,
Chorando teu soffrer profundo!...
P'rás lubricidades do mundo
«Continua a porta aberta.»

IV

E' assim, pobre bacchante
Que a miseria te invade!
Imploras a caridade
Tu, que outr'ora eras brilhante!
Porem o teu ultimo amante
Irá outras explorar...
E tu num catre a expirar
Abandonada cruelmente!
Sabem que morres indigente,
«Mas ninguem lá quer entrar!»

•

LIÇÃO [1]

(*Ao meu presado amigo José Moreira*)

N'aquella cova tão escura...
Sob uma pedra musgosa,
Repousa a branca ossada
Da mulher que foi formosa!

1 — *Canções ao fado.*

I

Oh! Destino mysterioso,
Oh! Imperio celestial,
Que occultas ao mortal,
Teu designio rancoroso;
Transforma o vicio em gôso,
Tornas vil a creatura,
E abres-lhe a sepultura
P'ra termo do seu tormento
Põem-lhes fim ao soffrimento
«N'aquella cova tão escura.»

II

Mulher linda e fascinante,
Oh! Deus, para que creáste?
Se depois a abandonaste,
Ao vicio mais repugnante!
Tornaste o anjo em bacchante,
A ingénua em ardilosa,
Até que murcha como a rosa,
Cuja haste se quebrou,
Já cadavérica tombou
«Sob uma pedra musgosa.»

III

Negociando a belleza
Qual outra mercadoria,
A todo instante recebia
Do mundo a vil aspereza.
Occultando negra tristeza,
Quantas vezes, desgraçada!
'Té que pela doença minada,
Vem a parca arrebatal-a.
E hoje na húmida na valla,
«Repousa a branca ossada.»

IV

Mulheres que adoraes o *Vicio*,
O *Luxo*, o *Goso*, a *Vaidade*,
Vêde como a Sociedade,
De si dá tão mau indicio!
Foi o *Luxo*, o precipicio,
Mulher que eras tão vaidosa,
Succumbiste desditosa,
Na negra valla insondavel!
Eis o destino implacavel.
«Da mulher que foi formosa.»

*

CONSELHO

Não zombes da prostituta,
oh meiga e feliz donzella,
que ella já foi como tu ..
E tu póde ser como ella!

(?)

I

Oh! Joven que és virtuosa
e scrris com ironia
da mulher que, todavia,
como tu já foi ditosa:
Tambem ella foi formosa
antes de ser dissoluta!
Não desdenhes a corrupta,
escuta, pois, meu aviso:
Modéra esse teu sorriso
«não zombes da prostituta.»

II

Se hoje não tem mer'cimento,
já o teve, no passado;
hoje no rosto pintado
só traduz o soffrimento!
E' um constante tormento
o lembrar-se que foi bella,
virgem, casta e tão singela
como tu, exactamente!
Portanto, sê indulgente
«oh meiga e feliz donzella.»

III

Como tu, teve uma mãe
que muito a amava e lhe qu'ria!
Como tu, ella sorria
com altivez e desdem!...
Tôrvo Destino, porêm,
do modo mais féro e crú,
transformou esse *bijou*
na mais baixa creatura!
Repara, pois, se inda és pura,
«que ella já foi como tu.»

IV

Foi formosa e idolatrada
qual outro anjo divino...
E as prescripções do Destino
fizeram-n'a desgraçada!
Soffre triste e angustiada,
e a morte, sómente, anhela...
— Eis o reverso da têla
a que a sorte nos arrasta...
Como tu, ella foi casta
«e tu podes ser como ella!»

XAVIER DE MAGALHÃES

A CANÇÃO DAS VIELLAS

.....

Se na desgraça me visse
Minha santa e pobre mãe,
Talvez de odio me cobrisse...
Talvez chorasse tambem!

A' mulher enamorada
Sirva-lhe isto de lição...
Eu tambem já fui honrada
E hoje estou na perdição.

.....

Os cantos d'uma perdida
São replectos de amarguras.
Quem resvalou n'esta vida
Cantando esquece as agruras!

Entreguei-me, sou devassa,
E' de crime o meu viver,
Fui gerada na desgraça
Nada tenho que perder.

P'ra que pensar em ser séria
Se a doença me consome?...
Vender o corpo é miseria,
Quem paga mata-me a fome!

....

Vendo os meus beijos de dia
Na mais infame abjecção,
P'ra sustentar um rufia
A quem dei o coração.

. . . . . .

P'lo meu amante perdi-me,
Fiz-me gatuna e devassa;
Somos amantes no crime,
Somos irmãos na desgraça.

. . . . . .

Quando á valla fôr lançada,
Corrompida, feita em lama,
Ninguem chore a desgraçada
Que ali termina o seu drama.

. . . . . .

Fui deshonrada e desdenho
D'esse canalha, um ladrão...
Mas o seu nome inda o tenho
Gravado no coração.

. . . . . .

Oh minha mãe, mais valia
Que me matasse ao nascer,
Decerto que não teria
A paixão de assim me vêr.

Canção das ruas. Lisboa, 1917.

ALVARO MENDES

(1880)

CANÇÃO DA PERDIDA

Eu já fui mulher honrada,
E como as outras nasci...
Hoje sou a desgraçada
De quem toda a gente ri!

Tive amor, tive carinho,
Tive páis e tive um lar,
Mas os páis, amor e ninho,
Não são bens de se guardar...

Duas estrelas no céo
Nos orientam na vida,
A do mal segui-a eu
Que a outra estava escondida!

Se não lhe pude fugir,
Que vale agora chorar?!
O' gente, quem quer subir,
Meu corpo é para alugar...

Meus beijos, quem os procura,
Vae logo sifilisado...
Já não sou a mulher pura...
Subi, subi, mas cuidado.

Meu olhar já vos não tenta.
Nem o meu rogo humilhante?
Sabei, se a carne é chaguenta,
Deixou-m'a assim um amante!

1 — *Atravez da vida*, 1911.

Só tive esse e, por meu mal,
Poz-me logo este ferrete:
— Vida eterna d'hospital,
Uma alcunha e um livrete!

Não riam da desgraçada
Vós todas, as que passaes,
Eu já fui mulher honrada
Tive um lar e tive páis.

Fui em tudo egual a vós!
Em tudo, menos na sorte!
Mas córre a vida veloz,
E tudo pára na morte!

Então, de camaradagem,
Vamos quaes da mesma eguálha,
Que tudo eguala a linhagem,
Ou o linho de mortalha.

JULIO TRINDADE

(1898)

. . . . . .
Oh gastas Messalinas, palidas Phrinés
que ridES no fulgôr das loucas bachanaes!
Porque será que vós, córando, emfim choraes
quando alguma creança pára aos vossos pés?
— Choramos porque nós, na nossa embriaguez,
lembramos que já fomos puras, virginaes,
e as lagrimas que tu nos nossos olhos vês
são a recordação de nossos pobres paes...
. . . . . .

JOSÉ DE EZAGUY

(1899 —)

O CORAÇÃO DUMA BACHANTE [1]

Amava-o nesse amor, amargamente puro,
(Que pode mais florir num peito de mulher).
Sofria resignada, apezar dela ser
Bachante — Uma mulher dum fado o mais escuro.

Esse homem nunca a vira e, contudo o adorava.
(Que triste deve ser amar, sendo bachante!...)
Seu peito vil... mas terno e dôce e palpitante,
Deveria ter perdão. — Perdão de quem amava!...

Pobre bachante!... Triste e só!... mulher da vida...
Eu sei que tu sofreste uma ilusão perdida...
Sem ter lar!... sem ter paes e sem alento á dôr...

Teu peito é devastado e a tua vida errante.
Mas ficará eterno o peito da bachante
Que teve um coração e que morreu d'amôr!

BEATRIZ DELGADO

(1900)

CORTEZÃ

O' pobre cortezã, fanada flor,
que triste vida a tua de bacante!
Vives buscando o transitório amante
que mais dinheiro dê p'lo teu amor.

---

1 — *Adeus.*

Andas de rua em rua mendigante
á busca da fortuna sem valor;
o ouro nada vale sem o amor
fica-o sabendo, ó pobre corpo errante.

Para que queres joias e veludo
se nesta vida a honradez é tudo
ó minha ardente e louca pecadora?

Vendo-te assim perdida, assim obscena,
queria ter a paz consoladora
de te arrancar ao vicio... e tenho pena!

HENRIQUE ROLDÃO

Dos amantes que tiveste
A lembrança te esqueceu!
(Só ainda não esqueceste
Aquelle que te bateu! ..)

Ha quem se canse a jogar
E a sorte nunca se espande!
— Tu jogaste um só olhar
E apanhaste a sorte grande!

Se a tua carne não chama
Como outr'hora, um bom provento,
Vae pôr escriptos na cama!
Trespassa o estabelecimento!

ANONYMOS

FADO DA SEVERA [1]

Chorae, fadistas, chorae,
Que uma fadista morreu:
Hoje mesmo faz um anno
Que a Severa faleceu.

O conde de Vimioso
Um duro golpe soffreu,
Quando lhe foram dizer:
Tua Severa morreu!

Corre á sua sepultura,
O seu corpo ainda vê:
Adeus óh minha Severa,
Bôa sorte Deus te dê.

Lá n'esse reino celeste,
Com tua banza na mão,
Farás dos anjos Fadistas,
Porás tudo em confusão!

Até o proprio S. Pedro
Á porta do céo sentado,
Ao ver entrar a Severa
Bateu e cantou o Fado.

Ponde no branço da banza
Um signal de negro fumo
Que diga por toda a parte:
O Fado perdeu seu rumo.

---

1 — In. *Cancioneiro popular portuguez*, por Theophilo Braga.

Morreu, já faz hoje um anno,
Das fadistas a Rainha;
Com ella o Fado perdeu
O gosto que o Fado tinha.

Chorae, fadistas, chorae
Que a Severa se finou;
O gosto que tinha o Fado
Tudo com ella acabou.

•

VARIANTES (*de Lisboa*)

O conde de Vimioso,
Ai, quasi que enlouqueceu,
Quando lhe foram dizer:
A Severa já morreu!

No braço da sua banza
Um laço de fumo armou,
Quando lhe vieram dizer:
A Severa já expirou.

Assim como as flores vivem,
Minha Severa viveu;
Assim como as flores morrem,
Minha Severa morreu.

Levantou-lhe um monumento
Com dois cyprestes ao lado,
E um letreiro: — Aqui jaz
Quem foi rainha do Fado.

Severa, linda Severa
Foste a princeza do Fado;
A rainha das fadistas
O sol do teu bem amado.

Chorae, fadistas, chorae
Que a Severa já morreu;
Uma fadista como ella
Nunca o Fado conheceu.

•

OUTRA

Eu vou cantar a Severa
N'esta bella occasião;
O seu Fado é de encantar
Vae direito ao coração.

A Severa morreu jovem,
Triste foi o seu condão;
Morreu a Severa, a flor
Da rua do Capelão.

A Severa sepultou-se
Em um mausoleu doirado,
Com o distico: — Aqui jaz
A mais bella flor do Fado.

Chorae, fadistas, chorae,
Que a Severa já morreu!
Foi o que o Vimioso ouviu
Uma manhã, quando se ergueu.

Chorae, fadistas, chorae
Ai chorae a mais não ser,
Que de outro tão fino amante
Não torna o Fado a dizer.

Para mais variantes pode o leitor ver a *Historia do Fado* onde ainda se leem interessantes quadras.

Quando a Severa falleceu,
O Vimioso adorado
Disse, vertendo lagrimas:
Morreu o mimo do *fado!*

O fadinho da Severa
Vae direito ao coração;
Cantae o *fado* da musa
Da rua do Capellão.

A Severa morreu jovem
Triste foi o seu condão;
Chorae, fadistas, a deusa
Da rua do Capellão!

Chorem, chorem os fadistas
E chore toda a nação!
Morreu a Severa, a flor
Da rua do Capellão!

Quando a Severa falleceu,
As guitarras soluçaram,
Toda a Mouraria gemeu,
E os fadistas choraram.

FADO DO DESANIMO [1]

Nasci d'um beijo maldito
D'um beijo que foi peccado.

D'um beijo que deixou escripto
O meu viver desgraçado.

Em mil beijos me illudi
Sem ter de um beijo o calor

E a mim propria me perdi
N'um longo beijo de amor.

E perdida vou andando
Se encontro beijos a dar.

Os labios a rir, cantando
E o coração a chorar.

O' cipreste verde e triste
Copia da minha figura!

Verde qual a minha esp'rança
Triste qual minha ventura!

*

A SEVERA [2]

Chorae, fadistas, chorae
Que a Severa já morreu;
E fadista como ella
No mundo nunca appar'ceu.

(TROVA POPULAR).

1 — *Fados e canções.*
2 — *A Guitarra d'Ouro.*

A guitarra emmudeceu
Não desfere os ternos sons;
Choram os maus e os bons
Porque ella á campa desceu.
Se direita para o ceu
A sua alma alegre vae.
Sobre um rosto o pranto cae
Um fidalgo, e dos primeiros.
Que diz aos seus companheiros:
«Chorae, fadistas, chorae».

Quando a Severa cantava
N'essa constante alegria,
Em que, ditosa vivia
Como quem se abandonava.
Doce a guitarra trinava
P'ra seguir o canto seu.
Hoje tudo entristeceu
O fado não tem conquistas
Já não existem fadistas
«Que a Severa já morreu».

O seu nome de Severa
Foi bem rigorosa norma;
De ser severa na fórma
De fadistas como era.
Jámais na vida quizera
Presumir de ser mui bella,
Por que ninguem mais singella,
Mais alegre descuidada,
Mais viva, desint'ressada
«E fadista como ella».

O fidalgo que a adorava
Achava-lhe uma virtude,
Os cantos que ao alaúde
Por alta noite escutava.

Severa sempre cantava
Té que a morte a envolveu ;
Quem Severa conheceu
Diz que era moça e bem feita.
Que faòista tão perfeita
«No mundo nunca appar'ceu».

*

A ROSA ENGEITADA [1]

Engeitaòa pela sorte,
Engeitaòa pela mãe ;
De mim nem sequer a morte,
Ai òe mim não quer ninuem !

(D. JOÃO DA CAMARA).

De que me serve lembrar
Que *alguem* me òeitou ao mundo,
Se o meu òesgosto profundo
O não consegue encontrar ?
Continua a caminhar
Sem perceber qual o Norte
P'ra onòe òirija o porte
Que um mau passo em mim lançou,
Naòa consigo pois sou
«Engeitaòa pela sorte.»

Como a gazella peròiòa
Que caminha sem cessar,
Assim anòo a òivagar
Arrastanòo a triste viòa.
No mundo já estou peròiòa,
Longe òo trilho òo Bem,

1 — *A Guitarra d'Ouro.*

Até que appareça alguem
De bom genio e d'alma nobre,
Que me diga: «E's uma pobre
«Engeitada pela mãe.»

Tudo me chama engeitada
Como se isso fôra um insulto,
E o crime não tem indulto
Porque sou abandonada.
Para viver resignada
E' preciso ser bem forte.
Pois ninguem ousa dar córte
A este medonho viver,
De mim ninguem quer saber.
«De mim nem sequer a morte.»

Se não conheço o amor
E' que ninguem m'o ensinou,
O que, decerto, escutou
Entre o riso ou entre a dôr.
Já da vida tenho horror
Pois dó de mim ninguem tem.
Nem a negra morte vem
Dar fim a tanto soffrer;
Pois nem a morte me quer...
«Ai, de mim não quer ninguem!»

*

AO LUPANAR [1]

A' meia porta encostada
Do mundo vês o desdem,
Não lembras o teu passado,
Nem os beijos de tua mãe.

1 — *O fado livre.*

Perdida p'la sociedade,
Eis como ganhas teu pão,
No meio da devassidão,
Tratada com crueldade!
Amavas a ociosidade,
E não foste bem guiada,
Sem um carinho, sem nada.
Tu és a flor do vicio,
No seio d'esse precipicio
«A' meia porta encostada».

A sorte deu-te um amante,
Que tal mizeria explora,
Por isso mulher agora,
Não gosarás um instante.
Perfeita comediante,
Foges da estrada do bem,
E d'essa forma tambem,
O teu fim será fatal,
E mesmo no hospital,
«Do mundo vês o desdem».

Ainda te podes salvar,
Ainda um meio te resta.
Sê mulher boa e honesta,
Abandona o lupanar,
Vê alem a trabalhar,
Junto do marido amado,
Aquelle ser respeitado,
Cuja vida é tão bemdita.
Emquanto tu coitadita,
«Não lembras o teu passado».

Ainda um dia tu serias,
Como ella bem amada,
De filhinhos rodeada,
Tendo as santas alegrias.

Porém, nas enfermarias
Que o horrido hospicio tem
Dizer-te, pobre, convém,
Que indif'rente a tudo estás
Nem uma flor terás
«Nem os beijos de tua mãe».

*

A DESGRAÇADA [1]

Na cama do hospital
Na sinistra enfermaria
Verás o erro fatal,
Terás o premio da orgia.

Pobre mulher coitadita,
Para que serve luctares,
Se só nos tristes altares,
Teu funesto idolo habita.
Tua sentença está escripta,
E' a sentença do mal,
Terás a hora fatal,
Sem teres um rosto amigo
O desprezo está comtigo
«Na cama do hospital.»

No tempo em que cantavas,
A' porta do lupanar,
Não ousarias pensar,
Na estrada que então trilhavas.
Sei que de tudo mangavas,
Só folgavas noite e dia,

1 — *O fado livre*.

E d'essa vida sombria,
Que tu julgavas ditosa,
Terás o fim. desditosa,
«Na sinistra enfermaria.»

O rir já te é prohibido,
O gosar egualmente,
D'esta forma pobre ente,
Não soltas nem um gemido.
Vil amante d'um bandido,
Mettida no lodaçal,
No horrido tremedal,
Que deverias deixar,
Quando esse dia chegar,
«Verás o erro fatal.»

Até mesmo a ingratidão,
Em redor de ti volteia,
Não és bella sereia,
Dos tempos que já lá vão.
Maldição, só maldição,
Pobre mulher quem diria,
E com enorme tyrannia,
O' pobre filha do vicio.
No catre do triste hospicio,
«Terás o premio da orgia.»

*

PERDIDA [1]

Tu ris? eu não acredito
Nessa tua gargalhada;
Tens o rir d'inconsciente
Proprio d'uma desgraçada.

1 — *Nova collecção de cantigas.*

Que importam sedas brilhantes
que tu rojas presumida ?
que importa vêr-te embebida
na embriaguez das bacantes,
os teus passos delirantes
hão de ter um fim maldito
e quando o teu rosto fito
esvasiando a impura taça
meu olhar te diz : devassa !
«tu ris ? eu não acredito.»

Foge leviana creança
desse marnel de miseria
segue a vida pura e seria
aonde o socego se alcança
o mundo sobre ti lança
o nome de desgraçada
e tu, falena dourada,
ris entre falso prazer
e eu ouço e não posso crer
«nessa tua gargalhada »

Quantas vezes na canção
que garganteias na orgia
descubro a nuvem sombria
que te tolda o coração
calcas sem hesitação
a tua estrada imprudente
olhando o mundo indiferente
sem atenção distraida
se te ris, olhando a vida
«tens o rir d'inconsciente.»

Nem mesmo uma afeição cara
te lembra os dias d'infancia
filha da charra ignorancia
olhando o futuro, pára !

deixas o vicio e desmascara
a sociedade grangrenada
aponta-lhe resignada
as chagas do teu tormento
demonstrando-lhe o sofrimento
«proprio d'uma desgraçada.»

*

A INFELIZ [1]

Acabou teu soffrimento
Findou tua negra sorte
Vaes emfim descer á vala,
O charco imundo da morte.

O' triste morena linda
Rameira vil e devassa,
Foste irmã da desgraça
A má sorte foi-te infinda,
Quasi ao morreres ainda
Foi enorme o teu tormento,
Já no ultimo momento
D'uma vida de bordel
De forma muito cruel
«Acabou teu soffrimento.»

Nos escuros lupanares
Onde julgastes viver,
Foste rindo a sofrer
Da vida os negros pesares,
Sem nunca avaliares
Esse teu infame porte,
Encaravas triste e forte
Essa vida depravada
E n'uma queixa amargurada
«Findou tua negra sorte.»

1 — *Almanach do bom fadista*, 1914.

Para completar teu soffrer
A traiçoeira navalha,
Nas mãos d'um vil canalha
Acabou teu padecer,
Foste infeliz ao morrer
Infeliz em toda a escala
Nada mais triste se eguala
A' tua vida de horrores
E depois de prantos e dôres
«Vaes emfim descer á vala.»

Todo o cortejo funereo
Que te vae acompanhar
Segue triste e a chorar
Com sentimento e mysterio,
Chegada ao cemiterio
Essa viciosa cohorte
Toda filha da má sorte
Chora em louco desatino,
Pois espera-lhe igual destino.
«O charco imundo da morte.»

INDICE

	Pag.
Prefacio. ...	5
Rui Moniz — Cantigua a hũa molher q̃ elle já conheceo, & mandoulhe hũa muyto maa rreposta	51
Diogo Foguaça — «Ay molher, eu v'ey medo»	52
Joam Foguaça — «Dou fraldilhas, dou camisas» ...	53
Vasco Mousinho de Quevedo — Meretricia procracitas	54
«A Corintho levai o pensamento»	54
Fr. Agostinho da Cruz — A' Magdalena	55
A' mesma	55
A' mesma indo ao sepulchro	56
D Thomaz de Noronha — A uma dama prodiga de favores.	57
Filinto Elysio — Epigrammas.....	57, 58
Consolação	58
Antonio Joaquim de Carvalho — «Deixallos aprender do Mestre Tempo».....	59
Antonio Feliciano de Castilho — Canção 10.ª	59
Casimiro d'Abreu — Dores	62
Arnaldo Gama — A abandonada.	63
Bulhão Pato — Anjo caído	63
Guilherme de Azevedo — «Archanjos maus passae, todos cobertos».....	64
Antigo thema	67
As victimas.....	68

Guilherme Braga — Dolores 69
Em Dezembro 70
Raio de sol, raio d'amor 71
Anthero de Quental — Metempsychose 72
Une femme qui tombe 73
Guerra Junqueiro — Morte de D. João 75
Sousa Viterbo — Hetairas 86
João de Deus — Maternidade 87
Mercenaria 88
Lydia 88
Adelino Veiga — O ultimo degrau 89
O Calvario da mulher 89
Magdalena arrependida 91
No fundo do abysmo 92
As desgraçadas 94
Christovão Ayres — O Poema das viellas 96
Contraste 100
Lésbia 100
Henrique Lopes de Mendonça — A Rosa engeitada .. 101
Luiz de Magalhães — A Astarteia 102
Marcelino Mesquita — Etaïre 108
Angustia 108
Nas trevas 109
Visconde de Sanches de Frias — Anjo caído 111
Eduardo Coimbra — Peccadora 113
Antonio Feijó — Flores de carne — Laïs 113
Lesbia 114
Rigolboche 115
Noctambula 115
Cleopatra 116
Guilherme Santa Rita — Laura 117
Abel Botelho — Torpezas 120
Antonio de Azevedo Castello Branco — A flor do abysmo 123
Coelho de Carvalho — «Uma meretriz deixa apoz de si o rasto» 124

José Newton — Perdida 124
Antonio Fogaça — A's portas de Corintho 125
Donnas Boto — «Dos dois eu não sei qual é mais culpavel» 126
Queiroz Ribeiro — Ella era uma «grisette» 126
Delfim Guimarães — Lisboa Negra 127
Sed non satiata 130
Genio do Mal 131
Alfredo Pereira Pinto — Amor impuro 131
Gonçalves Crespo — Dulce 132
Julio Dantas — Os desconhecidos 133
Demósthenes 134
J. Simões Dias - Feira franca 135
Anninhas 136
Gomes Leal — «*Vampiro*, filha do asphalto» 137
O Lyrio do lupanar 138
A Camelia negra 143
O lupanar floresce 143
A uma horisontal 144
Cocottes e *maqueraus* 145
Epitaphio de uma *cocotte* 145
» de uma mundana 145
» da Rigolboche 145
A guitarra da Mouraria 146
José Duro — Bacchantes 146
Margarida Gautier 149
Hamilton de Araujo — Lola 150
Magdalena 150
Olavo Bilac — Messalina 151
Mario de Artagão — Dorme 152
«Alli tens, Dom Antão, as meretrizes» 152
Magalhães de Azeredo — «E as mulheres fataes, que, pallidas de insomnia» 154
Antonio Correia d'Oliveira — Tentação da Morte 154
Eugenio de Castro — A camisa de Alcippe 155
Manuel da Silva Gaio — Demosthenes e Laïs 156

Affonso Gayo — «E pensar que a mulher que vende o corpo ao mundo» 157
João de Barros — Canção das mulheres perdidas .. 158
I. Xavier de Carvalho — A um devasso..... 160
Vasconcellos e Sá — «Eu já não creio em vós, bellezas triumphantes»..... 162
Francisco da Silva Passos — No reino das sombras — A Viélla..... 162
No abysmo..... 165
Alfredo Pimenta — Falla das prostitutas..... 169
Ladislau Patricio — «O coração d'uma mulher perdida»..... 172
A canção d'uma tricana..... 172
Fontoura Xavier — Estudo anatomico 174
João Penha — Entre mundanas 175
Henrique Trindade Coelho — «Ella andou a rondar, erótica e franzina» 175
«Meia noite.Uma velha espreita por um rálo» 176
Mercedes Blasco — Bohemia..... 177
Santos Luz — Margarida Gautier 177
Angelo Jorge — Invocativos..... 178
Augusto Gil — A canção das perdidas 179
Quadras..... 181
J. Eustachio d'Azevedo — Manon Lescault 181
A uma cortezã 182
Cortezã 183
Manuel Alves — A' mulher infeliz 184
Manuel Ribeiro — A prostituta 186
Rodrigo Beça — A cortezã 186
José Coelho da Cunha — O Fado 187
José Cordovil — A uma Messalina..... 187
Santos Galvão — Maria da Graça 189
Alberto d'Oliveira — Magdala 190
Conde d'Azevedo — Depois do terremoto..... 191
Fernandes Costa — Agrippina 192
Guadalupe..... 192

Laïs 194
Magdalena 194
Manon..... 195
Messalina 196
Mundana 196
Ninon. 197
João de Sousa — «Passam dias á janella» 197
«O coração já não manda» 198
Americo Durão — Leilão..... 198
Maria Carolina Ramos — A Chloris... 199
Martinho Nobre de Mello — A Pecadora..... 200
Luiz Coelho — Má Siua.. 201
Bernardo de Passos — Cantigas para as mulheres perdidas 202
M. Cardoso Martha — Impuras? 204
J. M. Santiago Presado — Afrodite.. 205
Xavier da Silva — «Meretriz, mulher refece» 205
Maria O'Neill — Uma infeliz..... 206
Luiz Cebola — A viella 207
Roberto Macedo — Magdalena..... 208
Vicente Arnoso — «Perdeu-te um beijo, e ficaste»... 208
Rámada Curto — A uma que só gostava de marujos 210
Illydio Perfeito — Flor d'oiro e de lama 210
Dario Galvão — Injusto mundo. 211
Mario de Santa Ritta — «Vae perguntar quem sou aquella creancinha» 211
Motta Cabral — Chrysis..... . 212
Hospital do Desterro..... 214
Antonio Maria d'Oliveira — Fadistas 215
Antonio Ferreira — A Albio Tibúlo..... 216
A Barina..... 217
A Pirra 218
André Brun — Mulher perdida..... 219
Pintor de Santas ...: 220
Flor do asfalto. 221
Mathias Lima — A Severa 222

Avelino de Souza — Perdida 222
Prostibulo 224
Fim triste 227
Lição 228
Conselho 230
Xavier de Magalhães — A Canção das viellas 232
Alvaro Mendes — Canção da perdida 234
Julio Trindade — «Oh gastas Messalinas, pallidas Phrinés» 235
José de Eyaguy — O coração duma bacante 236
Beatriz Delgado — Cortezã 236
Henrique Roldão — «Dos amantes que tiveste» 237
Anonymos — Fado da Severa 237
Fado do desanimo 242
A Severa 242
A Rosa engeitada 244
O Lupanar 245
A Desgraçada 247
Perdida 248
A infeliz 250

ILUSTRAÇÕES

	Pag.
Alberto de Sousa	49
«Se aquillo que a gente sente Cá dentro tivesse voz»	161
Antonio Soares — Baixa estofa	193
F. Valença	39
Hypolite Collomb — Fadista	41
José Malhôa — O Fado	51
Martinho da Fonseca — Flor da rua	97
Menezes Ferreira	251
Roque Gameiro — A Severa	129
Saavedra Machado — Cabeça de meretriz	225
Santos Silva (Alonso) — A Dama das Camelias	33
Stuart de Carvalhaes	5
«Esperando»	65
A actriz Berthe Baron no papel de *Gigolette*	22

ACABOU DE SE IMPRIMIR ESTA ANTOLOGIA DE POETAS NA IMPRENSA DE MANOEL LUCAS TORRES, EM LISBOA, RUA DO DIARIO DE NOTICIAS, 57 A 61, AOS 27 DE MAIO DE 1920

PQ
9161
P7F6
1920

Forjaz de Sampaio, Albino
O livro das cortesãs
[2. ed. muito augm.]

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY